



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ENTRE O MAR E A ESCOLA:
OS PROCESSOS FORMADORES QUE SE ENTRELAÇAM NAS
HISTÓRIAS ESCOLARES DAS MULHERES PESCADORAS
ARTESANAIS DA ILHA DOS MARINHEIROS - RS.**

Suzana Kaiser

Professora Dr^a. Vanise dos Santos Gomes

SUZANA KAISER

**ENTRE O MAR E A ESCOLA:
OS PROCESSOS FORMADORES QUE SE ENTRELAÇAM NAS
HISTÓRIAS ESCOLARES DAS MULHERES PESCADORAS
ARTESANAIS DA ILHA DOS MARINHEIROS - RS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande-PPDEDU\FURG.

Linha de Pesquisa:

Educação, Linguagens e Utopias

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª Vanise dos Santos Gomes

Rio Grande

2014

SUZANA KAISER

**ENTRE O MAR E A ESCOLA:
OS PROCESSOS FORMADORES QUE SE ENTRELACAM NAS
HISTÓRIAS ESCOLARES DAS MULHERES PESCADORAS
ARTESANAIS DA ILHA DOS MARINHEIROS - RS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande- PPDEDU\FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Vanise dos Santos Gomes (Orientadora – FURG)

Dr^a. Caroline Terra Oliveira

Dr. Vilmar Alves Pereira (FURG)

Rio Grande

2014

Dedico,

este trabalho a todas as mulheres da pesca artesanal, em especial às mulheres da Ilha dos Marinheiros – RS, que defendem e lutam juntas pela valorização da categoria.

Agradecimentos

A orientadora, Vanise dos Santos Gomes, pela acolhida, pela escuta sensível e atenta nas orientações ao longo da trajetória de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Aos professores da banca de qualificação e defesa da dissertação, agradeço pelas valiosas orientações e aprendizagens.

Ao grupo de estudo intitulado “Roda dos Sentidos” agradeço pelos intensos momentos de estudo, pela partilha da alegria e pelas aprendizagens construídas sobre a temática: mundo do trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, bem como ao funcionário Gilmar Conceição, agradeço pela colaboração, pelas aprendizagens e pelos agradáveis diálogos.

Aos educadores participantes do Projeto “Educação para Pescadores” agradeço pela acolhida carinhosa.

Às mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros agradeço pela acolhida e preciosa colaboração na presente pesquisa.

A meu pai Leo e minha mãe Iara agradeço pelo aconchego familiar e pelas palavras de incentivo.

Aos meus irmãos Samuel e Moacir pela amizade e pelo carinho.

A Lúcia, minha querida Dinha, agradeço pelo amor e pela atenção.

A todos os meus familiares, aos “Kaiser” e aos “Hatwig”, os meus humildes agradecimentos.

Aos meus amigos, agradeço pelos momentos de escuta, de descontração e de alegrias.

Ao meu amigo, parceiro, companheiro de todas as horas e noivo Frank Gonçalves Pereira, agradeço por me apresentar a Ilha dos Marinheiros, pelos diálogos intensos no decorrer desses dois anos de estudo, pelos abraços de incentivo e, principalmente, por me acalmar com sábias palavras de tranquilidade nos momentos em que precisei.

Ao Giovani e a Marilúcia, por me acolher com tanto carinho e serem hoje, também minha família.

A CAPES pelo incentivo e esta pesquisa através da concessão de bolsa de mestrado.

Enfim, expresso meus agradecimentos a todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado e contribuíram para a realização deste estudo.

Índice de Figuras

Figura 1: São Paulo das Missões – RS.....	22
Figura 2: Vista da Ilha dos Marinheiros à Rio Grande – RS.....	26
Figura 3: Homens e mulheres participantes do PEP no ano de 2011, na Ilha dos Marinheiros.....	60
Figura 4: Fluxograma da codificação das unidades de significado.....	66
Figura 5: Mapa de localização da Ilha dos Marinheiros.....	71
Figura 6: Mosaico de imagens da Ilha dos Marinheiros.....	75
Figura 7: Ponte de acesso à Ilha dos Marinheiros.....	77
Figura 8: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa.....	79
Figura 9: Esquema da análise dos dados.....	99

Índice de Tabelas

Tabela 1: Número de Participantes do PEP.....	91
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1: Sistematização das datas dos encontros para a produção dos dados da pesquisa.....	61
Quadro 2: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa.....	63
Quadro 3: Categorização inicial.....	66
Quadro 4: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa. (Arquivos da Autora).....	87
Quadro 5: Documentação exigida para o exercício da Pesca Artesanal.....	150

Geografia da Pesquisa

Apresentação	12
I CAPÍTULO – Palavras que contam um pouco de mim.....	17
1.1 – Rumo à Ilha dos Marinheiros, por onde andei: Definição do tema de pesquisa	20
1.2 – Aprender a pesquisar e as muitas andanças: O despertar pela Educação de Jovens e Adultos	27
1.3 – A pescaria que eu vivia e a pesca que vivo hoje: as redes não são mais as mesmas.....	31
1.4 - A valorização e reconhecimento das pescadoras artesanais	37
1.4.1- O encontro com a justificativa de pesquisa.....	40
II CAPÍTULO – As construções da rede da pesquisa: a costura e os remendos dos caminhos metodológicos	48
2.1 – Diálogo sobre pesquisa qualitativa.....	50
2.1.1- Devaneios de reinventar-se pesquisadora... ..	54
2.2 – Rasgos na rede: as questões de pesquisa.....	56
2.3 – Quem costura e quem remenda as redes de pesca?	58
2.4 – O pescado: a produção de dados	61
2.5 – Interpretações dos dados	64
III CAPÍTULO – Um pouco de história sobre a Ilha dos Marinheiros e o diálogo sobre a pesca artesanal nesta comunidade.....	68
3.1 – Um pouco da história da Ilha dos Marinheiros	70
3.2 – Como chegar até a Ilha dos Marinheiros?.....	75
3.3 – A pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS	77
IV CAPÍTULO – As histórias que compõem uma história: Contextualização do Projeto Educação para Pescadores.....	84
4.1- Uma Narrativa sobre o Projeto Educação para Pescadores	86
V CAPÍTULO – A Despesca	97
5.1 – Metatexto 1: A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais.....	103

5.2 – Metatexto 2: A volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação.	123
5.3 – Metatexto 3: O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão	137
VI CAPÍTULO – Considerações Finais.....	155
Referências Bibliográficas	161

RESUMO

A presente investigação se insere na linha de pesquisa Educação, Linguagens e Utopias do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEDU\FURG e teve como problemática central compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros, situada às margens da Lagoa dos Patos, na cidade do Rio Grande (RS). A pesquisa justificou-se em virtude da desvalorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras artesanais dentro do ciclo produtivo pesqueiro artesanal, as quais buscaram a escola novamente em suas vidas por meio de um Projeto de Educação formal destinado a jovens e adultos moradores de uma comunidade tradicional de pesca artesanal. A investigação construída se enquadra na metodologia qualitativa de pesquisa. A produção dos dados constituiu-se de quatro encontros junto a três mulheres pescadoras artesanais e foram utilizados diferentes instrumentos investigativos para produção dos dados: entrevistas semiestruturadas e observações registradas em Diário de Campo. Para a interpretação dos fenômenos investigados, utilizou-se a Análise Textual Discursiva (ATD), composta primeiramente pela unitarização dos dados, seguido da categorização dos mesmos, captação do novo emergente e a reconstrução textual. Compreende-se a metodologia de pesquisa como parte integrante da construção contínua de todo o processo investigativo. O estudo fundamentou-se nas contribuições teóricas de autores como Maria Cristina Maneschy, Paulo Freire, Caroline Terra de Oliveira, Antônio Diegues, entre outros. Neste estudo foram três as categorias que emergiram: A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; A volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação; O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão. Nesta última categoria as participantes da pesquisa falaram sobre o que é ser pescadora artesanal e se apresentaram enquanto profissionais da pesca artesanal, assim como reconheceram a atuação das famílias em prol das comunidades tradicionais. Na primeira categoria, os diálogos com as participantes da pesquisa, aliados as interlocuções teóricas possibilitaram a compreensão sobre o que pensam e dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre suas experiências escolares, apresentado suas vivências escolares em escolas distintas, porém ambas as experiências compuseram seus processos de escolarização. Contudo, enfatiza-se na segunda categoria que voltar à escola possibilitou novas releituras de mundo para as pescadoras artesanais, fortalecendo a autonomia das mulheres em prol da luta pela valorização da categoria em meio à crise socioambiental enfrentada pelas comunidades pesqueiras tradicionais.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Processos de Escolarização. Mulheres Pescadoras Artesanais. Valorização dos Processos de Trabalho.

ABSTRACT

This research is part of the Research Education, Languages and Utopias of Post - Graduate Education of the Federal University of Rio Grande line - PPGEDU \ FURG and was the central issue to understand what are the processes that intertwine trainers in school stories women artisanal fishers Island Sailors, situated on the banks of the Lagoa dos Patos in Rio Grande (RS). The research was justified due to the devaluation of the work done by women artisanal fishers within the production cycle artisanal fishing, which sought the school again in their lives through a formal Education Project for young people and adults living in a traditional community artisanal fishing. The research built falls in qualitative research methodology. Data production consisted of four meetings with three artisanal fisherwomen and different investigative tools for production data were used: semi-structured interviews and observations recorded in Field Journal. For the interpretation of the investigated phenomena, we used the Textual Discourse Analysis (ATD), composed primarily by unitarization of data, followed by the categorization of the same, capture new and emerging textual reconstruction. We understand the research methodology as part of the ongoing construction of the entire investigative process. The study was based on the theoretical contributions of authors like Maria Cristina Maneschy, Paulo Freire, Caroline Terra de Oliveira, Antonio Diegues, among others. In this study there were three categories that emerged: The school of today and yesterday the school: the school experiences of women artisanal fishers: back to school for women artisanal fishers: building feelings of emancipation; What women say about artisanal fishers profession. In the latter category the research participants spoke about what is artisanal fisher and presented themselves as professionals artisanal fisheries as well as recognized the role of families in favor of traditional communities. In the first category the dialogues with the participants, allies theoretical dialogues provided an understanding about what they think and say artisanal fisherwomen about their school experiences, presented their school experiences in different schools, but both experiences composed their schooling processes. However it is emphasized in the second category, go back to school reinterpretations of possible new world for artisanal fishers strengthening women's autonomy in favor of the struggle for recovery category amid the environmental crisis faced by traditional fishing communities.

Keywords: Youth and Adult Education. Processes of Schooling. Women Fisherwomen. Valuation of Work Processes.



Apresentação

A presente investigação intitulada **“Entre o mar e a escola: os significados dos processos de escolarização de mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS”** trata-se de um estudo investigativo científico inserido no âmbito da linha de pesquisa “Educação, Linguagens e Utopias” do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEDU\FURG. A pesquisa integra as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização- NEEJAA\FURG, tendo como problemática central de pesquisa o seguinte questionamento: *“quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros (RS)”?*

Para tanto, destaca-se os objetivos específicos que entrecruzaram a investigação: conhecer as narrativas sobre as experiências escolares de mulheres pescadoras da Ilha dos Marinheiros; compreender a constituição dos sentidos de “ser-pescadora” expressa nas vozes das mulheres pescadoras; compreender as especificidades do Projeto “Educação para Pescadores” no que se refere à oportunidade de voltar a estudar.

Apresenta-se a abordagem da pesquisa qualitativa para a investigação, uma vez que vai ao encontro da compreensão dos fenômenos sociais pesquisados. A produção dos dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas e a constante escrita no diário de campo em momentos anteriores e posteriores aos encontros realizados, proporcionando intensas reflexões ao longo da trama investigativa. A produção dos dados foi norteadada pela metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD), como possibilidade de considerar as aprendizagens construídas e a transformação da pesquisadora nos processos de compreensão dos fenômenos investigados.

O estudo teve como cenário investigativo a Ilha dos Marinheiros, localizada no estuário da Lagoa dos Patos no município do Rio Grande\RS. Possuindo cerca de 1.400 moradores, a Ilha dos Marinheiros divide-se em quatro comunidades: Bandeirinhas, Porto do Rei, Marambaia e Fundos da Ilha (Coreia). Os setores econômicos que movimentam a localidade são a pesca artesanal e a agricultura familiar.

No decorrer dos caminhos percorridos deste estudo, os olhares foram direcionados para os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares de

três mulheres pescadoras artesanais. Para tanto, organizou-se três encontros individuais e um encontro coletivo, logo, ao levar em consideração a importância dos aspectos éticos de investigação, os encontros foram gravados, transcritos e devolvidos para as participantes da pesquisa. No decorrer dos encontros foram utilizadas estratégias diversificadas, tais como, entrevistas semiestruturadas, relatos escritos e diálogos.

O critério de escolha das colaboradoras da investigação foi definido levando-se em consideração mulheres nascidas na Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS, que vivem a pesca artesanal desde sua infância até os dias atuais e que buscam a escola novamente em suas vidas, sendo elas, moradoras das quatro comunidades diferentes do entorno da Ilha dos Marinheiros. Além disso, o envolvimento das mulheres pescadoras no Projeto “Educação para Pescadores” há mais de dois anos, visto que a ação acontece desde o ano de 2009 na comunidade.

Sendo assim, conto em palavras a geografia da pesquisa, uma vez que esta não só resulta na sistematização de como o estudo foi construído, mas também, como sendo uma maneira dos interlocutores se fazerem presentes nos momentos da escrita, já que a todo o momento, interpelaram a investigadora em constituição. Apresento o estudo, dividido em cinco momentos.

No primeiro capítulo, intitulado **“Palavras que contam um pouco de mim”**, busco em forma de narrativa poética, ao longo da escrita, o encontro da pesquisadora com a temática de estudo, a Educação de Jovens e Adultos e as justificativas que levaram-me a pesquisar os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros (RS). Logo, ao procurar em meio às lembranças, afirmo que pesquisar é processo contínuo de reinvenção das aprendizagens, partindo de questionamentos despertados dentro dos contextos sociais que nos constituem desta forma, estão presentes em nossos processos formadores. Nesse sentido, a não linearidade dos fatos na escrita é previsível quando, busca-se por atribuir sentidos aos fatos e não somente contá-los.

Destaco então, neste primeiro capítulo, a busca do reencontro com “o novo” a partir do já vivido, que está guardado nas lembranças e constituem a pesquisadora. Trago as palavras de Paulo Freire (2001) e de Mário Osório Marques (2011), autores que afirmam a constante reinvenção dos significados dos fatos e dos processos constituidores da pesquisa e de quem pesquisa. Ainda, ao longo do capítulo, destaco os

conceitos da pesca como lazer e da pesca como meio de sobrevivência, indo ao encontro das escritas dos autores Ricardo Antunes (2011) e Thompson (1998).

“As construções da rede da pesquisa: a costura e os remendos dos caminhos metodológicos” intitula-se como sendo o segundo capítulo da investigação, no qual escrevo os percursos metodológicos que norteiam o estudo proposto. Para tanto, utilizo a metáfora da “construção da rede de pesca artesanal” com o intuito de mostrar a importância desta ferramenta de trabalho para a pescadora e o pescador artesanal comparando-a com a importância da articulação metodológica utilizada pela pesquisadora ao longo dos caminhos da pesquisa.

Dessa maneira, respaldo o estudo na metodologia de pesquisa qualitativa embasando as discussões propostas pelos autores: Minayo (2011), Brandão (2001) e Mário Osório Marques (2011). A seguir, para a produção de dados da pesquisa e análise dos dados produzidos, foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva (ATD), dos autores Roque Morais e Maria do Carmo Gagliuzzi (2007), propondo um processo contínuo de análise e desconstrução dos dados, levando em consideração o contexto em que foram produzidos os dados, desta maneira, compreende-se o processo investigativo integrado.

Após contar sobre quais foram os caminhos metodológicos percorridos no decorrer do estudo, escrevo no terceiro capítulo o cenário de pesquisa intitulado **“Contando com um “olhar forasteiro” sobre a Ilha dos Marinheiros e dialogando sobre a pesca artesanal na cidade do Rio Grande - RS”**. Busco trazer em breves palavras o lugar Ilha dos Marinheiros e as suas muitas histórias. Utilizo o livro “A Ilha dos três Antônio” escrito no ano de 2003, por Anna Lucia Dias Marisson Azevedo que conta sobre sua terra natal, a Ilha dos Marinheiros. No terceiro capítulo, contemplo a discussão sobre o contexto da pesca artesanal para a Ilha dos Marinheiros, fazendo um breve resgate histórico sobre a economia pesqueira artesanal e industrial para a cidade do Rio Grande - RS. Sendo assim, utilizo os autores Oliveira (2013) e Diegues (1983) no decorrer da discussão.

Sob o título **“As histórias que compõem uma história: Contextualização do Projeto Educação para Pescadores”** apresento o Projeto “Educação para Pescadores”, espaço oportunizado para o retorno à escola para jovens e adultos ilhéus. Logo, ao longo da escrita, destaco as falas dos sujeitos participantes do Projeto, para dar-lhes legitimidade e pontuar o quanto a ação é significativa para os sujeitos. Neste sentido,

busco na “metáfora dos espelhos distorcidos” de Michel Backtim (1997), a desconstrução das representações dos olhares sociais sobre a Educação de Jovens e Adultos e os sujeitos que na modalidade estão inseridos. Entretanto, busco dialogar a respeito da inexistência de políticas públicas na EJA, utilizando os escritos de Haddad (2001; 2004), Masagão (2008) e Soares (2005). Ainda, a respeito da Educação de Jovens e Adultos, encontro a discussão da Educação Popular e trago os autores Brandão (2001), Arroyo (2001).

E, por final, no capítulo 5, intitulado “**A Despesca**” foi abordada as análises dos dados produzidos. Apresento a escrita de três artigos, os quais buscam contemplar os objetivos específicos de estudo e correspondem as três categorias finais emergentes do estudo: A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; A volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação; O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão. O primeiro artigo problematizou as vivências escolares das mulheres pescadoras artesanais junto à escola do ontem e a escola do hoje, sendo assim, buscou-se compreender as histórias escolares que compõem os processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais. O segundo artigo apresenta os sentimentos que perpassam a volta à escola. E a terceira escrita corresponde às falas das mulheres pescadoras artesanais a respeito da profissão. A opção pela escrita de artigos científicos justifica-se pela intenção de compartilhar com a comunidade acadêmica o estudo investigativo que foi desenvolvido.

Para as aberturas dos capítulos que compõem esta dissertação, trago fotografias tiradas no decorrer dos caminhos percorridos ao longo da investigação. Acredito que as fotografias expressam sentimentos que dão vida ao estudo realizado.

Busquei, então, na arte de combinar as palavras, apresentar a pesquisa que originou esta dissertação de mestrado, com a tentativa de compreender o que dizem as mulheres pescadoras sobre os processos formadores que se entrelaçam em suas histórias escolares. Portanto, é indo ao encontro sobre o que falam as mulheres pescadoras artesanais, que construo os argumentos e a produção de significados desta dissertação.



I CAPÍTULO – Palavras que contam um pouco de mim

Inauguro esta narrativa pretendendo, com a leveza das palavras, a não preocupação com a linearidade dos fatos, mas proponho-me, de uma maneira singular e distinta, buscar nas lembranças o encontro dos significados que ali estão guardados. Igualmente, não me detenho com a ordem dos fatos, mas a intensidade com que foram vividos. O constante vai e vem das lembranças aparecem em meu interior como se fossem “flashbacks”. Consigo ver “as cenas vividas” transbordando o sentimento gostoso lembrado e expressado em meu semblante, com um olhar parado e um sorriso de ternura em meus lábios.

Acredito que esta seja eu escrevendo sobre a maneira como escrevo, sobre como me constituo enquanto escritora. A narrativa poética, acredito ser, o que melhor se aproxima da liberdade de expressão, o que permite o retorno, a espontaneidade no âmago do meu ser, deixando fluir as palavras aproximadas dos sentimentos. Com isso, a maneira de escrita carrega marcas do eu, sujeito escritora. Desta forma, vejo a proximidade dos interlocutores ocultos, os quais estão presentes e acompanham o percorrer dos processos de escrita. Lembro-me de Mário Osório Marques (2006), ao trazer em suas palavras de uma maneira tão próxima a este sentimento sobre os diferentes interlocutores que invadem o ser escrevente no processo de escrita...

Ao escrever estou sob a mirada de muitas leituras. Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz de eu escrever uma interlocução de muitas vozes, uma amplificação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de novos saberes. (MARQUES, 2006, p.28)

Ao aproximar os interlocutores, procuro com a linguagem escrita, expressar os sentimentos dos fatos vividos, entrelaçados com a investigação científica que, de alguma forma, parte de desejos, inquietações e curiosidades já experienciadas pela pesquisadora em constituição. Logo, os sentimentos, são de alguma forma, o despertar para o compromisso político da pesquisa com a construção social do conhecimento e a transformação da realidade.

Ao revisitar as lembranças percebo que a investigação científica parte do desejo de reconhecer “o novo”, pesquisar é desafiar o conhecimento que construímos ao longo de nossas andanças. De acordo com Marques (2006, p. 94), “o campo da investigação deve ser objeto privilegiado do desejo de encontrar o novo, do que está enraizado em nossa existência”. Sendo assim, continuo com as palavras do autor, pesquisar é também

“lançar-se a procura de algo diferente, guiado pelo desejo de encontrar algo novo, o inusitado, o sequer por nós suspeitado, o original, porque é descoberta nossa isso é pesquisar”. (*ibidem*)

Neste primeiro capítulo, ao contar sobre as vivências, reencontro o novo, no movimento de revisitar o passado. Talvez o que antes tinha passado despercebido (se é que estava despercebido), venha hoje ao encontro da investigação proposta. Com esse viés, objetivo neste **primeiro capítulo**, intitulado “**Palavras que contam um pouco de mim**” entrelaçar os tempos vividos no decorrer da minha constituição, enquanto pesquisadora em intensos processos de procura por aprendizagens e formação. Desta forma, este primeiro ensaio escrito está subdividido em quatro subcapítulos.

No primeiro subtítulo, “**Rumo à Ilha dos Marinheiros, por onde andei: definindo o tema de pesquisa**”, contemplo as andanças percorridas na construção do tema de investigação, a saber, “compreender quais os processos formativos de escolarização de mulheres pescadoras artesanais”. Também o encontro, após vir de São Paulo das Missões\RS, a Ilha dos Marinheiros, Rio Grande (RS), ao percorrer as extremidades do mapa do Rio Grande do Sul, da região noroeste a região sul.

No **segundo subtítulo**, narro o encontro com a temática Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as primeiras vivências experienciadas com pesquisa no Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização (NEEJAA\FURG), as quais foram marcadas por intensas aprendizagens. Desta forma, o intitulo como “**Aprender a pesquisar e as muitas andanças: o despertar pela Educação de Jovens e Adultos**”.

“**A pescaria que eu vivia e a pesca que vivo hoje: as redes não são mais as mesmas**” constitui o **terceiro subtítulo** deste capítulo. Nele, contemplo lembranças das pescarias de meu avô Otto pelo Rio Uruguai, momentos vividos com muita intensidade e rememorados com saudade. Em meio às lembranças discuto sobre dois conceitos de pesca: como lazer e como modo de sobrevivência. Por isso, no título, o verbo “pescar” empregado em dois contextos semânticos para dar a tonalidade de tempos que vivi e que relembro para compreender a pesca que vivo atualmente.

Assim, trago no **quarto momento** da escrita “**A rede inacabada: vamos ao mar?**” os processos de valorização da força de trabalho de mulheres pescadoras artesanais, ao levar em consideração que são as mulheres pescadoras participantes da investigação. Busco, desta forma, um aprofundamento no que diz respeito ao

reconhecimento destas, enquanto trabalhadoras participantes dos modos de produção da pesca artesanal.

Ao trazer nestes primeiros ensaios alguns anúncios da composição deste primeiro capítulo da dissertação, procuro fazer das palavras escritas um espaço de acolhida a quem lê e convidar para ser hospede em meu refúgio escrito.

1.1 – Rumo à Ilha dos Marinheiros, por onde andei: Definição do tema de pesquisa

Pesquisa é processo, assim acredito que uma investigação não nasce da “noite para o dia”. Em meio ao emaranhado de pensamentos, ideias e construções do pesquisador, os sentidos aos poucos são afirmados ao buscar por um estudo específico. O ato de pesquisar é compreendido como sendo um exercício de desacomodação em relação ao contexto em que vivemos, logo, é, também, um movimento de envolvimento com a compreensão construída da realidade vivenciada. Trago para iniciar o diálogo o envolvimento de quem pesquisa no ato de investigar, portanto, empenho constante; aprofundamentos teórico-metodológicos, escritas e questionamentos problematizados criticamente; olhares curiosos; interpretações e compreensões da realidade. Enfatizo assim, que pesquisar é ato vital que constitui o ser humano dentro dos processos de construção de aprendizagens e descobertas significativas.

Compreendendo a pesquisa enquanto processo, percebo-a como percurso transitório da leitura da realidade, acreditando desta maneira, que a construção do conhecimento é movimento, é buscar pelo inusitado. Paulo Freire (2001, p. 172), afirma que “todos os saberes possuem historicidade”, dizer isto é entender que nossos saberes são construídos durante a história, logo, um novo saber possui um conhecimento antecedente. Continuando com as palavras do autor “o saber novo nasce da velhice de um saber. E já nasce com humildade de quem espera que um dia envelheça e passe a ser reconstruído um novo saber”. (*ibidem*)

Percebo que contar os caminhos andados por quem pesquisa até se chegar à investigação proposta, é procurar nas lembranças vividas a velhice dos saberes, para então, a partir deste movimento, reconstruí-los e (re) significá-los, na busca de outras aprendizagens. Acredito que os conhecimentos são construídos de maneira significativa quando entrelaçados com a nossa história de vida, desta maneira, compreendo quem investiga como eterno aprendiz.

Utilizo para escrever um pouco sobre mim, a **metáfora da caixa de surpresas**, por compreender que as lembranças são guardadas e lembradas com o sentimento de carinho, ao serem redescobertas. Assim, entendo as vivências, como se estivessem guardadas em uma caixa, e ao abrir a caixa, encontro às surpresas, acompanhadas de sentimentos ressignificados.

É revisitando as histórias que fazem parte das minhas vivências que busco nas lembranças, significados construídos pelos rumos da minha história de vida. Este revisitar é como se eu tivesse em mãos uma caixa de surpresas e dentro dela pessoas, sentimentos, imagens, sons e cheiros que fazem parte deste contar e fazem sentir o movimento que move esta história.

A caixa de surpresas vem a ser o encontro com as lembranças do passado e os seus significados que antes pareciam estarem “adormecidas”. Hoje, ao serem acordadas, vão ao encontro da temática de pesquisa por hora apresentada: “compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais”. Nessa ótica, as surpresas passam a ser os novos saberes construídos a partir do antes vivido. Junto à caixa de surpresas aparecem pessoas e imagens que passam a ter sentido no tempo presente. Desta forma, passado e presente se entrelaçam nos percursos da pesquisa.

Ao abrir a caixa, a primeira imagem que pego em mãos é da minha família, meu pai, minha mãe, meus irmãos, a Dinha e junto a esta imagem, aparece o sentimento de saudade. Em seguida, olho para o lado e vejo outra imagem. Pego-a em minhas mãos, e começo a olhar cuidadosamente, vendo outras pessoas: Frank, Marilúcia, Giovani. E assim, olhando para as duas imagens, cada uma com pessoas, sentimentos, lugares, lembranças, diferentes, começo a contar por onde andei e por onde tenho andado.

Ao trazer o sentimento de saudade junto a minha família, falo de outro lugar: São Paulo das Missões, cidade situada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, minha terra natal. Um lugar de colonização alemã que por possuir um número que considero pequeno de habitantes, cerca de 7.000 mil, mantém um convívio harmonioso, acolhedor, sentimentos estes que passam a ser transmitidos pelas ruas no cumprimento das pessoas, pelo sentimento de comunidade construído e pela preocupação de uns com os outros. Mesmo não morando neste lugar há mais de sete anos, ainda falo em “lá em casa” quando informo sobre alguma lembrança do lugar vivido na infância e na adolescência. O sentimento de pertencer a São Paulo das Missões (RS), mesmo não

convivendo com os paulistanos cotidianamente, é construído nos caminhos vida afora, ao carregar as marcas culturais desta comunidade em meu jeito peculiar de falar, quando o som das letras “e” e “r”, na pronúncia das palavras, soam mais fortes aos ouvidos dos outros.

A cidade de São Paulo das Missões (RS), também é conhecida como “Cantão Suíço das Missões”, por sua semelhança geográfica com a Suíça. Trago uma imagem (Figura 1) de minha terra natal para representar o lugar que descrevo.



Figura 1: São Paulo das Missões – RS. Fonte Prefeitura Municipal de São Paulo das Missões. Disponível no site: <http://www.saopaulodasmissoes.rs.gov.br/Publico/Default.aspx>. Acessado em 1º de junho do ano de 2013, às 21 horas e 37 minutos.

Hoje ao olhar para o ontem, e abrir novamente a caixa de surpresas, me vejo no ano de 2007, ano em que deixo o colo dos meus pais e venho para Rio Grande, cursar o Ensino Superior, o Curso de Pedagogia Licenciatura, na Universidade Federal de Rio Grande \ FURG. Ano em que deixo minha terra natal, São Paulo das Missões (RS). Ano definido como sendo "o novo". Morando em Rio Grande, especificamente na praia do Cassino, gostava muito de ver o mar, de andar de bicicleta pela beira da praia e sentir o vento tocar em meu rosto. O novo não assustava e sim despertava a curiosidade de degustar as mais diversas experiências possíveis. Queria conhecer a cidade, os lugares, as pessoas, a cultura, pois passaria quatro anos morando nesta cidade.

Fecho a caixa, espero um pouco, pois as lembranças vão e vem em meus pensamentos, de um extremo ao outro, desde a perda de meu avô Afonso, que sempre me incentivou a seguir estudando, até o primeiro dia de "aula" no curso de graduação em Pedagogia Licenciatura, onde a curiosidade do que estava por vir falava mais alto. Lembranças vividas em um mesmo ano, mas distantes, separadas por 652 Km, pela BR-392, caminho percorrido de Rio Grande (RS) a São Paulo das Missões (RS).

Uma nova surpresa aparece dentro caixa, uma ponte, uma ilha, uma moto e duas pessoas, ano de 2009, ano em que conheço a Ilha dos Marinheiros. Sabia que Rio Grande (RS) possuía ilhas dentro do estuário da Lagoa dos Patos, mas não imaginava que a beleza era tanta. Ao conhecer a Ilha dos Marinheiros, fiquei encantada com a receptividade de acolhida dos moradores, com a paisagem, com as dunas de areia tão brancas. Os primeiros olhares foram de encantamento, de curiosidade, de descobertas.

Encontrei em Rio Grande (RS), mais especificamente na Ilha dos Marinheiros, uma família que vive da pesca artesanal. Para mim, até então, a pesca era vista como atividade de lazer, de descanso, vinda de uma região que não possui águas salgadas por perto, e sim é banhada pelas águas doces da bacia do rio Uruguai.

Costumávamos pescar nas margens do rio Uruguai, com anzóis, linhas e caniços em mãos. Aos poucos, os peixes começavam aparecer, principalmente, quando meu avô Otto lançava nas águas do rio alguns grãos de milho, técnica chamada de “sova”. Os tipos de peixes que pescávamos eram variados, tais como, Lambari, Jundiá, Bagre, Traíra, Carpa, Muçum, Piava e, muito raramente, aparecia o famoso Pintado. Já na Ilha dos Marinheiros, conheço outras técnicas de pescaria: rede de saquinho, rede de coca, berimbau, etc. juntamente com outros tipos de pescado: Camarão, Siri, Linguado, Peixe Rei, Cascotinho, Merluza, Anchova, Tainha, etc.

Pesquisando sobre alguns dados geográficos a respeito do rio Uruguai, encontro o porquê deste olhar sobre a pesca. A bacia do rio Uruguai possuiu, aproximadamente, 384.000 Km de extensão, está situada entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, abrangendo 384 municípios de ambos estados. A partir do ano de 1983, começaram a ser construídas barragens para explorar o capital hídrico do rio Uruguai, as barragens estão espalhadas pelas cidades de Passo Fundo, Itá, Machadinho, Barra Grande, Campos Novos, Monjolinho e Foz do Chapecó. Vários outros projetos estão em processo acelerado para liberação e implementação, além de dezenas de pequenas

centrais hidrelétricas que estão em estudos e provavelmente receberão suas licenças de instalação.

Estas informações foram retiradas do site do Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB)¹. O grande número de barragens está transformando a bacia num imenso lago, fragmentando o rio Uruguai, o que é compreendido como processo de degradação ambiental.

Dessa forma, utilizo o dito popular “o rio não está para peixe”, o que parece ganhar uma expressão literal em se tratando do rio Uruguai. Com a escassez da matéria prima, nos dias atuais, há poucos pescadores que sobrevivem da pesca artesanal pelo rio Uruguai.

Ao viver na Ilha dos Marinheiros a primeira safra do camarão, que acontece no período de liberação da pesca, iniciando no mês de fevereiro e terminando no mês de maio, comecei aos poucos, desconstruir o olhar sobre a pesca, neste sentido, percebi que a pesca artesanal é o meio de sobrevivência para muitas pessoas. Principalmente, para os pescadores da Lagoa dos Patos, moradores da Ilha dos Marinheiros, a principal fonte de renda econômica é a safra do Camarão.

Vivenciando junto a Ilha dos Marinheiros, ou seja, o cotidiano do que é ser pescador e a divisão social do trabalho que ocorre dentro da categoria, percebo que o trabalho envolve tanto a mulher pescadora, como o homem pescador na pesca artesanal. Logo, reconheço dentro dos processos de produção da pesca artesanal, tanto o homem pescador como a mulher pescadora, como profissionais da pesca.

Além dos questionamentos que giravam em torno da pesca artesanal da Ilha dos Marinheiros, outras problematizações procuravam por respostas, como o índice analfabetismo entre os pescadores e seus processos de escolarização interrompidos, pois ouvia relatos de Projetos ofertados para o jovem e o adulto ilhéu, porém estes foram interrompidos pelo alto índice de evasão.

Meu olhar direcionava-se para o jovem e o adulto, pois estive envolvida com pesquisa nesta área de estudos deste o ano de 2008, participando do Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização. Ineri-me, na época, nas discussões que envolvem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os sentidos sociais atribuídos a quem pertence a esta modalidade de ensino.

¹ <http://www.mabnacional.org.br/noticia/saiba-mais-sobre-barragens-na-bacia-do-rio-uruguai>. Acessado em 08 de março de 2013 às 21 horas e 03 minutos.

Os trânsitos pelas discussões relativas à EJA e, além disso, as vivências que tenho na Ilha dos Marinheiros provocaram-me inquietações, convidando-me a pensar sobre os contextos sociais que constituem o lugar, despertados a partir de participações em episódios sociais e políticos atribuídos à pesca, ou, em espaços de confraternização e festejos permeados de culturas construídas pelo povo ilhéu.

Refletir sobre as vivências constroem o sentimento de pertencer ao espaço vivido. É com esse sentimento de pertencimento que propus o estudo investigativo que teve como cenário a Ilha dos Marinheiros.

Com o passar do tempo, a convivência com o povo ilhéu, trouxe-me a lembrança sobre a aproximação do convívio com as pessoas de São Paulo das Missões (RS), onde o sentimento de comunidade construído em ambos os lugares fizeram com que eu me aproximasse cada vez mais com o jeito peculiar, tanto da Ilha como das Missões.

Desta forma, encontro na Ilha dos Marinheiros a acolhida de que sentia falta ao chegar em Rio Grande, expressa pelo sentimento de saudade descrito no início desta escrita. Ao estar na comunidade, parece que estou em casa, é como se eu pudesse de alguma maneira aproximar o lugar de onde chego ao lugar onde estou. Sinto-me livre, tranquila. Acredito serem estes os sentimentos, ou melhor, a construção de “laços topofílicos²” com a Ilha dos Marinheiros, que revelam as múltiplas facetas da interação coletiva do ser humano com o lugar vivido.

Procurando, dentro de minha caixa de surpresas, a Ilha dos Marinheiros, logo a encontro. Olho, então, outra imagem da cidade de Rio Grande. Mesmo sabendo que, a Ilha dos Marinheiros é parte do município, com as duas imagens em mãos, percebo dois mundos: um banhado pela Lagoa dos Patos e o outro voltado para o mar. A seguir, trago uma imagem da Laguna dos Patos e da cidade de Rio Grande vistas a partir da Ilha dos Marinheiros (Figura 2)

² A topofilia é um fenômeno tratado por Bachelard, na obra *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pédua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



Figura 2: Vista da Ilha dos Marinheiros à Rio Grande – RS. Fonte: Suzana Kaiser.

Ao escrever sobre os dois mundos que percebo nas imagens, destaco que ambos fazem parte de um mundo, porém, um voltado para a Lagoa dos Patos: a Ilha dos Marinheiros; e o outro voltado para o mar: cidade do Rio Grande. Quero dizer que, ao estar na Ilha dos Marinheiros e olhar para a cidade do Rio Grande, percebo que o planejamento urbano da cidade, atualmente, desenvolve-se em direção litorânea, para o mar, mais especificamente, para o desenvolvimento acelerado da industrialização do Polo Naval. Logo, ao olhar a cidade estando na Ilha dos Marinheiros, percebo que Rio Grande parece crescer de costas para a Ilha, diferente de anos passados, quando o município destacava-se dentre os outros, como o principal produtor de pescado. Para tanto, destaco a localização das antigas fábricas de pescado, a maioria encontra-se abandonada distribuídas pelas ruas do cais do Porto Velho, localizado nas margens da Lagoa dos Patos e de frente para a Ilha dos Marinheiros.

Acredito ser a questão de acesso, um dos motivos da Ilha dos Marinheiros tornar-se desconhecida para muitos riograndinos, que até os anos 90 era por meio uma pequena balsa com horários reduzidos, ou por pequenos barcos que faziam e, até hoje fazem, a travessia de passageiros pelo Porto do Rei. No ano de 2004, foi concluída a ponte para facilitar o deslocamento a esta comunidade, possibilitando, assim, o tráfego de ônibus e caminhões que antes não era possível ser feito. Atualmente, duas vezes semanais, nas terças-feiras e sextas-feiras, o ônibus do transporte coletivo urbano da cidade do Rio Grande passa pela parte da manhã e retorna na parte da tarde, da cidade para a Ilha.

A Ilha dos Marinheiros é, ainda, desconhecida pelo pouco incentivo dos órgãos públicos ao turismo. Enfim, o desconhecido deixa a Ilha dos Marinheiros esquecida

pelos órgãos públicos, carente de recursos e ausência de incentivo à pesca artesanal e à agricultura familiar. No Capítulo 3 desta escrita trago a contextualização geográfica da área de estudo, a Ilha dos Marinheiros, que apresento neste momento em breves palavras.

Neste contexto, a Ilha dos Marinheiros constituiu-se como cenário de estudos, mais especificamente, com um olhar direcionado para as mulheres, educandas participantes do Projeto “Educação para Pescadores”. Tal ação vem acontecendo desde o ano de 2010, oferecendo o Ensino Fundamental e Médio para jovens e adultos moradores desta localidade. Logo, ao pensar na Ilha dos Marinheiros e no Projeto “Educação para Pescadores”, percebo que a curiosidade se faz despertada. Mesmo, não participando diretamente do Projeto, o convívio com algumas das mulheres que dele participaram, chamou a minha atenção o entusiasmo, das mesmas, na ida aos encontros, os intitulando como escola.

Percebendo, desta forma, o envolvimento destas mulheres com as atividades, a preocupação com os trabalhos e com as provas, em suas falas, aparece em vezes, o quanto o Projeto foi significativo em suas vidas. Penso que sejam estes os sentidos que me envolvem a pesquisar a Ilha dos Marinheiros, mais especificamente, as mulheres pescadoras e moradoras desta comunidade que retornam a escola.

1.2 – Aprender a pesquisar e as muitas andanças: O despertar pela Educação de Jovens e Adultos

Os movimentos que despertam meu olhar diante das andanças pelo chão da pesquisa iniciaram no ano de 2008 no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização (NEEJAA) da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, onde me inseri nas discussões sobre a EJA, buscando fazer o mapeamento das ações de Educação de Jovens e Adultos desenvolvidas na região Sul do Rio Grande do Sul.

Importa dizer que o NEEJAA desde o ano de 2003 realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Formação de Professores, Educação de Jovens e Adultos e Alfabetização. O núcleo é coordenado pelas professoras Dr^a. Cleuza Maria Sobral Dias, Dr^a. Silvana Bellé Zasso, Dr^a. Vanise dos Santos Gomes, Dr^a. Sabrina das Neves Barreto e Msc^a. Danielle Berehd, que integram o grupo docente do Instituto de Educação – IE/FURG. Atualmente, o NEEJAA não está cadastrado junto ao CNPq, pois está em movimento de reestruturação.

Acredito ser importante escrever sobre a contextualização deste estudo, pois durante minha trajetória dentro do Curso de Pedagogia Licenciatura, o projeto de pesquisa esteve presente. Por isso, neste momento da escrita, procuro contar minhas andanças e o quanto hoje, ao pensar sobre o ontem, percebo que a pesquisa que participei esteve e está muito presente em minha constituição e trajetória acadêmica e de pesquisadora sempre aprendente.

O estudo investigativo³ do qual participei, no decorrer do ano de 2008 a 2010, como bolsista de Iniciação Científica (FAPERGS), intitulado: “Diálogos em Rede: contextualização das ações de Educação de Jovens e Adultos, nos Municípios do Rio Grande, de São José do Norte, Mostardas e Santa Vitória do Palmar” foi orientado pela Professora Dr^a. Cleuza Sobral Dias. Participaram da investigação quatro municípios que fazem parte da 18^o Coordenadoria Regional da Educação, quais sejam, Rio Grande, São José do Norte, Mostardas e Santa Vitória do Palmar. Os sujeitos participantes da pesquisa foram jovens e adultos e educadores que estavam envolvidos em ações desenvolvidas na modalidade da EJA.

Aos poucos, em passos lentos, comecei a compreender as discussões construídas sobre esta modalidade de ensino, o que dizem e o que pensam os sujeitos participantes da EJA. Os caminhos da pesquisa eram vividos e me formaram enquanto pesquisadora iniciante. Foi vivenciando o estudo investigativo que comecei a participar do NEEJAA.

Aprendendo a viver a pesquisa, na tentativa de romper com o sentimento de fazer pesquisa, eu pesquisadora em iniciação, sentia, em vezes, certo desconforto dentro dos processos que se formavam no decorrer dos caminhos investigativos. Mas toda investigação é processo, o desacomodar constante é o reconstruir das novas aprendizagens. Neste sentido, os desafios investigativos eram vividos em meio a questionamentos e acalmados aos poucos, com o desenrolar da investigação.

Os percursos desconhecidos no decorrer do caminho investigativo são processos formadores da pesquisa e junto deles desacomodam os sujeitos imersos neste caminhar. Acredito ser este o movimento de pesquisa, onde junto do outro, nos movemos para a

³ O estudo investigativo intitulado: “Diálogos em Rede: contextualização das ações de Educação de Jovens e Adultos, nos Municípios do Rio Grande, de São José do Norte, Mostardas e Santa Vitória do Palmar” contou com o financiamento de duas agências de fomento a FAPERGS e o CNPq, sendo assim, dois bolsistas de iniciação científica ficaram responsáveis junto com a orientadora da pesquisa Prof^a. Dr^a. Cleuza Maria Sobral Dias pela realização da pesquisa.

construção de significados construídos ao longo do caminho da pesquisa (BRANDÃO, 2003).

Aos poucos, os passos eram andados e eu pensava: “como é bom pesquisar, ou melhor, será que é bom pesquisar?” Primeiramente, uma afirmativa, logo, um questionamento ou uma insegurança ou, talvez, uma curiosidade. A pesquisa proporcionou-me aprendizagens marcantes, dentre elas destaque, seu caráter de coletividade, aprendendo que ao pesquisar não estou só, mas sim, em companhia de quem participa da pesquisa.

Dentro do NEEJAA construí o sentimento de “ser grupo”. Estudar, construir conhecimentos e pensar juntos, em coletivo. Neste momento, escrevo sobre, “estudar, construir e pensar num coletivo” porque mesmo eu sendo a bolsista de iniciação científica “responsável” pela pesquisa, o grupo NEEJAA busca trabalhar, compartilhar aprendizagens e conhecimentos em roda⁴.

A cada momento vivido dentro das rodas de estudos, dentro do mundo da pesquisa, construía o sentimento de pertencer ao NEEJAA, sendo acolhida pelos sujeitos que do núcleo participam, pelos livros que em minhas mãos passavam e eram folheados calmamente, despertando em mim a curiosidade e o gosto pela leitura, pelo ouvir o outro em suas vivências, pelos dias passados na sala do NEEJAA. Em mãos o chimarrão, em volta a presença dos outros, dialogando em meio a risadas, a leituras, aos estudos, enfim, em muitos movimentos que aconteciam e eram vividos pelo grupo.

Eu aprendiz insaciável, com olhares curiosos despertados pela escuta das vozes dos muitos que ao meu lado compartilhavam aprendizagens, hoje, ao escrever, revivo em mim, a pesquisadora que iniciou a caminhar pelo mundo da pesquisa no ano de 2008, lembrando aprendizagens marcadas por andanças, não só, mas em grupo, com os muitos que ao meu lado estiveram.

Ao escrever sobre lembranças, não somente me vejo no passado, mas sinto o passado sendo vivido por mim. Percebo os movimentos de mudanças que fazem parte de meus processos formadores e em meus olhares, que trazem as vivências que tive e,

⁴ Rodas de formação é uma metodologia de estudo em Roda entendida como tempos e espaços coletivos e formativos para além da organização das pessoas em círculo (WARSCHAUER, 2001). Ver também, SOUZA, Moacir Langoni. Histórias de Professores de Química em Rodas de Formação em Rede: colcha de Retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 248 p.

por isso, acredito estarem mais amadurecidos e despertados para a Educação de Jovens e Adultos.

Ao dialogar com os sujeitos que participaram da pesquisa, que participei no ano de 2008 a 2010, percebi que em suas vozes traziam histórias de vida, pensamentos e sentimentos que, muitas vezes, se entrelaçavam com os meus, pois partimos de uma mesma realidade social, porém, contextualizada de modos diferentes. Nesse sentido, é em um coletivo de vozes, de sujeitos, de descobertas e de significados que a investigação se destacou em minhas aprendizagens, desta forma, dentro dos meus processos formativos.

As vivências no andar da pesquisa mostraram-me que investigar é um processo vivo. Sendo assim, os percursos do estudo, em alguns momentos, foram desacelerados, principalmente quando precisávamos ir até as escolas. Percebia que alguns educadores pareciam desconfortáveis, como se fôssemos avaliar e/ou julgar suas práticas e metodologias de ensino e aprendizagens.

Desta forma, com o cronograma definido o repensar das ações propostas dentro da pesquisa, por momentos, acontecia. Porém, esta questão não significa fragilidade do estudo e nem dos pesquisadores, e sim, mostra que o processo de investigar vai muito além do projeto inicial pensado, afinal, pesquisa se faz pesquisando.

Ainda, aponto para a incompletude presente no ato de pesquisar, não existe para mim, após, as experiências vividas, pesquisa completa. Ao dizer isso, compreendo que ao “término” de uma investigação, se é assim que posso defini-lo, vamos ao encontro de novas inquietações, estas despertadas no decorrer da caminhada investigativa, deste modo, apontam para o início de novos estudos.

Desta forma, afirmo que caminhadas dentro do ato de pesquisar, fizeram amadurecer a ideia de que um dia “eu teria a minha pesquisa”, ou melhor, eu desenvolveria um estudo que inicialmente fosse meu, e acredito que isso não seja individualismo, mas ousadia de uma pesquisadora em constituição. Pois, vivenciando a investigação, pude perceber que muitas curiosidades e inquietações sobre esta modalidade de ensino, a Educação de Jovens e Adultos, necessitam ainda serem problematizadas.

Justifico o quanto as vivências na caminhada investigativa iniciada no ano de 2008 influenciaram meus olhares quando, hoje, proponho o estudo com as mulheres pescadoras, educandas de uma ação específica da EJA, para buscar compreender em

suas vozes quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais.

Percebo, desta maneira, que ao contar sobre o encontro com a Ilha dos Marinheiros e como meus olhares se entrelaçam com o mundo da pesquisa, no subtítulo seguinte, escrevo como eu percebia a pesca como lazer no passado e, como, atualmente, percebo a pesca artesanal junto aos pescadores da Ilha dos Marinheiros.

1.3 – A pescaria que eu vivia e a pesca que vivo hoje: as redes não são mais as mesmas

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer.
(Dorival Caimmy)*

A música “Suíte de Pescador” citada acima é do cantor e compositor Dorival Caimmy, que, poeticamente, escreve sobre a vida do pescador, entrelaçando o tempo passado no mar com tempo fora das águas. Em meio à letra composta, percebo que esta fala do pescador que vai ao mar e deixa alguém a espera de sua volta. Em minha interpretação, a volta é o reencontro com a família, quando o pescador traz o sustento para sobreviver. A espera das famílias pela volta do pescador traz consigo o sentimento de esperança, de que tudo ocorra bem durante a ida ao mar, sabendo o quanto é perigosa à partida e a esperança de fazer uma boa mariada⁵. Dois mundos, o do mar e o da terra firme, mesmo sendo distintos, são entrelaçados com o pescador e o pescado.

É cantando que começo a contar à pesca que vivo hoje, pois é vivendo o presente, a pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, que me lembro do passado, onde a pesca era vivida por mim, como lazer⁶. Assim, coloco minha jangada para sair para o mar e com as águas desse mar me encharco, procuro em meio aos pescados sentimentos vividos em um passado que hoje se faz presente.

⁵ Uma boa pesca, na linguagem do pescador.

⁶ Nesta escrita a pesca como lazer possui o mesmo sentido da pesca esportiva.

A pescaria que vivi no passado é diferente da pesca que vivo hoje. Assim, como se diferencia a cor das águas, os instrumentos de pescaria, os tipos de pescados, as margens do rio, da lagoa. Começo a escrever sobre as distinções, porém, ao reviver passado e ver o presente enxergo pontos em comum: a força de trabalho, a matéria-prima e o pescador. Neste momento, então, lanço minhas redes, não para as águas do mar, mas para o mar das minhas lembranças vividas no tempo da infância e revisitando um tempo e espaço vivido.

Sou natural de São Paulo das Missões, aos três anos de idade, juntamente com minha família, comecei a residir em Porto Xavier\RS. Cidade esta, fronteira com o país vizinho Argentina, situada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, às margens do rio Uruguai. Passei grande parte da minha infância morando em Porto Xavier\RS, lembro que adorava ir até as margens do rio Uruguai, no Porto Internacional Aduaneiro que dá acesso hídrico ao Brasil e Argentina, ficava atenta observando o movimento das águas, os barcos, as pessoas que desciam das lanchas e os carros que desembarcavam da barca.

Muitas eram as histórias de pescarias no rio Uruguai que meu avô Otto contava. Histórias alegres, divertidas que terminavam em risadas e em mais outras histórias. Eram assim as tardes passadas na companhia de meu avô e de suas "histórias de pescador". Meu avô era pescador, o pescador Otto, era assim que o chamavam. Suas pescarias configuravam-se dentro do tempo de livre, fazia da pesca seu descanso e atribuía sentidos para suas pescarias. Porém, a pesca para meu avô não era sua fonte de renda, não necessitava dela para sobreviver, intitulava-se pescador por ser esta a atividade que mais gostava de realizar e buscava nela o sentido não encontrado no trabalho operário que desenvolvia junto a uma companhia de energia elétrica na cidade de Porto Xavier\RS.

Percebo que meu avô Otto, ao buscar em o seu tempo livre o sentido não encontrado no trabalho, o proporcionava uma vida cheia de sentidos fora do trabalho, como o autor Ricardo Antunes (2011), nos rastros de Marx, escreve sobre os significados do trabalho associando-os ao tempo livre,

A centralidade do trabalho se faz enquanto elemento fundamental estruturado do processo de socialização humana, dotando a vida de sentido e realização. É totalmente diferente de dizer que uma vida se resume exclusivamente ao trabalho. Na busca por uma vida cheia de sentidos, trabalho, transforma-se elemento humanizador. (ANTUNES 2011, p. 244)

Ao trazer para a escrita às configurações de tempo livre, penso nestas fora do metabolismo social do capital. Ao falar em metabolismo social capital compreendo este como sendo um modo de controle do sistema capitalista, tanto dentro dos modos de produção. Desse modo, compreendo que meu avô Otto atribuía em seu tempo livre o sentido ontológico do trabalho, uma vez que atribuiu sentidos a este tempo, trazendo-os para dentro de sua vida, os condicionando para a sua existência dentro da vida humana.

Talvez estes sejam os sentidos para explicar por que eram tão esperadas as pescarias nas férias de verão! Planos eram construídos, os instrumentos para a pesca eram organizados, vara feita de taquarinha, anzóis, linha de náilon, chumbada, entre tantos outros apetrechos que estavam em meio à caixa de madeira azul de pescaria do vovô Otto. Não posso esquecer-me da companheira que acompanhava meu avô, sua chalana a remo que dava acesso a muitos lugares rio. Em meio às organizações para o acampamento de pescaria, não poderia faltar o baralho espanhol e o rádio a pilha, vermelho, colado em algumas partes com fita isolante. A chalana, o rádio e o baralho espanhol eram companheiros inseparáveis de pescaria do avô Otto. Pareço ouvir o chiado do rádio ao não estar sintonizado, ou então, a Rádio Nagevantes\AM, com notícias e músicas.

As pescas de verão hoje são vivenciadas de maneira diferente. O verão é esperado e mais uma safra de pesca ao camarão é aberta. O pescador e a pescadora da Ilha dos Marinheiros, que por tempos estavam sem pescar, voltam ao trabalho e chamam pela esperança de fazer uma boa pescaria. Uma boa safra depende não somente da força de trabalho empregado pelo pescador e pela pescadora, mas principalmente, das condições climáticas e das ferramentas de trabalho utilizadas na captura do pescado.

A pesca antes vista, por mim, somente como modo de lazer, hoje é percebida também como sendo meio de sobrevivência daqueles que necessitam desta para criar favoráveis condições de vida. Logo, percebo que a realidade da pesca artesanal encontra-se restrita e também marcada pelos modos de produção capitalista. Hoje, ao pensar na pesca artesanal e esta como modo de lazer, percebo singularidades distintas entre estas duas esferas. Desta maneira, a pesca artesanal aponta para a manutenção e a sustentabilidade de uma vida econômica de subsistência em meio ao panorama social, político e cultural cada vez mais contrário a ela.

Atualmente, o panorama social direciona-se para o movimento acelerado da instalação de indústrias capitalistas na cidade do Rio Grande, às margens da Lagoa dos

Patos. Importa dizer, que o Polo Naval riograndino, além de contribuir para a degradação dos ecossistemas costeiros, também contribui para a invisibilidade do pescador artesanal que necessita do meio natural para sua existência, enfim, para sua vida humana. (OLIVEIRA, 2013)

A pesca esportiva aparece em meu olhar, sendo um dos atrativos que leva pessoas a praticarem a atividade sobre a ponte de acesso a Ilha dos Marinheiros. São pessoas que procuram por um tempo de livre, diferente, do tempo de trabalho vendido pelas mesmas no cotidiano de suas vidas. Os instrumentos para a realização das atividades são diferentes dos utilizados pelos pescadores artesanais. As redes são trocadas por caniços e anzóis, os botes enfeitam a paisagem do lugar, mas não são utilizados pelas pessoas para pescar. As pessoas que desenvolvem a atividade da pesca esportiva geralmente são homens e junto deles suas famílias ou amigos que participam do momento de lazer.

É interessante pensar como se configura a pesca esportiva e a pesca artesanal, momentos distintos que remetem, de um lado, a necessidade de fazer uma boa safra e, de outro, a construção de um bom dia de descanso. Percebo em ambas as atividades a presença do sistema capitalista adentrando as relações dos sujeitos com o meio inserido. O pescador e a pescadora, por exemplo, necessitam fazer uma boa safra para então receber por ela um bom capital, já o pescador esportivo utiliza a pescaria, para desenvolver em seu tempo livre uma saída da rotina acelerada de seus cotidianos.

Em meio às lembranças das pescarias com meu avô e minha família, percebo que os momentos eram vividos por nós como a procura por prazeres não encontrados na correria cotidiana, principalmente para o meu avô Otto. Seus dias eram cansativos, começavam cedo, extrapolando muitas vezes às oito horas diárias de trabalho previstas por lei. As nossas pescarias procuravam ir ao desencontro da aceleração do tempo, não tendo horas controladas e nem exigência de metas a serem cumpridas. Lembro que meu avô, sempre muito disposto, acordava antes de o sol nascer, quando as estrelas já não mais apareciam e a lua começava a se esconder, sovava um chimarrão, fazia o fogo de chão para aquecer a água e começava a preparar o nosso café, para então, logo começar a pescaria do dia.

Destaco "o tempo" e trago diferentes compreensões sobre esta categoria: "*tempo natural*" e o "*tempo do relógio*". As diferenciações de temporalidade caminham ao lado dos conceitos trazidos por Thompson (2005), que cita a compreensão do tempo natural

como sendo um marcador biológico do homem junto à natureza, e o tempo do relógio como um dos marcadores de produção dominante na sociedade capitalista.

Ao dizer isto, compreendo o tempo natural como sendo uma concepção ligada ao homem e a sua essência de vida, sendo assim um marcador natural utilizado para o seu trabalho, quando realizado em atividades como a pesca, por exemplo. Thompson (2005) denomina o tempo natural como tempo de primeira ordem. Já o tempo de segunda ordem, caracterizado pelo tempo do relógio, foi uma das reinvenções do sistema capitalista, cujo objetivo é o controle e a aceleração dos modos de produção.

Realço as questões sobre o tempo, pois as percebo presente dentro da pesca esportiva e da pesca artesanal, em consequência dos processos de urbanização e de produção mercantil mergulhados na modernidade. Ressalvo que tanto a pesca como lazer (esportiva) quanto à pesca artesanal, refletem o tempo natural oriundos da dinâmica ambiental dos estoques pesqueiros e do clima, porém há de se convir que ambas modalidades de pesca estão submetidas ao tempo do relógio, isto é, às pressões socioambientais e socioeconômicas que resultam em calendários de pesca, períodos de defeso, cadeia produtiva do pescado, entre outros. No entanto, entendo que o tempo natural ainda é presente no dia a dia dos pescadores artesanais, moldado em um ritmo peculiar dentro das suas atividades, considerado para os pescadores como sendo “o tempo lento”, em contraposição ao ritmo urbano-industrial, da disciplina, da fábrica e da produtividade do capital.

O tempo lento vem a ser a dinâmica da natureza, sendo assim, mais devagar que a dinâmica social. Por exemplo, o pescador espera durante oito meses pelo crescimento do camarão, para então, quando a pesca for liberada, lançar-se ao mar e no decorrer de quatro meses produzir o sustento do ano inteiro. Sendo assim, no período de safra, o pescador gera o sobretrabalho, que vem a ser o excesso de tempo empregado na força de trabalho por ele realizado. (MARX, 1868)

O tempo do relógio é percebido na atividade pesqueira tradicional como a inserção dos pescadores nos processos modernos. Já, o tempo natural aparece no cotidiano do pescador, na alternância da pesca em seus ciclos internos, uma vez que os pescadores seguem a mobilidade das espécies em cada safra, baseados nos movimentos das marés, dos ventos e da influência dos astros no exercício da atividade pesqueira tradicional. Sendo assim, o tempo natural está fortemente presente na pesca artesanal. (CUNHA, 2000).

Talvez seja, a desaceleração do tempo o sentido dado pelo avô Otto ao sentir-se pescador, ao ver na pesca o significado não encontrado dentro do trabalho por ele desenvolvido. A ruptura entre o trabalho e o lazer é marcada a partir da revolução industrial, assim como a utilização do relógio como instrumento controlador linear do tempo no interior do mundo fabril. O encontro do prazer fora do mundo trabalho é consequência da aceleração do modo de produção capitalista, uma vez que o tempo de trabalho é vendido aos patrões, o mesmo torna-se uma mercadoria barganhada pela lógica de produtividade e do tempo cronometrado.

Com isso, busco nas palavras de Antunes (2011, p. 111) respaldo para expressar a divisão da temporalidade de trabalho, sendo compreendida como uma construção sócio-histórica, neste sentido, o autor escreve:

(...) dizer que o tempo tanto é vendido pelo homem, como também é comprado por ele, é relacionar o tempo a uma categoria de dominação sobre os sujeitos e sobre a organização social, do tempo de trabalho e da produção capitalista ao tempo da vida urbana.

Logo, a divisão do tempo remete as discussões sobre as formas de uso do mesmo. Uma vez que as relações do trabalhador com a força de trabalho empregada tornam-se desprovidas de sentidos (estranhada), ele procura por outras formas para encontrar sentidos em seu tempo fora do trabalho. Percebo no trabalho dos pescadores artesanais da Ilha dos Marinheiros o sentido que meu avô Otto buscava encontrar nas pescarias no rio Uruguai, uma vida cheia de sentidos tanto fora como dentro do mundo do trabalho (ANTUNES, 1999).

Os diálogos a respeito da pesca artesanal e da pesca esportiva geram discussões com densidade teórica intensa, no entanto, me propus com a escrita, fazer apenas humildes menções sobre as vivências que tive com a pesca no tempo de infância (lazer\esportiva) e a pesca artesanal (modo de sobrevivência) que conheci na Ilha dos Marinheiros. Desta forma, o diálogo se torna breve, sem muitos aprofundamentos, ao levar em consideração o problema de pesquisa central, mas intenso e com lembranças rememoradas com saudades. Logo, justifico a escrita apresentada como parte dos processos formadores que me acompanharam no decorrer da pesquisa da dissertação de mestrado.

Neste caminho de busca por sentidos, procuro na escrita seguinte justificar o estudo proposto. Sendo assim, escrevo sobre o reconhecimento das pescadoras da Ilha dos Marinheiros dentro dos processos de produção da pesca artesanal, uma vez que

percebo o reconhecimento das pescadoras enquanto uma questão política a ser assumida e defendida.

1.4 - A valorização e reconhecimento das pescadoras artesanais

Começo afirmando que “o novo saber, nasce da velhice do saber já existente” conforme diz Freire (2011, p. 17), palavras escritas anteriormente, mas que neste momento, contemplam a justificativa da proposta de pesquisa apresentada. Muitos foram os momentos em que me deparei com a seguinte pergunta: “porque investigar as mulheres pescadoras artesanais?” Logo, não encontrava argumentos que servissem como base sólida para respaldar a justificativa do estudo. Neste exercício constante de repensar e problematizar o porquê trabalhar com mulheres pescadoras artesanais, que aos poucos comecei a me reencontrar com respostas que estavam tão próximas e que por motivos pareciam não serem percebidas. Acredito, então, que seja o ato de pesquisar. Aliás, são os processos que se entrelaçam quando pensamos em um estudo específico, o que, e para quem pesquisar.

Sendo assim, eu pesquisadora, me repensei no decorrer dos caminhos da pesquisa. O movimento vai muito além de contar de onde vim, por onde andei, e sim, são os significados do estudo que não são distanciados da minha constituição enquanto sujeito, fazem parte da minha história, sendo assim possuem historicidade (FREIRE, 1995). Ao buscar por respostas, não consegui deixar de lado o que até o tempo presente me constituiu, logo, é nas lembranças que carrego comigo, que procurei encontrar indícios que despertaram meus olhares para as mulheres pescadoras artesanais. Este repensar foi constante, marcado nas escritas no diário de campo:

O porquê investigar as mulheres pescadoras? Ao escrever o projeto para a seleção do mestrado, não havia parado para pensar nesta questão que adentra tantas outras discussões. Percebo na investigação proposta uma questão política de reconhecimento das mulheres pescadoras. Estas mulheres, que em muitos momentos não são vistas como referência dentro da categoria, mas são referenciadas a alguém, a mulher do pescador. (Diário de campo, 23 de maio de 2012)

Pensando na escrita até o momento, percebo que minhas experiências vão ao encontro da temática de pesquisa apresentada, em minhas primeiras inserções enquanto pesquisadora na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, as quais narrei em meio às escritas anteriores. Muitas inquietações giravam em torno do elevado número de mulheres nas salas da EJA. Ainda, nos diálogos com os sujeitos participantes da

pesquisa⁷, muitas foram às respostas dadas pelas mulheres, que chamavam minha atenção, tais como:

Tive que para de estuda, porque engravidei, com 16 anos. Aí casei, veio o primeiro filho, depois o segundo, eles pequenos não tinha como estudar. Hoje eu estudo porque eles estão grandes. (educanda, EJA, 54 anos).
Parei de estuda, para meus irmão estuda, já que era a filha mais velha, tive que trabalha, para eles estuda.(educanda EJA, 32 anos).
Casei cedo, e meu marido me proibiu de estuda, era muito ciumento. Aí me separei e como eu sempre queria estuda, voltei”. (educanda EJA, 28 anos).
não tinha escola lá perto de casa, meu pai não deixou eu estudar a noite. Fui trabalhar, e hoje eu não moro mais com o pai e com a mãe e voltei a estudar. (educanda EJA, 25 anos).

As falas em itálico destacadas acima são encontradas no relatório final da pesquisa, a qual vivenciei no decorrer dos anos 2008 a 2010. Respostas dadas, por quem participou da investigação ao serem indagados sobre: “quais os motivos que levaram o abandono à escola?”. Logo, ficou o desejo de querer saber mais. Motivos que percebo, também, como sendo condutores da investigação construída.

Em seguida, quando comecei a buscar mais dos porquês que tanto ficavam sem respostas, lembro-me que quando cursei o Curso Normal (antigo magistério) no ano de 2001, estava rodeada de colegas mulheres, assim como, na Graduação, no curso de Pedagogia Licenciatura na FURG, nossa turma era composta somente por mulheres. Neste caminho, trago os estudos de Rosenberg (1992) em que afirma que as mulheres constituem a maioria do alunado do Ensino Médio, conseqüentemente, na década de 1970, o número de universitárias aumentou intensamente. A hipótese de estudo da autora construída para este fenômeno é fruto da socialização feminina, que, devido à exigência de obediência, passividade ou protecionismo, facilita a adaptação e persistência das mulheres no sistema educacional.

A escolarização das mulheres no Brasil, historicamente, esteve associada à expansão do ensino, ao desenvolvimento econômico e aos fatores socioculturais do País. Logo, ao pensar na história da educação brasileira, percebe-se que a inserção das mulheres ao ensino, acontece posteriormente a dos homens. A mulher, no ano de 1827, passou a ter o direito à educação, frequentando a escola em espaços separados do

⁷ **Relatório Final da Pesquisa “DIÁLOGOS EM REDE: os sentidos e significados da alfabetização e dos processos de escolarização para educadores e para jovens e adultos integrantes de ações de EJA, nos Municípios do Rio Grande, de São José do Norte, Mostardas, Santa Vitória do Palmar”.** FAPERGS 2008/2010.

homem. Para elas cabia o ensino de ler, de escrever e de contar, além das disciplinas obrigatórias disponibilizadas no currículo como o bordado, a costura e os bons modos. (GUIMARÃES, 2002). O direito à educação para as mulheres representa um processo de resistência para a sociedade. Sendo assim, o papel das mulheres socialmente e historicamente construído é da mulher não ultrapassar os limites dos afazeres domésticos, mesmo tendo o direito à educação.

A opressão das mulheres na sociedade moderna é uma “questão social a ser assumida” (MARX, 2006, p. 14). Esta afirmação é encontrada no livro “Sobre o suicídio” que traz um documento pouco conhecido nos escritos de Marx. No primeiro capítulo do livro, intitulado “Um Marx Insólito”, o autor faz críticas à sociedade burguesa e as condições da vida moderna, sobretudo, às relações privadas de propriedade e às relações familiares patriarcais. Neste sentido, escreve:

A crítica da sociedade burguesa deve assumir um amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressivos. A natureza desumana da sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas origens.

Ao pensar na história da educação, e nas mulheres, percebo que historicamente a educação feminina está intimamente ligada à divisão da sociedade em classes. Ao dizer que as mulheres, para frequentarem a escola, necessitavam vir de famílias de altos poder econômico ou da classe média que emergia no século XIX, é afirmar que o direito a educação não lhes dá legitimidade e acesso ao sistema educacional.

Neste caminho, o acesso à escolarização no Brasil, no século XIX, tanto de homens como de mulheres, era limitado, visivelmente dividido pelas classes econômicas. Primeiramente, a educação era destinada a homens brancos, seguidos de mulheres brancas, ambos com condições econômicas favoráveis. Para o restante da população, o acesso à escolarização era negado.

Nesse sentido, lanço olhares para a população que não recebia o direito à educação, logo, penso nos percursos históricos da Educação de Jovens e Adultos. Modalidade de ensino historicamente destinada a jovens e adultos que não “tiveram” acesso aos processos de escolarização, ou melhor, que o direito à educação lhes foi negado. Ao longo das trajetórias e dos fundamentos da EJA, percebe-se que sua história iniciou no Período Colonial com a chegada dos Jesuítas ao Brasil e, somente no ano de 1934 com a criação do Plano Nacional de Educação, a EJA é considerada como direito de todos e dever do Estado.

Logo, a história desta modalidade até os dias atuais é transitória, percebem-se avanços, retrocessos, intenções políticas partidárias, projetos, programas, mobilizações sociais, enfim, é notável a descontinuidade das ações educacionais efetivas para esta modalidade de ensino. Neste sentido, trago as palavras da autora Sabrina Barreto (2005, p. 45):

Temos várias linhas que compõem este movimento histórico- a questão da legislação e a formulação de políticas públicas, projetos e programas, a história dos Fóruns e Conferências de EJA, a construção histórica e conceitual da EJA e da educação como um todo, os movimentos e as iniciativas populares, que inscreveram a sua trajetória peculiar na Educação de Jovens e Adultos através de práticas não formais, entre provavelmente outras ramificações da construção desta história.

A autora traz em suas pesquisas o resgate histórico da Educação de Jovens e Adultos, lançando olhares mais aprofundados para o Movimento de Alfabetização de Adultos, no Estado do Rio Grande do Sul – MOVA\RS. Ao pesquisar sobre o resgate histórico da EJA, percebo que muitas foram às movimentações dentro desta modalidade, porém, mesmo assim, a Educação de Jovens e Adultos almeja por uma garantia que vai para além da legislação, mas na qualidade e fecundidade de políticas públicas permanentes.

Pensar na história da educação destacando o direito à educação para as mulheres, entrelaçada com a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, é primeiramente, pensar nos percursos históricos da educação em sua totalidade. A EJA, antes de ser destinada a jovens e adultos é, sobretudo, educação.

Sendo assim, na maioria das vezes, o retorno para a escola, tanto para as mulheres como para os homens, representa um grande desafio. Muitas vezes de vencer a timidez, a superação do estigma que depois de “velho” não se aprende mais nada, ou que lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos e dos maridos. Neste caminho, percebo as mulheres pescadoras artesanais, moradoras da Ilha dos Marinheiros, que procuram novamente a escola em suas vidas e superam a condição historicamente destinada a elas.

1.4.1- O encontro com a justificativa de pesquisa

A busca por investigar “quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais” é percebida por mim enquanto uma questão política a ser assumida. Em torno da temática de estudo, procuro

tecer na rede de pesquisa, o diálogo que possui como tripé: mulheres pescadoras, trabalho e escolarização. Assim, percebo este movimento como sendo um desafio.

O estudo desenvolvido por GOES (2008), com o objetivo de, analisar o uso da nomeação mulher pescadora referindo-se ao reconhecimento profissional do trabalho feminino e à conquista de direitos no cotidiano da pesca artesanal no município de Maceió\AL, destaca em suas conclusões, o baixo número de literatura acadêmica que envolve as mulheres pescadoras artesanais junto às comunidades pesqueiras tradicionais. Em vista disso, coloco este estudo como sendo um desafio, pois as pesquisas encontradas geralmente pertencem ao campo da Antropologia, da Psicologia Social, da Sociologia e da História.

A fim de realizar o “estado da arte da pesquisa”⁸, a procura por material bibliográfico que estivesse diretamente relacionado à questão do trabalho das mulheres no setor pesqueiro artesanal encontro pesquisadoras, tais como: Woortmann (1991); Maneschy(2000); Alencar(1993); Motta-Maué(2005) e Escallier (2002). Neste sentido, as áreas de abrangência dos estudos encontrados vão ao encontro do que GOES (2008) já afirmava e, geralmente, as pesquisas realizadas abordam as discussões sobre gênero, não sendo este o objetivo do estudo proposto e sim reconhecer o trabalho da mulher pescadora como profissional da pesca, não as comparando com o trabalho do homem pescador.

O “II Encontro Nacional das Pescadoras” realizado em Fortim/CE em maio do ano de 2010 contou com a participação de mulheres pescadoras artesanais vindas de diversos estados brasileiros e teve como temática o diálogo sobre a desvalorização da mulher enquanto profissional da pesca artesanal. No encontro foi elaborado um documento coletivo no qual foram apresentadas as reivindicações das pescadoras artesanais acerca da categoria. Do material elaborado destaco o seguinte:

A valorização da pesca exercida pelas mulheres como atividade profissional é importante para a vida das comunidades, para a sociedade para o meio ambiente. Ausência quase total de estudos sobre as atividades das mulheres na pesca. (II Encontro Nacional das Pescadoras, 2010, p. 8)

Desta maneira, percebo que para as mulheres é importante o reconhecimento, porém a desvalorização das mulheres pescadoras artesanais, muitas vezes, também acontece no âmbito acadêmico, nas pesquisas científicas desenvolvidas junto às

⁸ Corresponde ao levantamento bibliográfico a acerca da temática de estudo.

comunidades pesqueiras tradicionais. Observo que, as pesquisas direcionadas à temática do trabalho feminino em comunidades pesqueiras tradicionais, geralmente, são desenvolvidas em áreas onde o setor pesqueiro movimenta a economia local. Desta forma, encontramos maiores números de estudos relacionados ao trabalho de mulheres pescadoras artesanais no norte do Brasil, mais especificamente nos estados: Ceará, Pará e Pernambuco. Em contrapartida, na região sul do país, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, onde também a atividade pesqueira encontra-se subdividida em artesanal e industrial e move significativamente a economia, chama-nos atenção o baixo número de pesquisas relacionadas ao trabalho da mulher frente à economia pesqueira tradicional.

Índices que chamam a minha atenção, quando começo a vivenciar o cotidiano dos processos de pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, na cidade do Rio Grande, onde o meio é favorável para o exercício da atividade, uma vez que possui em seu entorno a Lagoa dos Patos desembocando no Oceano Atlântico.

No estudo “Comunidades de Pescadores Artesanais no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil” desenvolvido no decorrer do ano de 2001, os autores GARCEZ; SÁNCHEZ-BOTERO (2005) buscaram caracterizar as comunidades de pesca artesanal do Estado do Rio Grande do Sul. Os resultados estimados foram de: 12.201 pescadores artesanais distribuídos em 7 regiões pesqueiras; a idade média dos pescadores é 42,9 anos, 73% são casados e 80% não completaram o 1º grau; entre 8 e 10% são mulheres.

O Rio Grande do Sul apresenta 622 Km de litoral distribuídos sobre a forma de rios, lagos, barragens, lagoas costeiras, estuário e uma faixa marinha. Tais meios propiciam e favorecem o estabelecimento de populações humanas, as quais se utilizam destes ambientes (MESSERLI; EHLERS, 1998; CALLIARI, 2000). Logo, a atividade pesqueira vem a ser uma das mais tradicionalmente praticadas.

A região Sul do Brasil, mais especificamente, o Rio Grande do Sul é o quarto Estado brasileiro mais importante na produção artesanal de pescado, com destaque para os desembarques de bagres, camarões, corvinas e tainhas (PAIVA 1997). Inclusive, o Estado referido, é o maior produtor brasileiro de camarão rosa, com média anual de 3.195 t, o que representa 41,5% do total, sendo as capturas efetuadas exclusivamente pela pesca artesanal (PAIVA, 1997; Geo Brasil, 2002).

É na região sul do referido estado, que está localizada uma das maiores lagunas costeiras (ambiente aquático que pode receber água dos rios e oceano) do mundo, a

Lagoa dos Patos, com aproximadamente 11.000km² de superfície. Desta forma, concentra significativamente a atividade pesqueira artesanal, sobretudo na área estuarina (correspondente a 10% da totalidade da lagoa) que abrange as cidades de São José do Norte, Rio Grande, Pelotas e São Lourenço do Sul. É nesta área, segundo dados da FAO⁹ (2012), que 3.8061 pessoas atuam na pesca tradicional e deste somatório em torno de 30 % são mulheres.

No que se refere à cidade do Rio Grande, são aproximadamente 1.434 pessoas as quais desempenham alguma atividade dentro do ciclo da pesca artesanal. Deste somatório, 69,9 % são homens e 30,1% são mulheres. Esses profissionais que não estão necessariamente envolvidos com a captura do pescado são considerados “trabalhadores da pesca” enquanto que os profissionais envolvidos diretamente com a captura da pesca são considerados “pescadores”. (KALIKOSKI; VASCONCELLOS, 2012).

A participação da força de trabalho da mulher frente à cadeia produtiva da pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos é percebida na etapa de captura dos pescados, onde 14,5% são mulheres que participam. Importa destacar que, destas, 12,6% intervêm na comercialização da matéria-prima e cerca de 20% são mulheres que organizam os apetrechos de pesca. Ainda, no processamento dos pescados, é identificada cerca de 50% da participação feminina. Em outras atividades não especificadas, a participação de mulheres é de 29,5% (FAO, 2012). Diante disso, como deixar à margem de discussões questões que dizem respeito à presença da força de trabalho feminina na produção da pesca artesanal?

Os dados resgatados e analisados junto ao Ministério da Pesca da cidade do Rio Grande mostram que na Ilha dos Marinheiros, cerca de 400 famílias possuem como principal atividade de sobrevivência a pesca artesanal. Do total de pescadores, o número, nesta comunidade, de mulheres que são trabalhadoras da pesca artesanal é de 36% (FAO, 2012). Índice que diminui para 22% quando considerado o número de mulheres que possuem os documentos institucionalizados como necessários para comprovação que são pescadoras artesanais.

Historicamente, a atividade da pesca é associada somente a ida ao mar, sendo assim, esta atividade é realizada muitas vezes pelo homem, o pescador. Logo, o pescador é quem está intimamente ligado à extração da matéria-prima, o pescado. É ele

⁹ FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations.

quem vai “ao mar”, neste sentido, é reconhecido como o trabalhador da pesca e pertencente à categoria de ser pescador artesanal. Porém, a economia da atividade pesqueira artesanal envolve, geralmente, a família dentro de seus processos de trabalho.

Desta forma, os processos de produção da pesca artesanal nas comunidades tradicionais, geralmente é um trabalho colaborativo. Chamo a atenção para as palavras da autora Maria Cristina Maneschy (2000, p. 84) ao escrever “compreender como as comunidades de pescadores artesanais vêm se reproduzindo requer um olhar abrangente, que leve em conta o trabalho das famílias, direta ou indiretamente ligado ao sistema produtivo da pesca”.

Ao dizer isso, lembro-me que no período de safra do camarão, muitas foram as manhãs em que pude observar como é construído o trabalho colaborativo junto com as famílias de pescadores artesanais, na Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS. Com a chegada do pescador, depois de uma noite de trabalho, vindo do mar com o pescado agora em terra firme, a mulher pescadora já está a sua espera para começar a preparar o pescado, seja para consumo próprio ou para venda. Esta cena se repetiu pelas manhãs no decorrer da safra de camarão, mesmo dividindo as tarefas, trabalhavam juntos.

Entre populações pesqueiras, a produção das mulheres é tão importante quanto à dos homens, ainda que não seja reconhecida como tal (MANESCHY, 2000, p. 83). Indo ao encontro do que afirma a autora, ao conhecer o trabalho das pescadoras, convivendo com o cotidiano de quem sobrevive da pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, percebo que normalmente são as mulheres que limpam e fileteam o peixe, descascam e limpam o camarão e ainda retiram a carne de siri, normalmente descartados pelos pescadores, pois, não é o produto principal das pescarias.

Ao contar o que presenciei no decorrer das manhãs, na época de safra do camarão, percebo a atuação das mulheres pescadoras na atividade pesqueira, desempenhando papel importante na pesca ao acompanhar seus maridos na despesca, ao confeccionar e/ou reparar os materiais de pesca e ao preparar o pescado para a venda, muitas vezes, conciliando as atividades da pesca com as atividades domésticas.

Contudo, do ponto de vista jurídico- político prevalece uma concepção restrita do trabalho da pesca, como sendo aquele que retira seres vivos de ambientes aquáticos. O conjunto de tarefas pré e pós-captura ficam excluídas da definição formal, do que seja, trabalho de pesca (MANESCHY, 2000, p. 88). As mulheres pescadoras não são reconhecidas socialmente como pescadoras, pois não participam da produção da

matéria-prima diretamente. Ou melhor, muitas vezes pelo fato da pescadora artesanal não acompanhar o pescador na ida ao mar, ao ficar em casa, cuidando da família, as descaracterizam como trabalhadoras da pesca artesanal. Trago as palavras de Maneschky (2000), as quais afirmam a questão do não reconhecimento da mulher pescadora na cadeia produtiva do setor pesqueiro:

De fato, em um contexto de produção de mercadorias, as atividades voltadas ao mercado alcançam necessariamente maior visibilidade, obscurecendo-se as outras dimensões da divisão social do trabalho e, em particular, as conexões que se estabelecem entre a casa e o mundo do trabalho. (MANESCHY, 2000, p. 82)

Outros fatores possibilitam a desvalorização da pescadora dentro da economia pesqueira artesanal que são destacados pela autora Maneschky (2000), sendo eles: a) as atividades desenvolvidas pelas pescadoras artesanais não produz diretamente, forma monetária; b) o desempenho de múltiplos papéis na atividade pesqueira artesanal pelas mulheres pescadoras; c) a visão que a mulher do pescador desempenha papel de suporte, auxílio e ajuda ao pescador. Questões que me levam a pensar ainda mais a respeito da desvalorização da mulher pescadora frente ao setor pesqueiro.

Muitos foram os momentos na Ilha dos Marinheiros em que presenciei a venda diretamente do pescado ao consumidor e quem efetuava a venda, geralmente, era o pescador artesanal. O consumidor antes de referir-se ao que desejava indagava a mulher pescadora artesanal que estava a tirar a carne de siri, sobre a presença ou não do pescador. Seguidamente, a pescadora o questionava sobre qual o assunto desejado e o consumidor respondia a quantidade de pescado que desejava.

A cena presenciada, visivelmente expõe a desvalorização da mulher pescadora artesanal dentro da cadeia produtiva do setor pesqueiro artesanal. Mesmo a pescadora artesanal estando exercendo suas habilidades de trabalho, preparando o produto para a comercialização, esta não é reconhecida enquanto trabalhadora, dentro da pesca artesanal. Na vivência que trago, os fatores que contribuem para a desvalorização da mulher pescadora trazidos nos estudos desenvolvidos por Maneschky (2000) estão presenciados e a mulher pescadora continua sendo vista como a mulher de pescador e não como pescadora artesanal. Esses fatores reforçam a visão das mulheres mais como donas de casa, “ajudantes” do companheiro e não como sujeitos trabalhadores da pesca. Importa a classe dos pescadores romper com a concepção, segundo a qual, as mulheres são dependentes do marido pescador.

Os afazeres femininos não são vistos como “remunerados”, desta forma, não são percebidos como trabalhos. O trabalho produzido pelas mulheres dentro das atividades da pesca artesanal (produtos para consumo domésticos, consertos de apetrechos) não necessariamente produz “dinheiro” e nem é voltado para o mercado, por isso, não é valorizado nem considerado produção. As atividades femininas, geralmente, são multidirecionadas, enquanto que as masculinas são centradas em atividades principais, por exemplo, pesca e lavoura (MANESCHY, 2000).

Em contrapartida, aos variados e reduzidos ganhos dos pescadores, as mulheres pescadoras buscam diferentes estratégias para manter o grupo doméstico, em condições geralmente difíceis. Frequentemente submetem-se a condições exploratórias sobre seu trabalho, exercendo-o em contextos informais (MANESCHY, 2001). Ricardo Antunes (2011), afirma que a presença feminina vem a ser um traço marcante das transformações em curso no interior da classe trabalhadora. Esta não é “exclusivamente” masculina, mas convive sim, com um enorme contingente de mulheres. As mudanças na estrutura produtiva e no mercado de trabalho possibilitaram o aumento da exploração da força de trabalho feminina, em ocupações de trabalho em tempos parciais, subordinados ao capital.

A presença feminina no mundo do trabalho nos permite acrescentar que, se a consciência de classe é uma articulação complexa, comportando identidades e heterogeneidades entre singularidades que vivem uma situação particular no processo produtivo e na vida social... Desse modo, uma crítica do capital, enquanto relação social, deve necessariamente aprender a dimensão de exploração presente nas relações\trabalho e também aquelas opressivas presentes na relação homem\mulher, de modo que a luta pela constituição de gênero-para-si-mesmo possibilite também a emancipação do gênero mulher. (ANTUNES, 2011, p.51)

As palavras do autor mostram a fragmentação da categoria da classe-que-vive-do-trabalho, sendo composta pelos trabalhadores assalariados. Logo, ao trazer as palavras do autor, penso na categoria pescador, englobando tanto os homens pescadores como as mulheres pescadoras com o intuito de pensar na força da categoria dos pescadores, enquanto movimento político e social, na reivindicação pelos seus direitos.

Ao pensar na emancipação do gênero mulher, trago as palavras retiradas da Federação de Pescadoras de Minas Gerais (1999), as quais caracterizam a mulher enquanto trabalhadora e participante na sustentabilidade das comunidades pesqueiras:

O papel da mulher na pesca que, com as atividades de venda do pescado, manufatura e conserto de petrechos, auxílio à pesca, na organização das colônias e ainda na produção de complemento alimentar como produtora rural. Note-se, ainda, o papel indireto da mulher no setor pesqueiro através

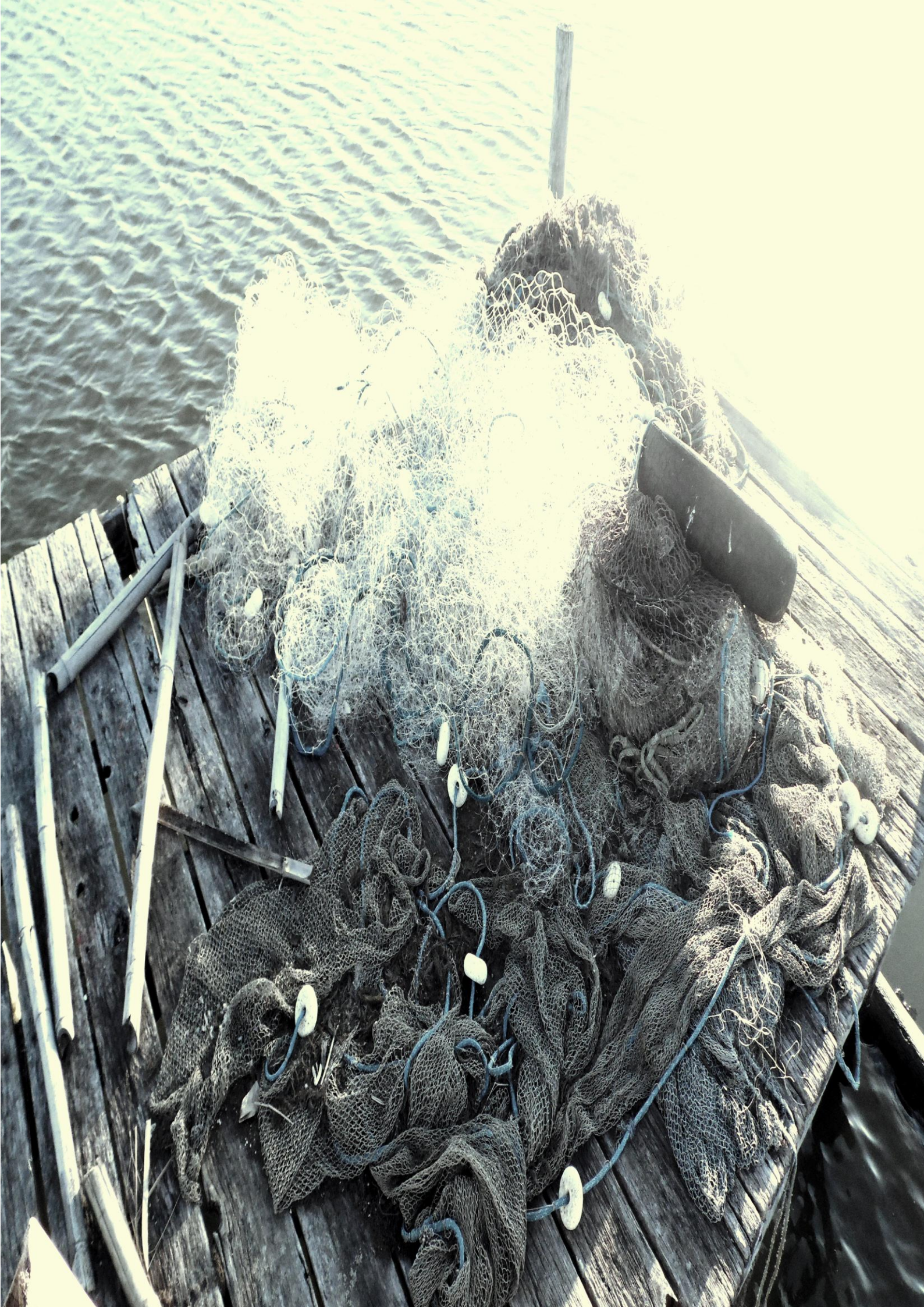
das campanhas de educação ambiental e formação escolar e de agente formadora de opinião. (FEDERAÇÃO DE PESCADORES DE MINAS GERAIS, 1999).

Neste sentido, ao pensar nas mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS e em seus processos formadores, vejo interessante compreender as relações sociais construídas entres seres humanos livres em todos os aspectos da vida humana, alicerçada na ideia de construção de gênero-para-si-mesmo, que Antunes (2011) enfatiza. Ao tecer as discussões sobre o não reconhecimento das mulheres pescadoras diante da cadeia produtiva da pesca artesanal, percebo que as mulheres pescadoras afirmam-se enquanto profissionais da pesca artesanal. Diante disso, procurei compreender na investigação quais os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais, por meio da justificativa da desvalorização da mulher pescadora frente à economia pesqueira artesanal.

Logo, os porquês que muitas vezes rodavam meus pensamentos, foram (re) afirmados e (re) descobertos. Neste caminho, compartilho um trecho escrito em meu diário de campo:

Hoje posso escrever que a investigação parte dos processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais e tece uma rede junto aos processos de valorização do trabalho das mesmas. Neste sentido, busco quais os significados da volta à escola para estas mulheres e o que é ser pescadora. Acredito serem estes os caminhos tramados na rede na pesquisa proposta. (Diário de campo 25 de agosto de 2012)

Após contar o meu encontro com a temática de pesquisa e a justificativa que me levou a pesquisar, conto sobre os caminhos metodológicos que compuseram este estudo, trazendo-os no capítulo seguinte. Aos poucos, o tecer da rede de pesquisa foi construído e eu, artesã da arte da pesquisa, não só busquei tecer a rede, mas também prestei atenção em cada “nó” tecido.



II CAPÍTULO – As construções da rede da pesquisa: a costura e os remendos dos caminhos metodológicos

Pensar na metodologia de pesquisa é entrelaçar o pensamento com a maneira que eu, pesquisadora, compreendo a realidade que se faz presente a minha volta, lançando olhares ao fenômeno investigado. O exercício de pensar exige níveis de complexidade diferenciados, partindo de uma totalidade de concepções filosóficas maior, indo ao encontro com os caminhos investigativos adequados e os entrelaçando com a metodologia de análise de dados. A diferenciação de pensar os momentos dos caminhos metodológicos da pesquisa acontece principalmente, em estudos realizados no campo das ciências sociais e no campo da educação. Dessa arte, apresento os movimentos de pensar a investigação que foi construída.

O estudo foi respaldado na metodologia de pesquisa qualitativa, uma vez que se buscou por compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. Desta maneira, foi utilizado para a produção de dados entrevistas semiestruturadas e a interpretação dos mesmos foi respaldada na metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD), transcorrendo um processo contínuo de impregnação por meio da leitura dos dados e desconstrução das entrevistas, levando-se em consideração o contexto em que foram produzidos os dados, compreendendo-se o processo investigativo como um processo integrado.

Ao longo deste segundo capítulo, escrevo as questões que nortearam as especificidades da pesquisa realizada. Busco, com a metáfora da “construção da rede de pesca” apresentar a “construção dos caminhos metodológicos da investigação”. Pois, assim como, a rede de pesca é fundamental para o pescador e pescadora artesanal, a metodologia é de extrema importância para o pesquisador, em ambas as atividades, os processos tornam-se vivos, portanto, contínuos. Assim, no decorrer do capítulo encontram-se quatro subtítulos que contemplam os caminhos percorridos dentro dos processos investigativos.

O primeiro subtítulo apresenta um diálogo sobre a compreensão da metodologia de pesquisa qualitativa, (re) pensando a metodologia de acordo com a investigação. Logo, a construção da rede de pesca, ferramenta de trabalho indispensável para o pescador e para a pescadora, evidencia-se o quanto o caminho metodológico foi de extrema importância na realização da pesquisa. Portanto, entrelaço em um segundo

momento da escrita, as questões da investigação, como os rasgos na rede de pesquisa, lançando olhares para o ato de pesquisar enquanto processo contínuo. Situando os problemas de pesquisa, apresento as participantes da investigação, contando, então, os passos da produção e interpretação dos dados. Ao contar brevemente quais as especificidades deste capítulo, procuro agora esmiuçar os caminhos metodológicos que se fizeram presente no estudo.

2.1 – Dialogo sobre pesquisa qualitativa...

Os movimentos da arte de pesquisar são muitos, entre eles a flexibilidade de repensar constantemente o decorrer dos caminhos metodológicos da pesquisa, nas palavras de Mário Osório Marques, “... na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos” (1997, p.114). Repensar a pesquisa é para além de pensar os caminhos metodológicos é também buscar na totalidade maior do fazer/ser pesquisa e os muitos “porquês” que me levaram a propor tal investigação, neste sentido, “se os caminhos se fazem andando, também o método não é senão o discurso dos passos andados”.

Desta forma, escrevo o que vem a ser para mim o “ser pesquisa”, e me incluo nos movimentos que o mundo da pesquisa constrói, sendo assim, me percebo como pesquisadora no início de muitas andanças. Para pensar sobre o ser pesquisa, busco respaldo nas palavras do autor Carlos Rodrigues Brandão (2003), que escreve sobre a diferenciação do **fazer pesquisa** e do **ser pesquisa**. O movimento de fazer pesquisa, para o autor é quando o pesquisador coloca-se na posição de cientista e afasta-se dos objetos que investiga. Para o autor, o investigar é para além do ato de buscar por dados para análises, e sim, é o momento que o sujeito que investiga vive imerso no mundo da pesquisa, faz e sente-se parte da investigação, aproxima-se dos sujeitos de pesquisa não somente para buscar por respostas, porém busca pela compreensão da realidade ao lado dos sujeitos, portanto, vive a pesquisa.

É no movimento da arte de viver a pesquisa que me inseri não só como pesquisadora, mas também como quem é transformada no andar dos processos que foram construídos no mundo da pesquisa. Desta maneira, percebi que o ato de pesquisar é uma criação que mobiliza o pesquisador a reinventar-se intensamente.

Sendo assim, me reinventei não só, mas junto daqueles que me acompanharam no decorrer dos processos investigativos. Percebo, então, os princípios científicos da

pesquisa solidária onde o outro não é somente objeto a ser pesquisado, é para, além disto: o outro participa e observa e neste movimento não construímos o sentimento de afastamento, mas sim, tanto o eu como o outro, nos sentimos como parte do processo de investigação (BRANDÃO, 2003). Sobre a pesquisa solitária e a pesquisa solidária teço reflexões em meu diário de campo,

[...] há diferença entre pesquisa SOLITÁRIA e SOLIDÁRIA, e me questiono como uma letra pode mudar o sentido do ser pesquisa e seu significado? A pesquisa solitária é só, individual, frente ao capital um conhecimento construído para mim, comigo, não socializado e não percebe o Outro. Já a pesquisa solidária é para além do ter objetos a serem investigados, analisados, é observar\ participar não só, mas na companhia do Outro, não separar, fracionar, controlar, mas sentir-se parte do processo, sentir o Outro junto de mim dentro do processo investigativo. (Diário de Campo, Maio 2012).

É com este pensamento que busquei orientação metodológica para construção deste estudo. É por meio das vozes de três mulheres pescadoras, moradoras da Ilha dos Marinheiros e participantes do Projeto “Educação para Pescadores”, que busquei responder ao questionamento: *Compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais?*

Para construir a rede de pesca o pescador utiliza suas habilidades e constrói suas próprias estratégias. É com este mesmo intuito que percebo as estratégias de produção de dados construídas pelo pesquisador, sendo organizadas conforme for a sua compreensão da realidade.

Desta forma, a pesquisa em questão constituiu-se partindo do entendimento da investigação como uma unidade significativa dentro de uma totalidade. Sendo assim, a não neutralidade carregou as características implícitas da pesquisadora e das participantes da pesquisa (pesquisadores também), sendo percussores de uma história, de saberes específicos, de visões de mundo diferenciadas e interesses contraditórios.

Com o propósito de pensar sobre a não neutralidade do processo investigativo e os interesses de quem dele participou, escrevi algumas considerações em meu diário de campo,

Meus olhares me levam a perceber que existem diferenças de significados entre o que eu sinto e o que as mulheres pescadoras sentem, mas o que nos aproxima é saber da existência das diferenças dos nossos olhares, das diferenças dos sentimentos singulares e acredito que é por meio das diferenças que nos tornamos sujeitos comuns. Novamente lembro-me das palavras escritas pelo autor Brandão (2003) ao escrever sobre a construção de pesquisadores confiantes, sentimento este construído pela observação participante do viver, escutar e sentir do ser pesquisa. “Se a pesquisa, ou melhor, se o “problema de pesquisa” é despertado por uma vivência

experenciada por mim junto aos Outros, como eu posso me distanciar de fazer parte do processo de “ser pesquisa”? Escrevo o “ser pesquisa”, porque é muito mais que um fazer pesquisa, o ser pesquisa vive, se abre ao processo de construir\sentir\viver a pesquisa, é apreendente junto da investigação, é sujeito a ser pesquisado, faz parte do processo de fazer pesquisa. A confiança é construída junto de todo processo que envolve o campo investigativo. “A confiança é a questão essencial de todo gestor criador de algum tipo de conhecimento (BRANDÃO, 2003, p. 53)”. Se eu participo a confiança está comigo junto ao Outro, construo respaldo, possuo argumentos, vivi e faço parte” (Diário de Campo, Outubro de 2012).

Foi mediada pela construção do sentimento de confiança dentro do processo investigativo, que busquei nas palavras de Valla (1996) argumentos para mostrar que mesmo com a não neutralidade presente dentro do ser pesquisa, as diferenças entrecruzam semelhanças ao serem compartilhados os saberes entre as participantes da pesquisa e a pesquisadora. O autor citado, ao escrever sobre o reconhecimento dos conhecimentos dos outros, tece reflexões importantes para pensar, respeitar, e principalmente, valorizar os saberes populares, desta forma, expressa: “nós oferecemos nosso saber, por que pensamos que o da população é insuficiente e por esta razão, inferior, quando, na realidade, é apenas diferente”. (VALLA, 1996, p. 179).

Desta maneira, a metodologia traz estreita relação entre teoria e prática, movimentando-se dialeticamente, do empírico para o teórico, do teórico para a compreensão do empírico em suas complexidades e determinações.

Dentro da abordagem de pesquisa qualitativa, a produção de dados procura unir o entendimento das falas e o aspecto da oralidade como uma importante fonte de expressão de quem participa da investigação. Para a construção de significados das falas, se devem entrelaçar a compreensão e o contexto da realidade vivida pela comunidade investigada. Logo, valorizar a leitura e a linguagem, como sendo a forma das participantes expressarem suas visões de mundo, revela a importância da fonte investigativa no processo de viver a pesquisa.

A afinidade ao grupo nos leva a sermos solidários e, neste movimento, os elos que nos unem são o interesse, a subjetividade (eu) e a identidade (eu e os outros). Compreendo o ser mulher pescadora artesanal e os processos formadores que entrelaçam em suas histórias escolares, dentro do ser pesquisa, enquanto seres humanos etnos de universalidade, entrelaçadas dentro do campo do movimento social e dentro do campo da vida (MAFESSOLI, 2010). Desse modo, na abordagem de pesquisa qualitativa, quem pesquisa não é ser passivo, antes assume um comportamento

participante, uma conduta interacional para adentrar no cotidiano de quem participa da pesquisa. Portanto, quem participa da pesquisa também é construtor de conhecimentos.

Ao construir a rede de pesquisa e me inserir na trama percebi que a pesquisa vem a ser uma atividade humana, movida pelas perguntas que buscam por respostas que se movem para a construção de novas perguntas; movimentos de inquietude, de instigação. Logo, nossa incompletude alimenta a curiosidade, sendo assim, a arte de pesquisar torna-se uma parte fundamental da nossa existência. A ousadia constante do desafio da arte de questionar despertado pela curiosidade de homens e mulheres, está expresso nas obras de Paulo Freire (2011), caracterizadas pela constante busca de aprendizagens na escuta, na pergunta, no diálogo, enfim, na vivência partilhada com o outro.

No meio científico, “a pesquisa é a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade (...) é esta que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade, vinculando os pensamentos e as ações na busca de novos conhecimentos” (MINAYO, 2010). A pesquisa move-se constantemente na interação dos sujeitos pela busca de conhecimentos com a realidade. Sendo assim, é um processo científico historicamente construído.

Situo, então, a investigação na abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que procurou por responder a questões particulares e “se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2010, p. 21), mas sim compreendido, analisado e contextualizado na dinâmica das relações sociais. Partilho das palavras da autora, pois acredito que a pesquisa em Ciências Sociais está “essencialmente encarnada nos planos das ideias”, logo, caracterizada pela ideologia tendo seu “objeto essencialmente qualitativo”. Assim, a justificativa do estudo como de caráter qualitativo, alia-se nas palavras da autora:

A pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2012, p. 21).

A saber, não procuro por criar um embate teórico entre metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa. Busco, sim, respaldo para justificar a escolha da abordagem qualitativa para este estudo, aproximando as suas contribuições para o vasto campo da educação. Parafraseando a autora citada, a abordagem qualitativa ao buscar pela

aproximação e aprofundamento no mundo dos significados, sendo este um nível de realidade não visível, necessita ser reconhecida, exposta e expressa, primeiramente, por quem participa do mundo de viver a arte de ser pesquisa.

Na rede de pesquisa dentro do campo de abordagem qualitativa, encontrei o uso da **entrevista semiestruturadas** como instrumento de pesquisa, onde procurei por meio da interação social alcançar junto das participantes envolvidas no processo investigativo a maior compreensão e aproximação da realidade delas. O exercício do contar-se movimenta para o repensar sobre vivências experienciadas pelas mulheres pescadoras artesanais em um passado, talvez presente, possibilitando dentro do movimento, o reconhecimento dos sentidos atribuídos ao vivenciar novamente a escola.

Ainda, utilizei como técnicas a **observação** e a **escrita no diário de campo**, instrumentos que levaram a perceber e pensar para além do que meus olhos alcançaram, sendo estes instrumentos indispensáveis nos momentos de produção de dados, aliás, no decorrer do viver intensamente o mundo da pesquisa.

Ao continuar dialogando sobre pesquisa qualitativa, trouxe para escrita à metáfora da construção da rede de pesca, uma vez que identifiquei semelhanças junto da construção dos caminhos metodológicos do ato de pesquisar.

2.1.1- Devaneios de reinventar-se, pesquisadora...

Neste momento, direciono minha escrita para contar os caminhos que foram traçados no decorrer do enredo do processo investigativo, sendo assim me reinventei como pesquisadora artesã da arte de pesquisar. Logo, busco como alternativa para a escrita no decorrer deste capítulo a metáfora da **“construção da rede de pesca”**, pois compreendo que a utilização de metáforas serve como subsídio para a construção de significados para além do alcance da linguagem escrita. Percebo na metáfora a “escrita viva”, onde o sentido é interpelado conforme a leitura de mundo do escrevente consequentemente, de quem lê.

Antes da ida ao mar, principal atividade reconhecida pelo “olhar social”, o pescador artesanal e a pescadora artesanal se utilizam de outras habilidades que derivam de experiências e que servem como ferramentas/meios de produção para a obtenção da matéria-prima, objetivo do seu trabalho. Dentre estas habilidades ressalto a construção da rede de pesca, atividade esta vista em meio ao cotidiano de muitas famílias de pescadores artesanais da Ilha dos Marinheiros - RG.

Em mãos, uma agulha e fio de náilon, um suporte de apoio pendurado em algum lugar; em mente, o projeto de rede de pesca. O objetivo a ser alcançado é construir uma rede, sabendo-se aonde se quer chegar. Aos poucos, o vai e vem da agulha vai sendo enredada em meio ao fio, o tamanho da rede é construída conforme o tipo de pescado, os espaços deixados no meio de cada nó é também, criativamente, pensado; aos poucos, os primeiros nós são amarrados. No processo da costura, na medida calculada, a rede fica pronta.

É interessante pensar que a rede de pesca é tecida somente por um fio, este fio é o eixo condutor de todo processo de sua construção. Os nós são amarrados uns aos outros, mas é um único fio que inicia e se faz presente em todo o processo. É uma habilidade artesanal contínua, a rede acabada é utilizada na ida ao mar, conforme for à pescaria, no dia seguinte está o pescador ou a pescadora novamente em mãos com uma agulha e o fio de náilon para remendar os estragos/rasgos na rede.

O pescador e a pescadora se utilizam da rede de pesca como ferramenta de trabalho e quem pesquisa utiliza as ferramentas metodológicas no decorrer da pesquisa, seu trabalho. Atividades que parecem distanciarem-se, porém, aproximam-se por serem propostas e utilizadas destinadas a uma finalidade. No caso do pescador e da pescadora, o remendar constante da rede no decorrer da pescaria, já para quem pesquisa o repensar contínuo no percorrer do estudo.

Assim como o pescador e a pescadora constroem suas alternativas para a construção da rede de pesca, quem pesquisa constrói suas artimanhas no decorrer da investigação, principalmente, nos caminhos metodológicos a serem andados para se chegar aos objetivos iniciais propostos. Pensar em cada nó amarrado é pensar em um propósito que se quer almejar. Sem a rede, o pescador e a pescadora artesanal não vão ao mar, assim, como quem investiga sem ter delimitado a sua metodologia de pesquisa não vive\faz a pesquisa.

Quem investiga necessita estar focado e ter clareza dos objetivos e do problema de pesquisa, pensando continuamente no dinamismo dos processos investigativos. Logo, o pescador e a pescadora pensam em cada passo para construir sua rede, objetivam cada nó dado, pensam em como levar a agulha e o fio. Igualmente a rede de pesca, o processo investigativo possui um fio condutor e, aos poucos, o mesmo fio perpassa por alguns nós, mostrando que a arte de pesquisar é também uma habilidade do artesão pesquisador (a).

Desta forma, busco com a metáfora da construção da rede de pesca e sua fundamental importância para o pescador e a pescadora artesanal, pensar na metodologia de pesquisa como sendo de fundamental importância para quem pesquisa repensar e construir os percursos da investigação conforme for seu entendimento da realidade. Assim, como o pescador e a pescadora necessitam da rede de pesca para desenvolver seus trabalhos, quem investiga precisa da metodologia de pesquisa para construir um trabalho investigativo com comprometimento e relevância social. Ao identificar os rasgos na rede de pesquisa, peguei minha agulha em mãos e com um fio de náilon comecei a fazer os remendos.

2.2 – Rasgos na rede: as questões de pesquisa

O processo de construção da rede de pesca é contínuo para o pescador e para a pescadora, assim, percebi a continuidade da reconstrução das perguntas de pesquisa que, modificaram-se e/ou afirmaram o mundo investigativo e os que dele fizeram parte. Tal qual o pescador e a pescadora que a cada manhã recolhem suas redes de pesca e começam a remendar os rasgos oriundos da noite de trabalho, vejo quem investiga, constantemente, repensar o problema de pesquisa.

Logo, lembro-me das palavras escrita de Brandão (2003), ao escrever “todos possuem a incerteza do que afirmam”. Neste momento, a incerteza que movimentou minha busca, ou seja, o rasgo maior na rede de pesquisa veio a ser: *Quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais?*

O momento de estabelecer um tema e um problema de pesquisa está relacionado ao desejo de conhecer algo que nos inquieta, ao mesmo tempo está conectado a nossa subjetividade, aos nossos saberes e as nossas experiências de vida. Por este motivo, o problema de pesquisa deve estar entrelaçado junto das nossas vivências, logo construo a ousadia de “fazer minhas” as palavras de Mário Osório Marques (2006, p. 94):

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e conseqüente. Mas o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver ancorado na estrutura subjetiva, corporal, do desejante. Não pode o tema ser imposto alheia. Deve ele tornar-se paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador. Da experiência antecedente, dos anteriores saberes vistos como insuficientes e limitantes nasce o desejo de conhecer mais e melhor a partir de um foco concentrado de atenções.

Afirmar sobre a existência das incertezas é mostra-me aberta para acolher o outro, é deixar que meus conhecimentos sejam construídos em meio ao que as mulheres pescadoras artesanais dizem sobre suas histórias escolares. Ainda, é na busca de certezas que as incertezas são encontradas, pois afirmar sobre as incertezas é procurar pelas certezas. Isto porque, se tivéssemos certezas afirmadas, qual seria o motivo de lançar pesquisas?

O tema abordado na presente pesquisa está relacionado aos significados construídos e vivenciados por mulheres pescadoras que retornam a escola pela segunda vez em suas vidas. Diante das razões de ser da pesquisa anteriormente expostas, sinto-me movida por perguntas que buscam por respostas, respostas que despertam curiosidades e as curiosidades transformam-se em “curiosidades epistemológicas” (FREIRE, 1996).

O problema de investigação foi percebido a partir das minhas vivências junto às mulheres pescadoras artesanais que traziam em suas falas o autorreconhecimento, por serem pescadoras. Porém, por vezes, as mesmas, relataram ter sofrido algum tipo de exclusão por serem mulheres pescadoras, ou ainda, por serem mulheres de pescadores, moradoras da Ilha dos Marinheiros, não escolarizadas. Diante disso, o retorno à escola, por meio do “Projeto Educação para Pescadores”, aparece como a oportunidade de voltar a estudar e de continuar aprender.

Sendo assim, como artesã no início das andanças, busquei em meio aos remendos construídos na rede de pesquisa, encontrar os seguintes objetivos:

- Conhecer as narrativas sobre as experiências escolares de mulheres pescadoras da Ilha dos Marinheiros;
- Compreender a constituição dos sentidos de “ser-pescadora” expressas nas vozes das mulheres;
- Compreender as especificidades do Projeto “Educação para Pescadores” no que se refere à oportunidade de voltar a estudar.

Uma vez que levei em consideração o ser pesquisa dentro do estudo, compreendo as mulheres pescadoras artesanais enquanto sujeitos históricos sociais. Portanto, o estudo construído, apontou para a importância de retornar à escola para a vida das mulheres. Ao pensar sobre meu compromisso como pesquisadora vem à tona

em meus pensamentos, a palavra social, portanto, acredito que meus olhares para as vozes das mulheres pescadoras giraram em torno do compromisso e comprometimento que construí junto com elas.

Conhecer os significados nas vozes das mulheres pescadoras é reconhecê-las enquanto fenômenos singulares, para então buscar pela compreensão global, onde o diálogo entre o particular e o global é permanente (GARCIA, 2000. p 13). O sentimento de liberdade é um dos princípios do diálogo, o deixar-se contar permite a liberdade. Assim, “escutar, valorizar, dialogar e penetrar no imaginário do interlocutor é o desafio para se chegar à tarefa mais importante: a construção de significados” (MELLO, 2005, p. 27).

A construção de sentidos acontece em meio à rede de significações dos processos formadores, construída ao longo da vida, sendo expressa na escuta das vozes das pescadoras. Desta maneira, percebo o compromisso social da pesquisa, enquanto princípio científico, uma vez que as percebo enquanto sujeitos históricos sociais. Sendo assim, busco pelo meu vivido, entrelaçado com o vivido pelas mulheres pescadoras artesanais, degustar o ato de experienciar mediado pelo compromisso social do ser pesquisa. Com isso, vou ao encontro das participantes que construíram e remendaram a rede de pesca e da pesquisa ao meu lado.

2.3 – Quem costura e quem remenda as redes de pesca?

Para construir a rede de pesca é necessário o pescador e a pescadora, logo para a construção da pesquisa é indispensável delimitar quem participa da investigação. Sendo assim, busquei nas vozes de três mulheres pescadoras artesanais, moradoras da Ilha dos Marinheiros - RG, quais os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais.

No primeiro momento do estudo, havia sido pensado na participação de quatro mulheres, visto que, o cenário investigativo, a Ilha dos Marinheiros, é composto por quatro comunidades: Bandeirinhas, Porto do Rei, Marambai e Coreia; cada mulher participante da pesquisa seria moradora de uma comunidade diferente do entorno da Ilha.

Porém, no decorrer da pesquisa, encontrei dificuldade para encontrar uma mulher que fosse pescadora artesanal moradora da comunidade do Porto do Rei, depois

de algumas tentativas sem sucesso, optei em ter ao meu lado no decorrer do estudo a participação de três mulheres pescadoras artesanais, sendo elas: Açucena, Margarida e Rosa.

Açucena, filha e neta de pescadores artesanais; sempre morou na Ilha dos Marinheiros na comunidade da Marambaia. Hoje, tem 38 anos, um filho e é casada com um pescador artesanal. Começou seus processos de escolarização aos 8 anos, frequentando os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Retornou a escola no ano de 2009 no Projeto “Educação para Pescadores”, após três anos participando da ação concluiu o Ensino Médio. Açucena escolheu esta espécie de flor por lembrar-se da sua infância, pois as tardes por ela passada ao lado de sua avó, descascando camarão e tirando carne de siri eram passadas ao lado de várias flores Açucena.

Margarida, filha e neta de pescadores artesanais; nasceu na Ilha dos Marinheiros na comunidade das Bandeirinhas. Começou aos 7 anos seus processos de escolarização, frequentando os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Hoje, tem 49 anos, dois filhos e é casada com um pescador artesanal. Retornou a escola no ano de 2009 no Projeto “Educação para Pescadores”, após dois anos participando da ação concluiu o Ensino Fundamental e fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) o qual proporcionou a certificação do Ensino Médio. No ano de 2012, novamente realizou o ENEM e ingressou no ano de 2013 na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) como graduanda do curso de Letras – Francês. A flor escolhida é a Margarida, pois é uma espécie resistente.

Rosa, filha e neta de pescadores artesanais; nasceu na Ilha dos Marinheiros na comunidade da Coreia. Hoje, tem 53 anos, dois filhos e é casada com um pescador artesanal. Começou seus processos de escolarização aos 8 anos, frequentando os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Retornou a escola no ano de 2009 no Projeto “Educação para Pescadores”, após três anos participando da ação concluiu o Ensino Médio. A Rosa é sua flor preferida.

Os nomes fictícios foram escolhidos pelas mulheres por gostarem muito de flores entre outros sentidos. A escolha dos nomes fictícios foi construída ao lado das participantes da pesquisa no encontro coletivo organizado no decorrer da produção dos dados.

As três mulheres colaboradoras da investigação nasceram na Ilha dos Marinheiros, vivem a pesca desde sua infância até os dias atuais e buscam pela segunda

vez em suas vidas a escola sendo elas moradoras de comunidades diferentes do entorno da Ilha dos Marinheiros: Bandeirinhas, Marambaia e Coreia. Ainda, como perfil das participantes da pesquisa, busquei por mulheres que participam do Projeto “Educação para Pescadores” há mais de dois anos, visto que esta ação já acontece desde o ano de 2009.

Também justifiquei a escolha por investigar mulheres pescadoras artesanais, pois o Projeto “Educação para Pescadores” é uma ação que busca contemplar pessoas que possuem como atividade principal de renda, a pesca. Sendo uma ação destinada a categoria pescador artesanal, participam da ação tanto homens como mulheres, porém prevaleceu em maior número à participação de mulheres. Trago o gráfico da Figura 3 abaixo que justifica a afirmação anterior:

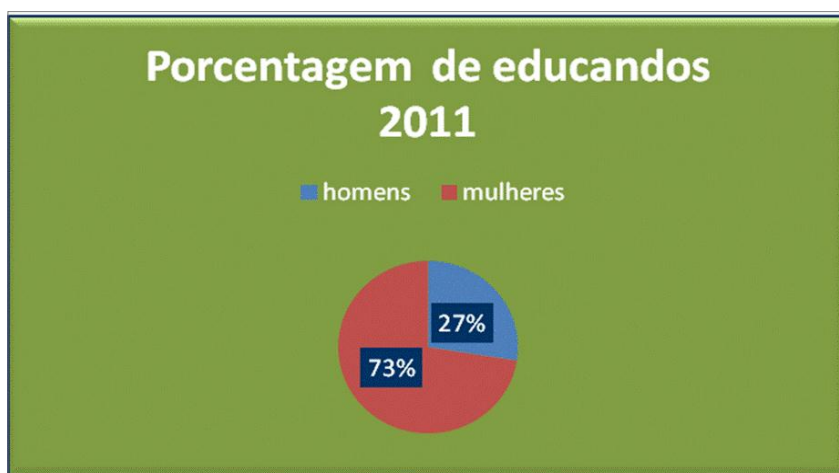


Figura 3: Homens e mulheres participantes do PEP no ano de 2011, na Ilha dos Marinheiros. Fonte: Suzana Kaiser.

Também considerei a opção em ter como colaboradoras de pesquisa as mulheres pescadoras artesanais, pelo fato das mesmas serem desvalorizadas no processo de trabalho, neste caso, a pesca; por participarem deste trabalho indiretamente, sendo vistas como trabalhadoras improdutivas do ponto de vista do processo capitalista (MARX, 1983). É interessante e também importante (re) significar como as mulheres pescadoras artesanais são percebidas dentro do processo de trabalho, uma vez que elas se reconhecem como trabalhadoras da pesca.

Aliado ao reconhecimento das mulheres como pescadoras artesanais, percebo que estas também devem ser reconhecidas como construtoras de culturas e saberes populares, possuidoras de direitos políticos e sociais, construtoras de identidade singulares e ainda componentes de uma categoria social, a de ser mulher pescadora artesanal, moradora da Ilha dos Marinheiros e escolarizada. Assim, vejo unificado ao reconhecimento das mulheres pescadoras a valorização das mesmas, e percebo que esta valorização caminha junto dos olhares lançados a estas mulheres.

É no movimento de busca pelo reconhecimento das mesmas que procurei por respostas e alguns questionamentos vieram ao meu pensamento. Assim escrevo, mas afinal o que é ser pescadora artesanal? Ou melhor, o que é ser mulher pescadora? Em fim, o que é ser mulher pescadora não escolarizada?

Foi com o propósito de valorização dos sujeitos em seus diferentes processos e contextos históricos sociais que procurei desenvolver o estudo, para escutar o outro, e a partir desta escuta reconhecer os múltiplos sentidos construídos e expressados pelas mulheres pescadoras sobre suas histórias escolares.

2.4 – O pescado: a produção de dados

Assim como o pescador e a pescadora após um dia de pescaria obtém o pescado, quem pesquisa busca pela produção dos dados a tentativa de construção de respostas orientadas pelos objetivos da investigação e pelo problema de pesquisa. Dizer isto significa perceber a produção tanto dos dados tal como do pescado, ou seja, como uma atividade de constante busca, sendo assim fundamental para quem pesquisa e para o pescador e a pescadora respectivamente.

A **produção dos dados** foi realizada por meio de 3 entrevistas individuais e 1 coletiva em formato de entrevistas semiestruturadas sobre as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais. Tais diálogos foram gravados e transcritos e novamente entregues as mulheres participantes da pesquisa, para terem conhecimento da transcrição de suas falas e caso quisessem poderiam modificar o que foi por elas dito. Trago a sistematização dos encontros realizados individualmente no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Sistematização das datas dos encontros para a produção dos dados da pesquisa.

Participante da pesquisa	Datas dos encontros
Açucena	1º encontro: 22/08/2013 2º encontro: 27/08/2013 3º encontro: 05/09/2013
Rosa	1º encontro: 23/08/2013 2º encontro: 03/09/2013 3º encontro: 13/09/2013
Margarida	1º encontro: 14/09/2013 2º encontro: 21/09/2013 3º encontro: 30/09/2013
O encontro coletivo foi realizado dia 30/11/2013 na casa de Açucena.	

Com o objetivo de compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais, no primeiro momento individualmente busquei dialogar abertamente sobre **“quais os motivos da volta à escola para as mulheres pescadoras”**. Porém, com algumas perguntas norteadoras, levei em consideração que as questões não eram fechadas, e sim foram sendo reconstruídas no decorrer dos diálogos, por isso, identifiquei nossos encontros como sendo diálogos abertos. Ainda no final do encontro, combinamos uma data para o nosso próximo diálogo e propus para que fossem pensando algo que simbolizasse a escola para elas.

No segundo encontro individual, dialogamos sobre **“a escola vivida no ontem e a escola do hoje”**. Este encontro teve o intuito de compreender as experiências escolares das mulheres pescadoras da Ilha dos Marinheiros. Logo, para o encontro, as colaboradoras da pesquisa, como expressado anteriormente, buscariam expressar o que simbolizasse a escola para elas. Para a minha “surpresa” as participantes da pesquisa não haviam pensado em algo que simbolizasse a escola, então este encontro novamente dialogamos abertamente sobre a escola, ou melhor, sobre o Projeto “Educação para Pescadores”.

Em nosso terceiro encontro individual, tendo em vista a **compreensão do que vem o “ser - pescadora”**, busquei nas falas das mulheres, a compreensão de como elas

se apresentam como pescadoras, valorizando suas palavras. Neste encontro, havia pensado em propor para as mulheres a escrita do seu Auto Retrato, porém percebi que a ideia havia deixado as mulheres um tanto surpresas. Assim, propus a escrita do Auto Retrato após o nosso encontro para ser socializada no encontro final coletivo.

Para melhor compreensão dos caminhos metodológicos que orientaram a produção dos dados, faço um esboço, Quadro 2, de como se configuraram os nossos encontros:

Quadro 2: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa.

Encontros	Objetivos
1º Encontro: Quais os motivos da volta à escola para as mulheres pescadoras?	Compreender quais os sentidos do retorno à escola.
2º Encontro: A escola vivida no ontem e a escola hoje...	Compreender as experiências escolares das mulheres pescadoras da Ilha dos Marinheiros.
3º Encontro: O que é “ser – pescadora”	Buscar a apresentação do que é “ser-pescadora” por meio da escrita do seu Auto Retrato.

Após os três encontros realizados, foi proposto um diálogo final para a socialização dos Auto Retratos escritos e das histórias escolares contadas. Este quarto encontro, não foi individual como os demais e, sim, foi coletivo com o partilhar das presenças das três mulheres participantes da pesquisa. Também neste encontro coletivo, foi escolhido, pelas participantes da pesquisa, nomes fictícios levando-se em consideração os aspectos éticos preservados no decorrer da investigação realizada. Os nomes escolhidos foram: Açucena, Rosa e Margarida.

No final da produção dos dados, foram realizados nove encontros individuais, com duração em torno de quarenta e cinco minutos e um encontro coletivo com duração de uma hora e meia. Somando um total de 10 entrevistas semiestruturadas, compondo desta forma, o corpus de produção dos dados.

2.5 – Interpretações dos dados

Com a intenção de compreender os fenômenos investigados, optei como metodologia de interpretação dos dados a Análise Textual Discursiva - ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007), buscando compreender novas considerações sobre os fenômenos e discursos. A abordagem insere-se em pesquisas de cunho aberto, onde quem pesquisa busca pelo ponto de partida e de chegada. Para Moraes e Galiazzi (2007):

A análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensões em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12).

Desta forma, quem pesquisa constitui-se também como sujeito histórico reconstruindo os novos discursos emergentes a partir da produção dos dados. Neste sentido, compreendi a inexistência de neutralidade nos processos investigativos a interpretação foi marcada pela subjetividade e modos de compreensão de todas as participantes com o ato de pesquisar, no caso as três mulheres participantes da pesquisa e eu, pesquisadora.

De acordo com os autores, a metodologia ATD busca por um envolvimento profundo e rigoroso de quem pesquisa, para junto dos materiais produzidos, utilizando a descrição e interpretação detalhada para uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos. Logo, o procedimento de análise consiste em quatro elementos fundamentais para a compreensão dos fenômenos investigados, mergulhados pelos movimentos de desconstrução e reconstrução dos dados. Sendo assim, a ATD consiste em:

1. Unitarização: refere-se à desmontagem do texto e sua codificação;
2. Categorização das ideias codificadas: diz respeito à aproximação de ideias semelhantes;
3. Captação do novo emergente: constitui momentos de reconstrução das narrativas, avançando em sua compreensão a partir do problema de pesquisa proposto.

4. Construção dos metatextos: sendo o processo em que os conjuntos dos argumentos estruturados em torno de uma tese são trabalhados de forma integrada, envolvendo a descrição e interpretação em sua organização.

Os processos de ATD foram construídos em passos leves e delicados e dependem de como quem pesquisa os constrói. Assim, como na construção da rede de pesca, o pescador e a pescadora artesanal têm o material, as medidas e o passo a passo estão disponíveis, porém, a construção da rede de pesca não necessita ser copiada e, sim, reinventada conforme for à audácia do pescador e da pescadora artesanal. Dessa forma, como vejo a construção da rede de pesca artesanal, percebo a ATD, me encontro aqui com o passo a passo, mas, enquanto pesquisadora, tenho a liberdade de recriá-los.

A metodologia propõe uma desmontagem textual em um primeiro momento, para tanto o pesquisador deve estar focado nos objetivos e fenômenos da pesquisa. Indo ao encontro da idéia, os autores salientam que a divisão do texto nesta análise, deve ser mantida a perspectiva do todo e do contexto em que foi produzido. Portanto, apesar de existirem os movimentos acima citados na análise textual discursiva deve-se ter um esforço permanente de focalização no todo, compreendendo a investigação como um processo integrado.

O **processo de unitarização** foi composto pela codificação e agrupamento das ideias semelhantes. Neste primeiro movimento elenquei, no corpo do texto, cores para cada participante da pesquisa. A cor azul referia-se a todas as falas de Rosa; a cor vermelha simbolizava as falas de Margarida; a cor verde destacava as falas de Açucena. Para a construção dos códigos no decorrer da desmontagem do texto utilizei a letra inicial do nome das colaboradoras da pesquisa, acompanhada do número do encontro e da página. Trago um exemplo, para melhor sistematização da ideia apresentada, sob o fluxograma da Figura 4, na página seguinte.

Após fazer o processo inicial de desmontagem do texto, unitarizando as ideias, cheguei a 389 unidades de significados. O segundo momento do processo da metodologia que compõem a ATD foi à de **categorização inicial das ideias semelhantes**, assim utilizei o recorte das unidades de significados oriundas da unitarização e codificação dos dados, sistematizando-os em um quadro (Quadro 3), apresentado na página a seguir.

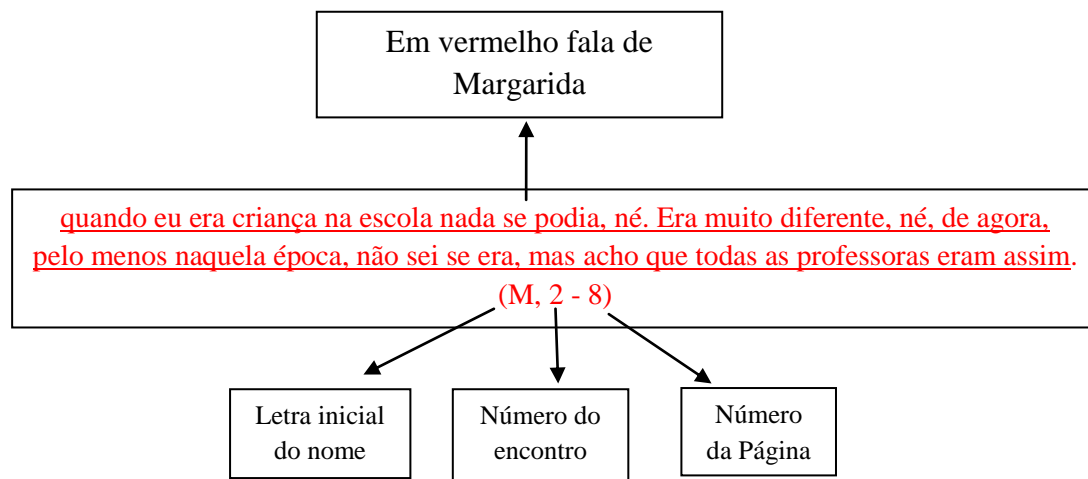


Figura 4: Fluxograma da codificação das unidades de significado.

Quadro 3: Categorização inicial.

UNIDADE	FRAGMENTO	REESCRITAS
Relações com professores e colegas	<p>a relação assim com os professores e os colegas sempre foi bem legal assim bem bacana mesmo, nunca tive problema com colegas e com as professoras (A,1-1)</p> <p>A relação com a professora, a relação era boa. Ela era assim, ela, professora, ela era assim, estilo feito mãe, parece que não era professora, assim. Ela se interessava muito, assim, elas tavam sempre cuidando a gente, assim. Todas elas tavam sempre de olho em nós e era boa. (R, 1-4)</p>	

Esse mesmo método foi utilizado no decorrer do processo inicial de categorização, ao final deste segundo movimento contava com 27 categorias iniciais. O terceiro momento de produção dos dados foi composto pela leitura intensa e detalhada das categorias iniciais, avançando na sistematização dos discursos das mulheres pescadoras artesanais, por meio do agrupamento das categorias iniciais. Utilizei como instrumento novamente o recorte das categorias iniciais, chegando, então, a 9 **categorias intermediárias**, as quais foram agrupadas em 3 **categorias finais** mais abrangentes escritas em três metatextos.

Ao final da produção dos dados, foram três as categorias finais que emergiram: A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; A volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação; O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão.

A escrita dos metatextos foi construída com os discursos das participantes da pesquisa que compuseram cada categoria final, acompanhadas dos referências teóricos que corroboraram com as discussões emergentes.

Após contar sobre os caminhos metodológicos do estudo construídos, direciono a escrita, contemplando a contextualização do cenário de pesquisa. Percebo a importância da contextualização da área de estudo, uma vez que a Ilha dos Marinheiros situa-se na Lagoa dos Patos no interior da cidade do Rio Grande\ RS, muitas vezes, desconhecida a existência desta localidade, principalmente, da sua importância dentro da história da colonização portuguesa no Brasil.

Sendo assim, convido o leitor para conhecer em meio às palavras a Ilha dos Marinheiros, deixando-se encharcar pela história deste lugar, pela herança cultural dos povos das Ilhas de Portugal que colonizaram a Ilha dos Marinheiros e pela boniteza das pessoas que recriam a identidade do lugar. Ao convidá-los para este conhecer, antecipo que o meu olhar sobre a história da Ilha dos Marinheiros é um “olhar forasteiro”, de descoberta e, às vezes, de encanto pelo novo conhecido. Digo isto, pelo fato de que ao conhecer este lugar, busquei e busco ainda conhecê-lo e reconhecê-lo sempre. Desse modo, trago minha acolhida cordial e missioneira, de boas vindas à Ilha dos Marinheiros.



III CAPÍTULO – Um pouco de história sobre a Ilha dos Marinheiros e o diálogo sobre a pesca artesanal nesta comunidade

Ilha dos Marinheiros

*Ilha que encanta
Ilha que emociona
Ilha que mata a sede
Ilha que fez o poeta viajar
Ilha dos vários donos
E sem dono nenhum
Ilha do por do sol
Ilha de tomar banho
Banho de areia, de água
Qualquer que seja o banho
Será o melhor lá na Ilha
Ilha minha, minha ilha
Quem me dera fosse minha
Essa Ilha dos Marinheiros.*

(Marilete Boy Oliveira, 1996).

Início este ensaio escrito utilizando este belo poema de uma aluna do curso de geografia vinda da cidade do Rio de Janeiro que conhece, no ano de 1996, por meio do Projeto Rondon, a Ilha dos Marinheiros. Com um sentimento saudosista, parecido com o expressado na poesia acima, aproximo o meu olhar que conhece a Ilha e por ela se apaixona, pelas paisagens, pelas pessoas, pela cultura, por tantos encantos que faz da Ilha dos Marinheiros um lugar especial. Compreendo este sentimento como sendo acolhedor de novos lugares, onde me deixo encharcar pela cultura local, desejando conhecer e reconhecer “o novo”.

Lembro-me, que nas aulas de geografia no Ensino Fundamental pintava em meio aos mapas a Laguna dos Patos. Chamava-me atenção que a Laguna dos Patos é uma lagoa de água doce que possui um canal de ligação com a água salgada, ou seja, desemboca no Oceano Atlântico, por isso pode ser chamada de laguna ou lagoa dos Patos. Ainda, adorava saber que a Lagoa dos Patos é a maior lagoa do Brasil e a segunda maior da América Latina, porém desconhecia e existência das Ilhas que nela existem e que são habitadas por moradores locais.

Procuro em meio às palavras desafiar a escrita, buscando aproximar, conforme escreve Fernando Pessoa “os meus pensamentos ao encontro dos meus sentimentos” e contar sobre a Ilha dos Marinheiros, contextualizando o lugar que se encontra como cenário deste estudo. Logo, dialogo sobre a pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, uma atividade econômica que se faz presente na história do município de Rio Grande.

Ao estudar a história dos ilhéus (assim chamados os nativos da Ilha dos Marinheiros) percebo que seus costumes, sua cultura, suas especificidades e entre outras singularidades desta comunidade, revelam a grande importância da Ilha dos Marinheiros para o desenvolvimento do município de Rio Grande. Soma-se isso, a sua relevância no âmbito nacional, constituída ao longo de sua história.

3.1 – Um pouco da história da Ilha dos Marinheiros

Para contar a história da Ilha dos Marinheiros, utilizo o livro “A Ilha dos Três Antônios”, escrito pela autora Anna Lucia Dias Marisson de Azevedo. Esta bibliografia, escrita no ano de 2003, apresenta em seu enredo uma combinação entre fatos e memórias históricas, em meio à metodologia de narrativas de histórias de vida. Sendo assim, a autora procura preservar tanto a sua memória, pois nasceu na Ilha dos Marinheiros, como também busca conservar a lembrança coletiva fazendo um resgate da cultura local, apresentado dados geográficos, climáticos, religiosos, gastronômicos, históricos e folclóricos. Desta forma, conto um pouco da história da Ilha dos Marinheiros. A Ilha dos Marinheiros situa-se no estuário da Laguna dos Patos (Figura 3) e suas coordenadas estão entre 052°05’ e 052°12’ de Longitude Oeste e entre 31°58’ e 32°02’ de Latitude Sul (HARTMANN, 2000), possui uma área total de 39,9 km² (3.990 ha) e sua estrada de contorno, revestida com saibro, possui uma extensão de 23,9 km (TAGLIANI, 2006).

A Ilha dos Marinheiros, Figura 5, é a maior ilha da Laguna dos Patos e a mais importante da região, reunindo um heterogêneo grupo cultural que preserva até os dias atuais a cultura rural portuguesa trazida pelos colonizadores em 1737. O isolamento geográfico ao continente, imposto pela falta de ligação por via terrestre, manteve quase intacto os costumes e tradição cultural dos habitantes. Neste momento detenho-me a relatar alguns dos fatos históricos que são encontrados em meio aos registros e relatos do povo ilhéu.

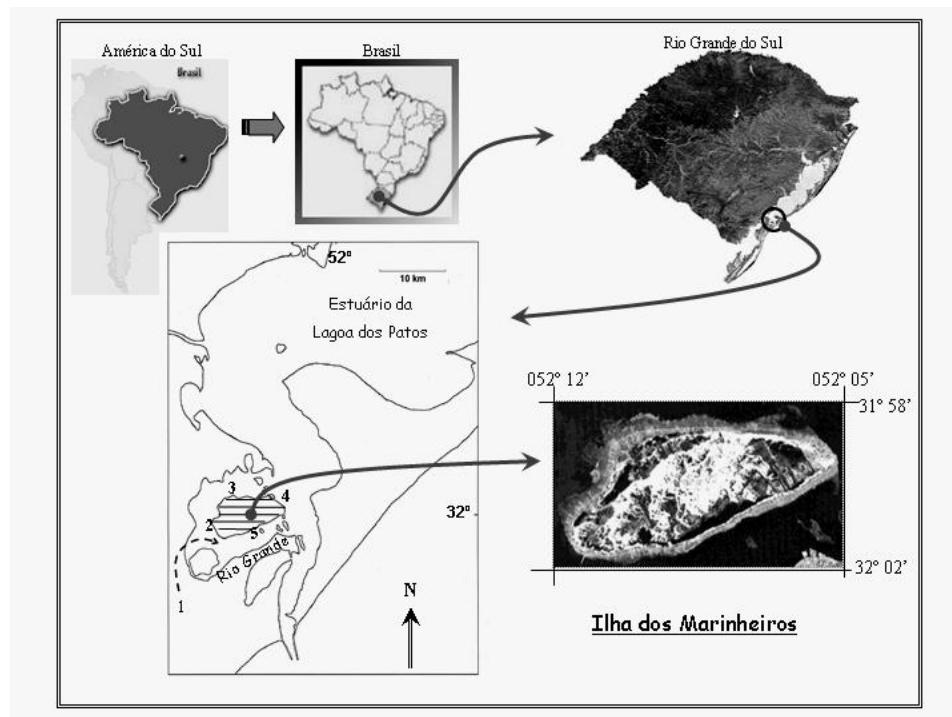


Figura 5: Mapa de localização da Ilha dos Marinheiros. Fonte: FILARDI (2003).

Com a chegada de Silva Paes com o intuito de criar um núcleo de fortificação, no ano de 1737 a maior ilha encontrada recebeu o nome de **Ilha do Marinheyro** em referencia aos primeiros que nela aportaram com o propósito de conseguir madeira para a construção das fortificações. Além da madeira extraída da Ilha, traziam a Rio Grande de São Pedro¹⁰ água de excelente qualidade. Mais tarde, com a chegada de outros marinheiros que começaram a povoar o continente ilhéu, a Ilha passou a ser apresentada no plural, desde então é conhecida como **Ilha dos Marinheiros**.

Os indícios históricos apontam que esta Ilha antes de ser colonizada pelos povos portugueses, era habitada por índios Charruas e Minuanos¹¹, estes passaram a manter contato mais tarde com os portugueses por meio do comércio de gado pelo canal. Aos poucos o desmatamento excessivo começa a preocupar, sendo assim, foi adotada pelo

¹⁰ Primeiro nome dado à cidade do Rio Grande.

¹¹ Esses índios não habitavam permanentemente a Ilha dos Marinheiros, ocupavam a Ilha da Torotama e arredores, e provavelmente atravessavam, pela Lagoa dos Patos, para a Ilha dos Marinheiros quando as águas baixavam no verão. Para sobrevivência utilizavam recursos da natureza, como: caça, pesca coleta e cultivo para consumo. Os restos de alimentação encontrados nestes locais permitiram identificar nesses locais uma fauna capturada nos meses quentes do ano. (SCHMITZ, 1976, p. 206, apud, RUIVO, 1994).

governo, como medida de precaução, a divisão da Ilha em três partes, doando-as a três Antônios, sendo eles: António Gonçalves dos Anjos, António de Araújo Vilela e António Gonçalves Pereira de Farias.

Após a invasão dos espanhóis, a Ilha dos Marinheiros serve de ancoradouro para pessoas que queriam reaver a vila. No ano de 1790, a Ilha é evidenciada pelas terras férteis com a abundância de hortaliças, variedade de produtos e pomares. Na terceira década do século XIX, as matas da Ilha ocupavam expressiva área, oferecendo proteção ao “Quilombo no Negro Lucas”¹². De acordo com dados de 1833, a comunidade quilombola servia de refúgio para seis homens e quatro mulheres que haviam fugido a mais de dez anos, sobrevivendo de maneira precária por meio de furtos, da prestação de serviços e de pequenas atividades mercantis (MAESTRI, 2005, p. 300).

No ano de 1835 um fato importante começa a acelerar o crescimento e desenvolvimento da Ilha dos Marinheiros, a introdução de viticultura. Extensos parreirais foram espalhando-se pelo entorno da Ilha, por intermédio dos portugueses vindos do norte de Portugal. Nesta época residiam na comunidade cerca de 9.800 habitantes, em sua maioria, portugueses. Em seguida, a Ilha dos Marinheiros também passa a ser chamada de Ilha dos Portugueses. Outro marco histórico é à visita do imperador Dom Pedro II, no ano de 1845, desembarcando pelo Porto do Rei¹³.

Com o crescimento econômico por meio do plantio de parreirais e fabricação artesanal do vinho, esta comunidade formava um verdadeiro monopólio na venda do produto. Em 1927 é formada a organização do sindicato “Vinícola Rio-Grandense Ltda.”, na Serra Gaúcha, com esta especialização foi tirado do mercado os produtos artesanais, diminuindo, então, os produtores artesanais, porém aumentando a produção do vinho. Apesar de ser a mais antiga produtora de vinhos, sua forma de produção era

¹² As cidades situadas na região Sul do Rio Grande do Sul concentravam um número elevado de escravos africanos. Muitos deles, ao fugir da opressão de seus senhores, escolhiam não abandonar o espaço urbano, já que estavam pouco habituados ao modo de vida rural. Uma das comunidades negras urbanas mais conhecidas do período escravista é o quilombo do Negro Lucas. A ilha localizava-se bem em frente a cidade do Rio Grande, um importante centro urbano do período. Como viviam muito próximos da cidade, inclusive de seus antigos senhores e das forças repressivas, os escravos do quilombo do Negro Lucas andavam armados e escondidos pela mata da ilha. Os quilombolas resistiram por um longo período até que, em 1833, a guarda nacional realizou uma emboscada e assassinou o Negro Lucas, líder da comunidade. Os demais membros do agrupamento conseguiram fugir e se dispersar, abandonando o local. http://www.cpis.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_quilombosurbanos.html Acessado em 12\11\2013, às 17 horas e 47 minutos.

¹³ Em homenagem a visita de Dom Pedro II foi preservada, até os dias atuais, a “estrada do Rei” onde o Rei, com sua corte, desembarcou na Ilha dos Marinheiros.

primária, sem nenhuma técnica especial, com a criação deste sindicato, a comunidade passa a enfrentar alguns problemas, oriundos pela concorrência no mercado.

Mesmo com os problemas percebidos, consegue continuar com a produção de vinho até o ano de 1945, nesta época surge uma praga na videira dizimando a planta, destruindo por completo os parreirais de uva. Segundo os relatos encontrados, a praga destruiu tanto as videiras, como também as árvores frutíferas e outras plantas em geral.

A situação econômica, política e social da Ilha dos Marinheiros começa a modificar-se após a primeira guerra mundial. Com a não chegada de mais portugueses, a cultivo das videiras foi acabando, uma vez que não se encontrava mão de obra especializada; pela Ilha ficaram os descendentes que dedicaram somente ao cultivo de legumes e à pesca. Logo, a falta de condições de sobrevivência causou forte desestímulo ao povo ilhéu, muitos, então, deixaram a comunidade à medida que seus filhos chegavam ao término do curso primário, indo ao encontro de novas expectativas de vida como fizeram seus antepassados.

O êxodo agravou-se cada vez mais, atualmente no 2º distrito da cidade do Rio grande, a Ilha doa Marinheiros, moram cerca de 1.400 pessoas. É considerada a parte mais fértil do município de Rio Grande e já foi o mais importante centro agrícola de produção de legumes, frutas e fábrica de vinhos, que abasteciam a cidade e a exportação em larga escala.

Atualmente, a agricultura familiar da Ilha abastece, com a venda de hortaliças, 80% do comércio da cidade. A travessia dos produtos é feita pelos produtores por meio hidroviário, saindo do Porto do Rei e atracando no Mercado de Hortifrutigranjeiros de Rio Grande Neste local, os produtos, oriundos da agricultura familiar, são vendidos diretamente para os consumidores ou são distribuídos entre os supermercados e mercearias.

A Ilha dos Marinheiros, ainda mantém traços da colonização portuguesa presentes principalmente em suas festas religiosas¹⁴, as quais contam com uma programação que possui a duração de um dia inteiro, começando com hasteamento das bandeiras (brasileira e portuguesa), missa, procissão, almoço e baile. Outro forte

¹⁴ Ao total existem três igrejas na Ilha: São João Batista, Nossa Senhora da Saúde e Santa Cruz, as quais são responsáveis por realizar uma festa por ano.

vestígio da colonização portuguesa presente até hoje no distrito é a produção de vinho e jeropiga¹⁵.

A Ilha dos Marinheiros atualmente possui, em funcionamento, quatro escolas municipais. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Sylvia Centeno Xavier está localizada na comunidade do Porto do Rei e oferta somente do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental. As três outras escolas são: Escola Municipal de Ensino Fundamental Apolinário Porto Alegre que está localizada na comunidade da Marambaia, também neste local; encontra-se a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Renascer e na comunidade do Porto do Rei encontra-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental Coração de Maria, estas escolas são multisseriadas e oferecem os primeiros anos (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental.

O transporte dos alunos, dentro da Ilha dos Marinheiros, é a cargo da Prefeitura Municipal da cidade do Rio Grande. Neste sentido, como na Ilha não possui escolas que oferecem o Ensino Médio, após concluir o Ensino Fundamental, os alunos, através do transporte escolar disponibilizado pela prefeitura, são levados à escola mais próxima: a Escola Estadual Lília Neves, localizada na Vila da Quinta. Dessa forma, possibilitando-lhes completar o Ensino Médio.

Percebo que esta comunidade possui grande relevância no contexto histórico da cidade do Rio Grande, assim, ressalta em meus olhares uma específica discussão. Apresento então as condições de acesso e esta comunidade, que vibra pela histórica que carrega em seu contexto, reserva belezas naturais diversas e fascina com sua riqueza cultural.

Para mostrar o lugar que se constitui enquanto cenário de investigação, a Ilha dos Marinheiros, construo um mosaico de imagens (Figura 6) ilustrando o quanto especial é o lugar para mim.

¹⁵ Bebida típica da Ilha dos Marinheiros, um tipo de vinho branco do porto. Esta bebida típica foi tombada como patrimônio como patrimônio histórico.

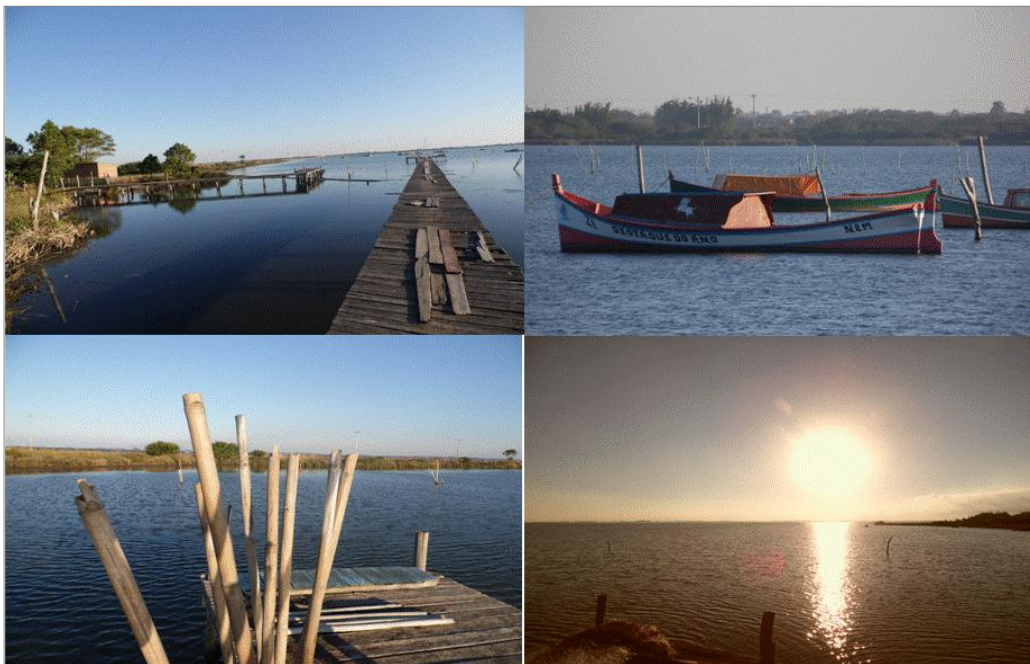


Figura 6: Mosaico de imagens da Ilha dos Marinheiros. (Arquivo da autora)

3.2 – Como chegar até a Ilha dos Marinheiros?

Contando um pouco dos fatos históricos da Ilha dos Marinheiros, algumas questões pontuais começam a serem percebidas, em meio aos relatos e documentos escritos que resgatam a história do lugar. Uma das questões que chama atenção é o acesso a esta localidade, tanto das pessoas que moram na Ilha dos Marinheiros e que de alguma maneira necessitam dos trabalhos oferecidos na cidade, como dos que chegam de Rio Grande, e de outros lugares, e procuram conhecer a Ilha.

Buscando pelas demarcações geográficas da Ilha dos Marinheiros, encontro que esta possui cerca de 24 km em seu entorno, sendo contornada por uma estrada que perpassa por todas as comunidades: Porto do Rei, Marambaia, Coréia, Fundos e Bandeirinhas. A distância de acesso do Pórtico da Cidade à Vila da Quinta são 18 Km de rodovia. Logo, da Vila da Quinta até a ponte são mais 9 km, passando pela Ilha do Leonídio, chegando até a Ilha dos Marinheiros.

Antes da construção da ponte, o acesso à comunidade dava-se por meio da travessia de balsa, onde somente carros e pessoas tinham acesso. Conversando com os moradores da localidade, os relatos são de indignação quando falamos a respeito da ponte, pois, contam que ao menos por 20 anos a obra ficou estagnada. Voltando ao passado, encontro registros interessantes para análises que versam sobre a construção do

acesso terrestre a Ilha dos Marinheiros. Vamos aos registros encontrados junto à Câmara Municipal de Vereadores.

A primeira proposta de estudos e elaboração de uma planta para a construção de uma ponte de acesso à Ilha dos Marinheiros surgiu no ano de 1849, num debate que durou cerca de dez anos, até o ano de 1859. O projeto de construção da ponte era a ligação entre Rio Grande e a Ilha dos Marinheiros pelo canal do Porto Velho, porém os custos para esta estrutura seriam muito altos, já que a distância entre a cidade e esta comunidade é longa, então outras propostas começaram a ser estudadas.

Os trabalhos de aterro que ligariam a Ilha do Leonídio e a Ilha dos Marinheiros iniciaram, mais especificamente, no dia 28 de fevereiro do ano de 1977. Esta ligação foi construída, conforme o sugerido pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamentos, por meio um aterro sem qualquer ponte, devido ao baixo custo aliado à preservação do meio ambiente.

Com o passar dos anos, até então nada “havia saído do papel”, então, foi construído no ano de 1985 um pontilhão de 250 metros com estacas e travessas de eucaliptos, pinho e peroba, por ser mais rápido e econômico. Discurso este reproduzido e defendido pela administração municipal da época. Novamente o projeto não foi efetivado.

Como iniciativa de conclusão da obra, o prefeito Rubens Emil Correa, construiu um aterro com areia de pouca compactação ligando a Ilha dos Marinheiros ao Leonídeo. Logo, com os fortes ventos e a instabilidade das marés, o aterro construído não aguentou por muito tempo, rompendo-se com a correnteza. No ano de 1979, a Fepan¹⁶ manifesta-se em documento escrito, constando que a ligação do aterro construída era criminosa, pois impedia o livre transito de peixes e a desova do camarão.

Diante da situação, convencionou-se posteriormente a construção de uma ponte de 90 m e mais dois pontilhões de cada lado conforme sugestão da Portobrás. Passaram-se muitos anos sem que nenhuma iniciativa para a conclusão da ponte fosse tomada. No ano de 1993, o prefeito Wilson Mattos Branco, nascido na Ilha dos Marinheiros, novamente inicia a discussão sobre a retomada da construção da ponte. Ficou acertado que a ponte teria 150 m de comprimento e o restante da travessia seria aterrado.

¹⁶ Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luíz Roessler é o órgão responsável pelo licenciamento ambiental do estado do Rio Grande do Sul.

Mesmo sendo reconhecida como de fundamental importância a construção da ponte (Figura 7) para esta comunidade, somente no ano de 2004 foi inaugurado o acesso ao continente. Atualmente este pode ser realizado por via terrestre, além da tradicional e usual até os dias de hoje, via hidroviária.



Figura 7: Ponte de acesso à Ilha dos Marinheiros. (Arquivo da autora)

3.3 – A pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS

Ao folhear o livro “A Ilha dos Três Antônios” (2003), em meio às narrativas dos moradores locais, encontro algumas histórias que relatam sobre a pesca artesanal e a sua abundância em décadas passadas. É interessante levar em consideração, que os relatos resgatados em sua maioria foram de imigrantes portugueses que chegaram à Ilha no século XX, mais precisamente no ano de 1945. Estes vinham em sua maioria, da cidade de Águeda, localizada em Portugal onde a pesca artesanal faz parte da economia local.

Logo, ao pensar na pesca artesanal e o quanto esta se faz presente no *lócus* de investigação, principalmente, junto aos moradores da Ilha dos Marinheiros, das comunidades: Marambaia, Coréia e Bandeirinhas. Percebo que, os relatos resgatados no livro não são mais os mesmos, há uma diferença inquietante que convidam a pensar sobre a escassez do recurso, o pescado e, junto desta, o decaimento econômico da pesca artesanal, mais especificamente, o declínio do setor pesqueiro no Rio Grande do Sul e na cidade do Rio Grande. Importa dizer que a cidade do Rio Grande no final da década de 70 e início da década de 80 foi considerada o centro da economia pesqueira gaúcha, concentrando o maior número das indústrias capitalistas pesqueiras, quando entrava pela cidade cerca de 90% do pescado no Estado. (OLIVEIRA, 2013)

Sendo assim, chamo atenção para esta questão e trago as palavras de Diegues (1983, p. 140) ao escrever que “os recursos pesqueiros estão em diminuição em consequência da sobrepesca”. Nesse sentido, os problemas ambientais existentes, muitas vezes, são os responsáveis pela diminuição de diversas espécies de pescado comprometendo o potencial pesqueiro. Além disso, a pesca predatória (arrasto) agrava ainda mais a situação do estuário da Lagoa dos Patos, bem como o Oceano Atlântico, entre outros recursos hídricos.

Neste momento da escrita, oriento meus pensamentos ao lado dos autores Oliveira (2004 e 2013) e Diegues (1983 e 1988), com o intuito de contextualizar a pesca artesanal na cidade do Rio Grande\RS. Trazer esta discussão para a escrita vem a contribuir para a compreensão da pesca artesanal no município, bem como pensar na pesca artesanal, vivida atualmente, pelos moradores da Ilha dos Marinheiros.

Pensar sobre a situação econômica atual, da atividade pesqueira na cidade do Rio Grande\RS é buscar no tempo presente olhares que vão ao encontro de consequências e questionamentos em tempos passados. Pois, ao falar em uma situação econômica atual da pesca artesanal, remeto ao resgate histórico de como esta era no passado e suas modificações atuais. Logo, afirmo a característica histórica da pesca artesanal, sendo esta possuidora de uma história dentro das atividades pesqueiras. Nas palavras de Oliveira (2013, p. 160) em relação ao entendimento dos processos de produção artesanal, “é importante considerar, o desenvolvimento da abordagem histórica, especialmente, a intenção de aprofundar o debate no que tange à articulação da pesca industrial com a artesanal no país”.

O município de Rio Grande\RS está localizado em uma área litorânea, no estreito Sul do Rio Grande do Sul. Assim, banhado de um lado pela Lagoa dos Patos e do outro lado pelo Oceano Atlântico, entre banhados e lagos, o município destaca-se dentre os outros nas atividades pesqueiras artesanais e industriais.

Neste sentido, importa compreender que as atividades pesqueiras, dependendo de seu objetivo dividem-se em categorias: subsistência, artesanal e industrial (de média e grande escala). A primeira destina-se ao consumo próprio e/ou familiar, enquanto as demais são comercialmente orientadas (DIEGUES, 1983). As pescarias artesanais ocorrem em toda a costa brasileira e são praticadas por pescadores autônomos, os quais exercem a atividade individualmente ou em parcerias. Estas pescarias empregam

apetrechos relativamente simples e o produto é comercializado, normalmente, através de intermediários. (DIEGUES, 1983; 1988)

Atualmente, na Ilha dos Marinheiros o objetivo da pesca artesanal vai ao encontro da definição do autor. Geralmente, é praticada pelos moradores locais, individualmente, que são autônomos, e os mesmos confeccionam seus apetrechos para utilizá-los junto às forças de trabalho empregadas. A venda da matéria-prima acontece com o envolvimento de um intermediário, ou, na linguagem do pescador, é por meio do “atravessador de pescado”, que movimenta o escoamento da produção estabelecendo vínculos de dependência com o pescador. O mesmo vai até as residências dos pescadores para comprar a matéria-prima diretamente do produtor.

Outra maneira encontrada pelo pescador para movimentar a economia pesqueira artesanal na Ilha dos Marinheiros é a venda direta ao consumidor que é realizada através de bancas nas docas do Mercado Público ou a oferta do pescado em suas residências, os mantendo estocados em freezer a espera de comprador. Ao trazer o esquema abaixo (Figura 8), busco melhor compreender e esclarecer a cadeia produtiva do pescado, desde a sua produção até o consumidor.

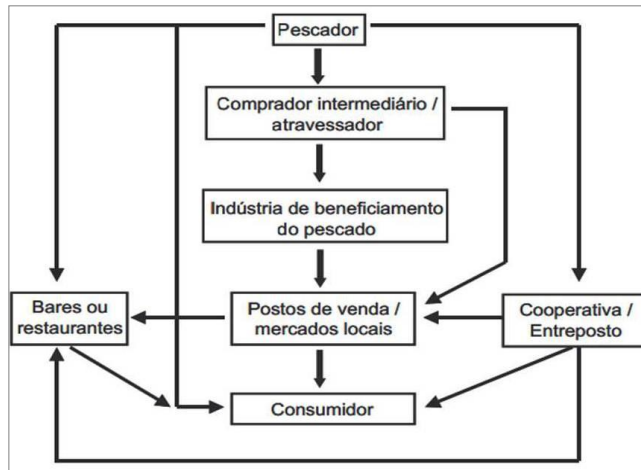


Figura 8: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa. Fonte: Woortmann (2011).

O esquema mostra a complexidade da cadeia produtiva pesqueira, uma vez que o pescador está no topo da cadeia econômica da pesca, compreende-se a baixa valorização da sua força de trabalho diante do capital. No momento em que, o pescador vende a matéria-prima diretamente ao atravessador, é estabelecida uma relação de dependência entre o pescador e o atravessador.

Logo, a dependência acarreta na hierarquia de poder um sobre o outro, digo isto, pois os intermediários, muitas vezes, atuam como financiadores da atividade de pesca. Na Ilha dos Marinheiros alguns dos atravessadores fornecem combustível utilizado nas embarcações ou capital, sendo a dívida adquirida pelo pescador e, normalmente, paga com o produto da pescaria; a dependência é gerada e o intermediário se beneficia pagando pouco ao pescador, por quilo da produção.

A quebra da dependência do intermediário poderia deixar a cadeia produtiva menor e aumentar a valorização da força de trabalho empregada pelo pescador. Porém, dificilmente o pescador consegue arcar com os custos de manutenção dos instrumentos necessários para a prática da pesca artesanal (apetrechos de pesca, gelo, combustível conservação da embarcação e motor, etc). Sendo assim, o atravessador surge para o pescador como fornecedor do capital de giro, as dívidas adquiridas mantêm a relação de dependência e a desvalorização social da categoria do pescador. (DIEGUES, 1983; OLIVEIRA, 2013).

Ao escrever sobre a cadeia produtiva que atualmente encontra-se em ciclo dentro da pesca artesanal, busco por respostas sobre o que contavam os pescadores em meio às narrativas encontradas no livro “A Ilha dos três Antônios”, onde a abundância da pesca, nos chama ainda mais atenção. Oliveira (2013), ao construir o resgate histórico da pesca riograndina, afirma que a intervenção do Estado com incentivos fiscais, no ano de 1967, para a instalação das indústrias pesqueiras, veio a contribuir tanto para a escassez da matéria-prima, como para a desvalorização da pesca artesanal.

Neste sentido, segundo a autora, as empresas de pesca estabeleceram a inter-relação com o pescador artesanal, explorando sua produção e mão-de-obra, tanto no abastecimento do pescado, como para as grandes embarcações. Com o incentivo do Estado, para a captura em grande escala do pescado, acaba por não levar em consideração as consequências da rápida destruição das riquezas naturais. Consequentemente, os principais afetados com este incentivo do Estado foram os pescadores artesanais. Neste sentido,

A pequena pesca foi profundamente afetada por este modelo produtivo, evidenciando a transferência de grande parte de pescadores artesanais para a pesca embarcada ou para o abandono da profissão, em virtude da impossibilidade de garantir os meios de subsistência. (OLIVEIRA, 2013, p. 174\175)

Muitos pescadores artesanais da Ilha dos Marinheiros comercializavam o seu pescado por intermédio de atravessadores, os quais repassavam para as indústrias

capitalistas pesqueiras na cidade do Rio Grande\RS. A dependência foi criada pelo fato de os pescadores artesanais, na época, não possuírem espaços para armazenamento do pescado. Com a inexistência de incentivo do Estado para a categoria de pescadores oriundos da pesca artesanal, a tecnologia até eles não chegava, impossibilitando os mesmos na venda do pescado diretamente às indústrias.

No final da década de 80, ocorre a diminuição significativa do número de empresas capitalistas de pesca na cidade do Rio Grande\RS, apresentando neste período visível decadência. Neste caminho, aliado aos fatores econômicos, está o processo de redução da matéria-prima pela pesca predatória, pela poluição das águas e pela ocupação desordenada das margens da Lagoa dos Patos. (OLIVEIRA, 2013)

Importa dizer que as relações de mercado sempre existiram dentro da pesca artesanal, porém a intensidade destas, atualmente, aumentou sua validade. Conforme Woortmann (2011, p. 358) “não se pode minimizar as transformações que fizeram da terra e do trabalho mercadorias, que produziram uma reorientação do valor-de-uso¹⁷ para o valor-de-troca, afetando tanto o mundo dos homens como o das mulheres”. Logo, o produto do trabalho do pescador artesanal é convertido totalmente em mercadoria.

A pesca artesanal, tanto na Ilha dos Marinheiros como na cidade do Rio Grande\RS, atualmente, é marcada como sendo **pequena produção mercantil** (OLIVEIRA, 2013). Denominação esta, visível, dentro da cadeia produtiva da pesca artesanal, sendo considerado pescador artesanal “o trabalhador que vive exclusivamente ou quase exclusivamente de sua profissão”, conforme aponta Diegues (1983, p. 155).

Porém, os pescadores artesanais da Ilha dos Marinheiros durante os períodos de defeso (proibição de pesca), buscam por alternativas econômicas para a complementação da renda, como serviços temporários sem carteira de trabalho assinada, para não perder o seguro desemprego (benefício governamental que permite assistência financeira temporária aos pescadores artesanais durante o período de defeso). De forma geral, as principais opções de mão-de-obra dos pescadores neste período são a construção civil ou confecção / manutenção de materiais de pesca, ou então, como a pesca alterna com a agricultura, normalmente com o plantio de hortaliças. Os pescadores que não possuem terreno para plantios costumam trabalhar como diaristas nas lavouras.

¹⁷ Ver Marx, “O Capital, 3º Livro” (1867).

Sendo assim, o setor pesqueiro artesanal carece de incentivos fiscais em longo prazo, geralmente a categoria é tratada de maneira emergencial, guiados pela necessidade de resoluções rápidas, conforme as quedas de safra das espécies. Conforme Diegues (1983, p. 142) “no final da década de 60 a pesca artesanal é um setor esquecido da divisão social da produção”, desvalorização, invisibilidade encontrada até os dias atuais. Neste sentido, o esquecimento da pesca artesanal contribui para o não reconhecimento dos pescadores artesanais, enquanto profissionais e cidadãos.

A pesca artesanal vivida cotidianamente pelos pescadores da Ilha dos Marinheiros encontra-se em meio ao esquecimento. Pois, ao longo do percurso histórico da pesca no Estado do Rio Grande do Sul, a cidade do Rio Grande\RS vem a ser o centro da economia pesqueira, acompanhado das reconhecidas empresas de pescados que por aqui se instalaram. Entretanto, com a decadência das mesmas, a pesca no município é esquecida e os pescadores artesanais, que por aqui já empregavam suas forças de trabalho, muito antes das indústrias de pescado, estão ocultos.

Atualmente, a cidade do Rio Grande\RS economicamente volta-se novamente ao mar, com o crescimento acelerado da industrialização do Polo Naval, gerando o reconhecimento do município em âmbito nacional. Novamente, o incentivo do Estado volta-se para as grandes empresas capitalistas, principalmente para a construção de plataformas petrolíferas, que posteriormente irão ser utilizadas para a extração dos recursos naturais. Assim, como em tempos passados, com a exploração dos recursos naturais no setor pesqueiro, a história repete-se, porém, modificam-se os personagens.

Com o crescimento do Polo Naval riograndino, muitos pescadores artesanais da Ilha dos Marinheiros estão deixando de exercer a atividade pesqueira, indo ao encontro de empregos temporários e assalariados nas indústrias navais. Em suas justificativas aparece a questão da estabilidade econômica, uma vez que com a baixa valorização da força de trabalho do pescador e o aumento da escassez do pescado, viver da pesca artesanal torna-se difícil.

Contudo, mesmo em condições, por vezes, precárias de trabalho, a atividade da pesca artesanal acontece na Ilha dos Marinheiros, em menor número de pescadores do que em anos atrás, e em menor quantidade de pescado comparado aos anos 70. Cada

início de ano, a safra de camarão¹⁸ é esperada pelos pescadores artesanais desta localidade e com ela o sentimento de esperança de se fazer uma boa safra.

No capítulo seguinte, continuo a escrever sobre o sentimento de esperança, construído pelos pescadores e pescadoras da Ilha dos Marinheiros, e a esperança quando retornam à escola. Para tanto, escrevo a contextualização do Projeto Educação para Pescadores, espaço ofertado para o jovem e o adulto ilhéu retornarem a seus processos de escolarização, que um dia, por algum motivo, foram interrompidos.

¹⁸ Refiro-me a safra de camarão, pois é está que possui maior validade econômica para o pescador artesanal da Ilha dos Marinheiros\RS.

A green sign with white text is mounted on a wooden post. The sign is positioned in the lower right foreground. Behind it, there is a large, dense tree with green leaves. To the left of the tree, a yellow building is partially visible, surrounded by more trees and a grassy area. The ground in the foreground is a mix of dirt and grass, with shadows cast by the trees.

E.M.E.F
RENASC

IV CAPÍTULO – As histórias que compõem uma história: Contextualização do Projeto Educação para Pescadores

Neste momento da escrita busco por trazer a contextualização do Projeto “Educação para Pescadores”¹⁹, espaço onde mulheres e homens pescadores voltam a vivenciar a escola em suas vidas. Tendo em vista o seguinte problema de pesquisa: **“Quais são os significados construídos pelas mulheres pescadoras que buscam a escola novamente em suas vidas?”**; procuro compreender, com um olhar cuidadoso e crítico, os significados construídos pelos sujeitos, principalmente pelas mulheres, a respeito da ação. Ainda procuro compreender como o Projeto vem sendo organizado e pensado pelas instâncias sociais que o desenvolvem.

Ao falar em história lembro-me das palavras de Benjamin (1993, p. 78) ao escrever que a “história é objeto de uma construção cujo lugar não é tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agora”. Neste sentido, procuro compreender a história que compõe o Projeto e encontro nos documentos disponibilizados pelo Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA), no relatório de ações escrito pela Capitania dos Portos, no Projeto Pedagógico do Projeto Educação para Pescadores e na entrevista junto a um dos coordenadores da ação, o Prof^o. Sicero Miranda, auxílio para contar a história do PEP.

Assim, percebo que a história do PEP não é vazia, não é linear e não é homogênea, e, sim, é uma história que contém dentro da sua constituição outras histórias. Logo, ao contar o Projeto, procuro anunciar alguns dos significados construídos pelos participantes da ação. Nesse sentido, não narro somente uma história homogênea, mas as histórias que compõem uma história, logo, heterogênea e não linear.

Ao contextualizar o PEP também procuro dialogar sobre questões pertinentes que dizem respeito à Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que a ação educativa (PEP) corresponde a um Projeto pontual para jovens e adultos. Enquanto Projeto, não se configura como uma ação educativa permanente, possuindo início e término, vai ao encontro do interesse político incumbido quando ofertado. Sendo assim, pode-se dizer que sendo um Projeto não possui garantia de continuidade, gerando nos educandos da EJA o sentimento de insegurança, mesmo a educação sendo um direito gratuito e

¹⁹ A sigla PEP vem ser a abreviatura que referencia o Projeto Educação para Pescadores.

obrigatório conforme consta na legislação brasileira²⁰ LDB 9394/96, no segundo capítulo, na seção V, artigo 37º:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (MEC, 1996, p.15)

Ao pensar no direito à educação, conquistado ao longo histórico pelas manifestações políticas, críticas e culturais, percebo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos ao lado da luta de classes e da emancipação dos sujeitos. Sendo assim, ao pensar na história do PEP, até o momento construída, compreendo-a como uma ação enraizada nas concepções progressistas de educação, fruto de um legado histórico, enraizado nas matrizes populares de educação (ARROYO, 2001). Por isso, escrevo como o Projeto iniciou e como tem se configurado nos dias atuais.

4.1- Uma Narrativa sobre o Projeto Educação para Pescadores

O Projeto Educação para Pescadores inicia no ano de 2008, com o intuito de oferecer a conclusão do Ensino Fundamental aos pescadores artesanais pertencentes ao município de Rio Grande (RS), proporcionando, desta forma, a continuidade de seus processos de escolarização (estudos). A iniciativa de ofertar o Projeto começou primeiramente pela Capitania dos Portos (Marinha Brasileira) ao perceber que os pescadores ao renovarem ou retirarem suas Licenças de Pesca²¹ necessitavam ter conhecimentos básicos sobre língua portuguesa e matemática, porém muitos não atendiam tais necessidades.

Na vontade de ampliar a ideia, a Capitania dos Portos fez parceria com a Instituição de Ensino Superior, Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A Universidade apresentou a ideia aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas em geografia, história, letras, pedagogia, biologia, física e química, os quais

²⁰ Ver também a legalidade do direito a educação, na Constituição de 1988 e também, nos Direitos Humanos.

²¹ Licença de Pesca é o documento necessário para a regulamentação do Pescador Artesanal, este deve ser renovado anualmente, junto a Capitania dos Portos.

voluntariamente ofereceram sua inserção nas ações educativas. Essa inserção se deu por meio das aulas junto aos moradores da Colônia de Pescadores Z-1²².

Após o primeiro contato com a FURG, outras instâncias sociais como a Secretária Municipal da Educação e Cultura (SMEC), Secretaria Municipal da Pesca (SMP), Secretaria da Educação do Estado-RS (18ª CRE) e a Colônia de Pescadores Z1, passaram a colaborar com o Projeto. Por meio da divisão de tarefas e partilhando as responsabilidades, tornou-se possível oficializar o ensino de jovens e adultos junto às comunidades pesqueiras.

No Quadro 4, busco retratar a divisão e a atuação, dentro do Projeto Educação para Pescadores, de algumas das instâncias sociais que tiveram participação efetiva.

Quadro 4: Sistematização dos encontros para a Produção de Dados da Pesquisa. (Arquivos da Autora).

1-Capitania dos Portos (MB)	Oferecimento de cursos preparatórios sobre a pesca artesanal na Laguna dos Patos.
2-Secretaria Municipal da Educação e Cultura (SMEC)	Disponibilidade do espaço para desenvolver a ação educativa, viatura para locomoção e acesso dos educadores e doação de merenda escolar.
3-Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA)	Certificação dos educandos.
4-Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Formação de educadores continuada de graduandos dos cursos de licenciaturas atuantes no PEP.

Após a definição conjunta de metas educacionais, a comissão do Projeto realizou encontros com as comunidades pesqueiras tradicionais a fim de perceber as expectativas e qual o interesse em participar da ação. Assim, foi possível obter as seguintes informações: na Ilha da Torotama havia 70 possíveis candidatos; na Ilha dos

²² Colônia de Pescadores Z-1 situada na Rua19 de Fevereiro, bairro Centro. Surgiu em 1º de Janeiro do ano de 1913, tendo sua primeira sede na Ilha Torotama. Segundo o Estatuto da Colônia de Pescadores, Z-1, é uma associação civil daqueles que fazem da pesca uma profissão ou meio principal de vida, como prazo indeterminado de duração. Tem como finalidade e principal objetivo, a representação e defesa dos direitos dos interesses de seus associados, subordinado à Federação da Colônia de Pescadores da Federação do Estado do Rio Grande do Sul e à Conferencia Nacional dos Pescadores e que se rege pelo presente estatuto e da legislação, na forma da Portaria nº 472, de 26-12-1973 do Ministério da Agricultura.

Marinheiros 52 jovens e adultos; e nas demais comunidades pesqueiras o índice de candidatos era baixo ou inexistente.

Com o objetivo de fortalecer o desempenho do Projeto, e com ações as quais buscavam valorizar os sujeitos a partir de seus saberes, por meio do reconhecimento e resgate de saberes, integrou-se na ação, o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS/FURG²³. Essa integração garantiu uma organização e gestão descentralizada dentro do Projeto.

Conforme os dados obtidos junto ao PEP, a ação iniciou no ano de 2008 na comunidade da Ilha da Torotama, ofertando aos jovens e adultos a conclusão do Ensino Fundamental. Posteriormente no ano de 2010, com a conclusão do Ensino Fundamental dos primeiros alunos, percebeu-se a necessidade de continuação dos estudos, o que resultou na oferta do Ensino Médio. Em 2011, o Projeto na Ilha da Torotama contou com cerca de 70 educandos no Ensino Fundamental e 80 no Ensino Médio.

Na Ilha dos Marinheiros o Projeto começa a acontecer no ano de 2009 com a oferta do Ensino Fundamental. Participaram da ação, cerca de 50 educandos que completaram no ano de 2011 o Ensino Fundamental. Para dar continuidade aos estudos e também por interesse da comunidade, no ano de 2012 foi ofertado o Ensino Médio na Ilha dos Marinheiros e a reoferta do Ensino Fundamental e Médio na Ilha da Torotama.

Assim, o Projeto Educação para Pescadores atualmente oferta o Ensino Fundamental e Médio para jovens e adultos, em ambas as comunidades, sendo organizado em dois encontros semanais. É interessante ressaltar que dentro do Projeto é ofertada a modalidade de educação à distância, que abrange as especificidades dos sujeitos impossibilitados de frequentarem as aulas presenciais. Ao final de cada bimestre, os educandos realizam avaliações para a certificação de suas aprendizagens.

As disciplinas dentro do Projeto são organizadas por totalidades conforme consta na LBD 9394\96, capítulo II, seção V, no artigo 38º: “Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular” (MEC, 1996, p. 15). Sendo assim, as especificidades dos sujeitos envolvidos na ação são levadas em consideração, conforme consta no Projeto Pedagógico (2011) da ação, “os conteúdos são contextualizados na realidade do aluno apresentados de forma simples e clara,

²³ Atualmente, o PAIETS/FURG, o qual trabalha em busca da educação popular nos cursos pré-universitários populares, vem ampliando seu campo de atuação, visto que seus educadores (graduandos, graduados e pós-graduandos, voluntários) se fazem presente no Projeto Educação para Pescadores.

descritas nas apostilas instrumentais e nos matérias propostos pelos educadores/monitores”.

Desta forma, nas totalidades do Projeto são oferecidas todas as disciplinas e seus componentes curriculares exigidos para a certificação de Ensino Fundamental e Ensino Médio, conforme consta na LDB 9394/96. Sendo assim, as totalidades possuem no mínimo a duração de três meses.

Totalidade 3: Referente a 5ª série ou 6ª Ano do Ensino Fundamental;

Totalidade 4: Referente a 6ª série ou 7ª Ano do Ensino Fundamental;

Totalidade 5: Referente a 7ª série ou 8ª Ano do Ensino Fundamental;

Totalidade 6: Referente a 8ª série ou 9ª Ano do Ensino Fundamental;

O Ensino Médio é dividido em Três totalidades, que são:

Totalidade 7: Referente a 1ª série/ano do Ensino Médio;

Totalidade 8: Referente a 2ª série/ano do Ensino Médio;

Totalidade 9: Referente a 3ª série/ano do Ensino Médio;

Considerando que a mesma ação acontece em duas comunidades: Ilha da Torotama e Ilha dos Marinheiros, porém com especificidades distintas, o PAIETS buscou espaço para a formação continuada dos licenciandos que atuam no Projeto. Desta forma, a socialização das experiências pelos educadores junto ao PEP, configura-se em encontros que acontecem periodicamente para compartilhar os relatos vivenciados, na busca de aproximar a teoria e a prática.

Outro aspecto também interessante a ser ressaltado é a temática da avaliação dentro desta ação. Conforme consta no Projeto Pedagógico do PEP, encontro especificações a respeito da avaliação:

consideramos que a Avaliação enquanto processo, é uma ação contrária a qualquer tipo de punição, mas uma forma de compreender os meios mais adequados de aprender em conjunto. Assim, a avaliação é da prática educativa e não dum espaço dela. O educando também deve participar da avaliação da prática, porque o educando, é um sujeito dessa prática. A não ser que nós o tomemos como objeto da nossa prática. (FREIRE, 1982,p.97). Neste horizonte, buscamos pontuar algumas formas de auto avaliação realizadas por meio de encontros com os educadores. Para tanto, as observações registro serão realizadas através de: 1º) Análise da permanência ou evasão dos alunos; 2º) Aproveitamento dos alunos de no mínimo 50% nos exames fracionados; 3º) Levantamento das dificuldades encontradas na aprendizagem por parte dos alunos; 4º) Análise da metodologia aplicada pelos educadores.

A partir do escrito acima, retirado do Projeto Pedagógico do Projeto, a compreensão de avaliação enquanto processo descentralizador do conhecimento é

percebido, uma vez que, educador e educando partilham saberes construídos. É junto dos saberes valorizados que encontramos o que o autor Paulo Freire (1996, p. 25) acreditava:

(...) quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (...) Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (...) Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

De acordo com a colocação acima, as distintas opiniões, pensamentos e contextos são norteadas pelo princípio dialógico, sendo o diálogo o mediador das situações de aprendizagens. Nessa compreensão de avaliação não se busca por sentenças notificadas e sim o educador assume uma postura de constante percepção da eficácia das práticas educativas no que diz respeito as suas formas de mediação.

Após contar em breves palavras como se originou o Projeto Educação para Pescadores, espaço ofertado para a continuidade dos processos de escolarização de pescadores e pescadoras, busco, agora, lançar olhares ao Projeto na Ilha dos Marinheiros, visto que a comunidade se constitui como cenário de investigação.

4.2 – Algumas percepções sobre o Projeto Educação para Pescadores na Ilha dos Marinheiros

...o curso oferecido pelo projeto veio nos valorizar e mostrar que assim como pescamos o peixe também podemos ser pescadores de letras e números, e descobrir talentos adormecidos (A.C.R.C educando do PEP)

Trago as palavras acima escritas por um educador, participante da ação, que muito nos diz sobre as possibilidades e descobertas valorizadas a partir de sua inserção no Projeto. O pescador não é aquele que somente pesca o peixe, é também aquele que pesca palavras e números, é aquele que possui uma leitura de mundo insaciável.

Ao vivenciar o Projeto Educação para Pescadores, espaço este oferecido às mulheres pescadoras (sujeitos da pesquisa), na Ilha dos Marinheiros (cenário de estudo), meus olhares despertam curiosidades, percepções e questionamentos que aos poucos vão sendo (re)afirmados ou que não haviam sido percebidos antes de sentir e viver o PEP.

Os jovens e adultos participantes da ação são moradores das quatro comunidades aos arredores da Ilha dos Marinheiros, sendo elas: Bandeirinhas, Marambaia, Porto do Rei e Coreia. Os encontros acontecem às terças-feiras e as quintas-feiras no período da tarde, na Escola Municipal Rural da Marambaia, localizada na Coreia (Figura 8). Destaco que o PEP acontece nos meses de maio a dezembro, no Período Defeso²⁴, destinado à proibição da atividade pesqueira, priorizando desta forma, as especificidades dos sujeitos participantes do Projeto.

Percebo que ao se propor uma ação educativa voltada para as especificidades dos educandos, como no caso dos participantes do PEP, um dos resultados é o baixo número de evasão. Afirmando isto, pois outros Projetos com objetivos parecidos já haviam sido organizados junto à comunidade da Ilha dos Marinheiros, porém, houve insuficiência de participantes, logo o alto índice de evasão, consequentemente, as ações iniciaram e posteriormente não atingiram os objetivos esperados. Na Tabela 1, trago o número de educandos que participam do Projeto Educação para Pescadores na Ilha dos Marinheiros.

Tabela 1: Número de Participantes do PEP. (Arquivos da Autora).

Ano	Modalidade	Número de educandos Matriculados	Homens	Mulheres
2011	Ensino Fundamental	40 alunos	11	29
2012	Ensino Médio	41 alunos	17	24

Ao trazer a Tabela 3, fica evidente que o número de participantes no PEP permanece praticamente o mesmo. Até o ano de 2011, com a conclusão do Ensino Fundamental, percebia-se que o número maior de educandos era de mulheres, porém, com a conclusão do Ensino Fundamental, ao ser ofertado o Ensino Médio, aumentou significativamente o número de homens participantes da ação.

²⁴ Período Defeso: Direito garantido pela União, que acontece nos meses de maio a dezembro no período em que a pesca é proibida, sendo destinado ao pescador um salário mínimo no decorrer de quatro meses.

Logo, para contar as especificidades e singularidades do Projeto, construo algumas percepções entrelaçadas com as falas dos sujeitos que participam do PEP na Ilha dos Marinheiros. Para tanto, busco nas palavras escritas por uma educanda que concluiu o Ensino Fundamental no ano de 2011 e que continua participando do Projeto. Atualmente ela frequenta o Ensino Médio e através de sua escrita expressa o quanto a ação educativa vem a ser importante na sua vida:

Há mais ou menos dois anos o sonho que ficava quietinho no coração de tantos moradores da Ilha dos Marinheiros foi despertado. Foi o início do Projeto Educação para Pescadores a Ilha dos Marinheiros, em abril de 2010 as aulas começaram. No primeiro dia de aula, a emoção de pegar os cadernos, de estarem sala de aula, de copiar do quadro, de chamar alguém de professor. Juntamente com esta emoção surgiu o medo de toda esta novidade, então de repente a primeira aula de espanhol, olhávamos o quadro e não sabíamos o que falar, aos poucos, as apresentações foram feitas, as disciplinas mostradas... e o gelo se quebrou. E quem diria, hoje lemos e falamos um pouco de espanhol.

O tempo foi passando, tudo estava tranquilo até as primeiras provas. Nossa! Quanta aflição! Quanto medo! Nessa hora vimos que unidos era mais fácil de estudar, e assim surgiram as duplas e os grupos de estudos, fomos nos adaptando a esta realidade. Neste período além de estudar, fizemos novos colegas e até surgiram grandes amizades, aqui, muitos de nós que já nos conhecíamos, nos aproximamos mais.

Infelizmente, nem todos continuaram e depois das férias alguns não voltaram, uns por problemas familiares e outros porque não tinham realmente um ideal para alcançar. Mas os que continuaram foram fortes, os que sonham, os que ultrapassam barreiras e venceram as dificuldades, deixaram um pouco a vida e os problemas de lado para estar aqui no Projeto. Agora, a tão sonhada formatura, para alguns terminará aqui porque este era o objetivo deles, e que bom que alcançaram. Mas para muitos, o sonho continuará ou talvez, esteja apenas começando. (Texto escrito por uma educanda do PEP, para a disciplina de língua portuguesa, ano de 2010).

As palavras escritas despertam-me dois pensamentos a respeito da importância do PEP nas vidas de pescadores e agricultores ilhéus. Neste sentido, primeiramente destaco, que o Projeto tem o significado de “um sonho realizado”, desta forma as vivências oportunizadas por meio da ação educativa vem a ser à volta a escola que um dia foi-lhes tirada, e agora em um tempo presente, lhes é devolvida.

O segundo pensamento vem ao encontro do Projeto ser naturalizado pelos sujeitos envolvidos enquanto “devolução de um sonho” e não direito político e social de todos os cidadãos. Afirmação, encontrada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Artigo 26º: “Toda a pessoa tem direito à educação”. Deste modo, é um direito constitucional essencial a todos os seres humanos independente de cor, raça, gênero, entre outros motivos.

Na metáfora dos “**Espelhos Distorcidos**” encontrada na obra de Mikhail Bakhtin, encontramos elementos sociais construídos diante das representações, para tanto, por meio da metáfora, busca-se compreender as representações construídas sobre a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A metáfora dos espelhos distorcidos constitui-se da seguinte ideia: ao se olhar no espelho, todo sujeito se enxerga como os outros o veem, já que a imagem refletida no espelho não é a de si próprio, mas sim um reflexo. Sendo impossível o sujeito ver-se no seu todo exterior, projeta na imagem refletida relações do mundo de quem contempla sua imagem. Portanto, a imagem refletida no espelho distorcido nunca é somente a visão do sujeito, este ao olhar-se no espelho vê a si mesmo ou o seu reflexo, com os olhos dos outros.

Savenhago (2011, p. 01), autor que realiza uma análise das relações sociais, a partir das obras de Bakhtin, escreve sobre o sujeito que ao enxergar-se no espelho distorcido é como “servir-se como uma moradia, estar “habitado” pelo conjunto das relações que foram estabelecidas ao longo da vida e que determinam a maneira como o mundo será visto, analisado e usufruído”.

Ao utilizar a metáfora dos “Espelhos Distorcidos”, busco por compreender a EJA, não sendo vista pelos olhares sociais, os quais representam a modalidade de ensino com ensino fragilizado, afirmando os “fracassos” dos sujeitos que dela participam. E sim, compreender a EJA, com os significados dos educandos que dela fazem parte. Logo, estes, apresentam a EJA, em suas imagens, inaugurando-a e significando-a pelos seus olhares interiores, distorcendo o que significa a modalidade diante dos olhares sociais representados.

Os olhares distorcidos representados diante da EJA, desconfiguram os significados construídos por quem participa desta modalidade. Sendo assim, os jovens e adultos participantes da EJA, ao olharem-se nos espelhos, vêem uma imagem em vezes distorcida e acabam por naturalizar as representações sociais que já estão construídas.

Neste sentido, o texto acima citado, reafirma algumas representações percebidas dentro das ações educacionais ofertadas para a Educação de Jovens e Adultos. Modalidade esta, que busca desde seus primórdios históricos, por políticas públicas efetivas para se consolidar enquanto modalidade de ensino permanente.

A inexistência de políticas públicas e o descaso das discussões sobre a EJA valida as representações distorcidas socialmente construídas sobre a modalidade. Não é

difícil parar para pensarmos sobre o que já ouvimos sobre jovens e adultos que frequentam a escola pela primeira ou segunda vez em suas vidas. Expressões tais como: “coitados”; “querem concluir o Ensino Fundamental e Médio mais rápido”! Ou ainda: “a EJA passa os conteúdos por cima, é fraca”. Esses são alguns dos comentários construídos pelos olhares sociais a respeito desta modalidade de ensino.

Segundo o autor Sérgio Haddad (2007), mesmo a EJA sendo reconhecida como direito a educação para milhões de pessoas que não tiveram acesso a escolarização desde meados do século passado, este direito somente foi formalizado em lei e dever do Estado a partir da Constituição Brasileira de 1988 e posteriormente sendo reafirmado em Lei pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394\96) no ano de 1996.

Sendo assim, a EJA como um direito, reconhecida e garantida pela legislação, “não foram constituídas nacionalmente políticas públicas para esta modalidade de ensino, nem se concretizou como conquista deste direito uma articulação governamental de atendimento efetivo aos cidadãos e cidadãs acima de 14 anos” (HADDAD, 2007, p. 197). Fatores estes que vão ao encontro das expressões construídas pelos olhares sociais (anteriormente citadas) a respeito desta modalidade educacional.

Logo, vou ao encontro dos grifos da escrita do texto acima citado, e chamo a atenção para a ideia de “**sonho despertado**”, a qual se remete ao Projeto ser um sonho despertado para os jovens e os adultos ilhéus voltarem à escola e concluírem seus processos de escolarização. Enquanto sonho não é percebido como direito, mas, sim, é visto como caridade e passa a ser naturalizado enquanto sonho despertado, uma vez que, a Ilha dos Marinheiros sofreu pela ausência e/ou não conclusão de Projetos ofertados, tais como o MOVA, o Projeto Pescando Letras²⁵, entre outras ações para os sujeitos iniciarem ou continuarem seus processos de escolarização.

Sendo assim, a metáfora dos “Espelhos Distorcidos” representa as relações do eu com outro, a interação entre um ser humano com outro ser humano e dos seres humanos com o mundo. Nesse sentido, a imagem refletida no espelho vem a ser uma construção social, portanto, uma representação construída historicamente sobre os sujeitos da EJA. Conforme, escreve Arroyo (2001, p. 230) “é só olhar para os corpos dos educandos de EJA, para ver suas marcas”.

²⁵ Projeto de extensão vinculado a Universidade Federal do Rio Grande, no ano de 2008.

Busco, nas falas dos demais educandos participantes do PEP, a desmontagem desta imagem historicamente construída a respeito da EJA e dos sujeitos que dela participam, reconhecendo as suas falas e assim legitimando-as:

(...) este projeto trouxe uma visão para nós homens e mulheres, pescadores e agricultores, que por vários motivos tivemos que para de estudar e trabalhar, hoje voltamos a estudar com este projeto, voltado para a nossa realidade, é muito bom. (S.F.T educando do PEP).

Na fala acima destacada, encontramos o quanto voltar à escola por meio do Projeto está sendo significativo, ressaltando que a ação educativa volta-se para a realidade dos educandos. Neste sentido, lembro-me das palavras de Souza (2005, p. 45) ao escrever,

O fato de o jovem e o adulto não ter ingressado na escola em idade considerada regular é apenas circunstancial e não podemos deixar que esse fato impeça o acesso a diversas oportunidades de aprender e crescer como pessoa e como sujeito histórico.

Com isso, dentro da questão, percebo a necessidade de se (re)pensar e agir no sentido de rever a educação enquanto um dos direitos humanos fundamentais, como anteriormente já referido. Ao encontro da ideia destacada, busco em outras falas compartilhar o sentimento de educandas da modalidade de ensino, a respeito de sentirem-se “excluídas” da Educação Escolar Brasileira:

o projeto sem duvida está sendo muito importante, pois esta dando oportunidade às pessoas carentes de educação escolar. Com este desenvolvimento as pessoas estão tendo a capacidade de desenvolver conhecimento geral e a visão de um novo futuro, mostrando que pais, avós, tios, etc, são exemplos de que a educação escolar é única maneira de crescermos e melhorar as nossas vidas. (R.B.D educanda do PEP)

o curso Educação para Pescadores foi um presente, no momento em que nós, como pessoas, estávamos esquecidos da Educação escolar, nos mostrando que poderíamos ser pessoas valorizadas, capazes de vencer através do estudo. (M.F.C educanda do PEP)

São palavras que relatam que os jovens e os adultos que frequentam a modalidade de ensino sentem-se, por vezes, excluídos do sistema educacional. Assim, a Educação de Jovens e Adultos coloca-se como uma questão social a ser assumida, no sentido de atender aquela população que foi excluída **do** ou **no** processo escolar (FERRARO, 1991).

O jovem e o adulto de uma turma de EJA, além de possuir uma especificidade distinta dos alunos do Ensino Fundamental e Médio dito “regular”, é portador de um código de crenças, valores, enfim, um código cultural próprio. Para tanto, concordo com

as palavras de Arroyo (2001, p. 228) quando escreve sobre o legado popular que a EJA traz em sua história:

Há algo de mais profundo nessa percepção e valorização dos saberes e da cultura popular. Trata-se de incorporar uma das matrizes mais perenes da formação humana, da construção e apreensão da cultura e do conhecimento: reconhecer a pluralidade de tempo, espaços e relações, onde nos construímos humanos, sociais, cognitivos, culturais... Reconhecer a cultura como matriz da educação.

Portanto, valorizar a cultura popular é buscar por meio do diálogo, entrelaçado com a leitura de mundo de cada educando, participante do PEP, junto com os demais sujeitos envolvidos na ação educativa, rupturas encontradas dentro da institucionalização construída pela\na escola.

Sendo assim, legitimar as falas destes educandos e ouvir suas vozes que em determinados espaços foram caladas, é buscar pela construção de significados a respeito da EJA, por meio do que sentem os jovens e os adultos que frequentam a ação educativa na Ilha dos Marinheiros.

É com o sentido de resgate histórico do Projeto Educação para Pescadores que percebo que a ação procura ser assumida enquanto política pública de garantia de direito público aos que, por algum motivo, foram excluídos da educação. Sendo assim, o Projeto é, para o povo ilhéu, um espaço emancipador, principalmente, para as mulheres pescadoras.



V CAPÍTULO – A Despesca

Na linguagem cultural dos pescadores e das pescadoras artesanais “despesca” significa quanto rendeu a pescaria da noite anterior. Uma boa despesca é quando foi pescado uma grande quantidade de peixe, de camarão, etc. O presente capítulo discorre da metodologia desenvolvida para a produção e interpretação dos dados construídos no decorrer do estudo. Assim, o intitulo de despesca, uma vez que vivenciei a pesquisa como dias intensos de aprendizagens e sensível escuta ao lado das mulheres pescadoras artesanais, ou seja, minha “pescaria” no decorrer da investigação rendeu - e muito.

Antes mesmo de iniciar o diálogo acerca da interpretação dos dados e os caminhos percorridos ao longo do estudo, penso ser significativo retomar que este estudo contou com a participação de três mulheres pescadoras artesanais Rosa, Margarida e Açucena moradoras da Ilha dos Marinheiros e educandas do Projeto “Educação para Pescadores”.

Saliento ainda que este estudo buscou compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais, com os seguintes objetivos: conhecer as narrativas escolares sobre as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; compreender as especificidades do Projeto “Educação para Pescadores” no que se refere à oportunidade de voltar a estudar; compreender a constituição do “ser-pescadora” expressa nas vozes das mulheres.

O processo minucioso que perpassou a metodologia de Análise textual discursiva – ATD foi composto por nove entrevistas individuais e uma coletiva com duração em média de quarenta e cinco minutos, contabilizando um total de dez entrevistas semiestruturadas que compuseram o corpus de análise do estudo.

Após a transcrição e leitura das entrevistas ao lado de Rosa, Margarida e Açucena para o esclarecimento sobre suas falas, o primeiro movimento foi o de impregnação dos dados com uma leitura detalhada e cuidadosa das entrevistas transcritas. Num segundo momento, foi organizado o “encontro com o caos”, processo de unitarização, em que as entrevistas foram desmontadas e reorganizadas em unidade de significados, levando em consideração o objetivo proposto com a investigação. Ao final do processo de unitarização foram encontradas 389 unidades de significados.

O terceiro momento foi de leituras e reescritas das unidades de significados, processo de agrupamento das ideias semelhantes, organizados em 27 categorias iniciais. Logo após, no quarto momento da metodologia de análise de dados, novamente com a leitura e aproximação das categorias iniciais estas foram reorganizadas chegando então a 9 categorias intermediárias, as quais foram reagrupadas e compuseram 3 categorias finais mais abrangentes resultantes na escrita dos metatextos. Para melhor compreensão da organização dos processos percorridos no decorrer das análises dos dados construí a seguinte imagem (Figura 9):

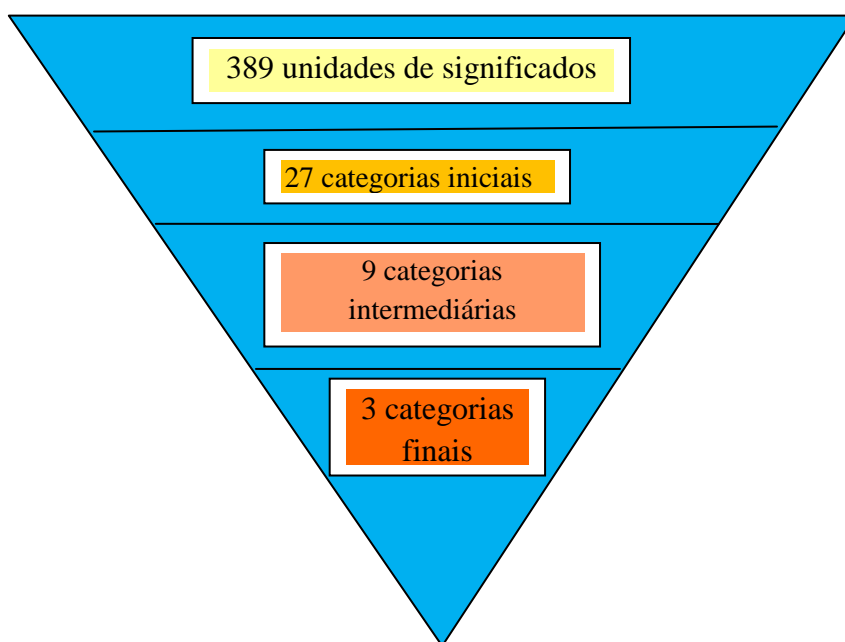


Figura 9: Esquema da análise dos dados.

No decorrer da metodologia de Análise Textual Discursiva, foram muitos os momentos em que me deparei com o sentimento de ansiedade, pois o processo auto-organizado emergente da ATD “impõem deixar as próprias ideias”- de quem pesquisa- “inseridas em novas compreensões” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 190), causando insegurança, pois conforme a emergência das categorias questionava as minhas próprias teorias junto das falas de Rosa, Margarida e Açucena.

A cada passo dado no decorrer da ATD, enquanto pesquisadora sentia o movimento de desconstrução não somente meu, mas também dos entendimentos sobre os fenômenos pesquisados. Segundo Moraes e Galiazzi (2007, p. 190) “uma análise textual efetiva não deixa de afetar diretamente o pesquisador. No mesmo processo de

construção e explicação de novas compreensões ele vai se transformando, constituindo-se sujeito enquanto pesquisador”. Desta forma, ao vivenciar a análise dos dados da pesquisa, reinventei a maneira de viver a pesquisa, fruto da reconstrução de meus olhares e da escuta sensível perante aos fenômenos investigados, do encontro com novas teorias, enfim da reconstrução não somente da pesquisadora, mas também das minhas transformações enquanto sujeito ao longo das análises. Acredito que sejam estas as metamorfoses de quem pesquisa, as quais Moraes e Galiazzi (2007) referem-se quando escrevem sobre as metamorfoses do sujeito-autor.

Para este estudo, três foram às categorias encontradas, denominadas de: A escola do hoje e a escola do ontem: As experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; À volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: Construção de sentimentos de emancipação; O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão. A análise das categorias será apresentada, trazendo na escrita às falas das participantes da pesquisa, bem como interlocuções teóricas com autores que problematizam as questões apresentadas.

Ressalto também que as análises das categorias foram organizadas em formato de artigos científicos com o intuito de compartilhar os conhecimentos produzidos ao longo dos processos de investigativo. Assim, no decorrer da leitura alguns assuntos tornam-se repetidos, pois necessitam serem apresentados de modo detalhado porque são oriundos de uma mesma investigação, os quais resultam na composição da dissertação de mestrado por ora apresentada.

A primeira categoria emergente intitulada **“A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais”** apresenta as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais as quais vivenciaram diferentes escolas ao longo da vida, ou seja, uma escola quando crianças e outra escola na vida adulta. Esta categoria surgiu em meio aos discursos de Rosa, Margarida e Açucena quando relataram sobre suas experiências escolares e apresentaram duas escolas distintas vivenciadas por elas. As vivências escolares das mulheres pescadoras artesanais são marcadas por duas escolas, uma escola vivida na infância (1º ciclo), na década de 70, e a outra escola experienciada por elas na vida adulta, no ano de 2010 (2º ciclo). Entendemos, que ambas as experiências escolares, na vida das mulheres, possuem diferentes significados, porém as duas vivências são partes formadoras dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais.

A influência histórica de um governo militar 1964-1985 se faz presente para entendermos os contextos estruturais das escolas no decorrer das vivências escolares. Dizemos isso, pelas questões políticas que interferem nos processos de escolarização presentes nas palavras das mulheres, ao relatarem sobre a escola do ontem como, por exemplo, “*cantar o hino antes de entrar na escola*” (Rosa). Também, encontramos nos relatos das mulheres pescadoras artesanais questões que dizem respeito às relações entre escola, professores e alunos, sobre métodos de ensino-aprendizagem e sobre as dificuldades encontradas nos processos de escolarização. E ainda, relatos sobre as mudanças na escola do ontem e na escola do hoje e quais os sentidos sobre a escola que perpassam na vida das mulheres, transformando-se a cada vivência.

Com o título “**À volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação**” é a segunda categoria emergente da pesquisa e apresenta alguns dos sentimentos que perpassam a volta à escola para Rosa, Margarida e Açucena, os quais possibilitaram a ampliação de suas leituras de mundo tornando-as autônomas para reassumirem seus pensamentos críticos e emancipatórios.

Percebemos também ao encontro do que dizem as mulheres pescadoras artesanais que os sentimentos que perpassam o retorno à escola vão ao encontro de um novo olhar sobre a educação. Uma educação de caráter social em prol da emancipação dos sujeitos. Ou seja, voltar à escola para as mulheres pescadoras artesanais foi um passo importante na vida de Açucena, Margarida e Rosa, pois marcou a concretização de um sonho que por anos passou a ser “idealizado”. Ou seja, o desejo de estudar que permanecia até alguns anos passados pelo “querer voltar à escola”, hoje é concretizado com o retorno à escola e impulsiona outros sonhos, outros desejos. Entendemos que o “ainda-não” (BLOCH, 2005) fazia-se presente, quando o assunto era à volta à escola, e atualmente, o “querer mais” expressado pelas mulheres pescadoras artesanais permanece quando falam sobre os sentimentos construídos com a retomada de seus processos de escolarização.

E a terceira categoria apresentada com o título “**O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão**” tece reflexões sobre a valorização da força de trabalho feminina dentro dos processos que envolvem a cadeia produtiva nas comunidades pesqueiras artesanais tradicionais. Neste sentido, nada mais justo que ouvirmos o que apresentam Rosa, Margarida e Açucena que são mulheres pescadoras

artesanais, como argumentos que consideram importantes quando falamos a respeito dos profissionais da pesca artesanal.

Neste sentido, para as mulheres, ser pescadora é viver da pesca artesanal e estar envolvida nos diversos afazeres oriundos da pesca, como também, é olhar para a sua história de vida e perceber que a pesca artesanal sempre esteve presente. Assim, compreendemos que a desvalorização social da força de trabalho das mulheres pescadoras existe sim, porém, o autorreconhecimento das mesmas enquanto profissionais da pesca também é encontrado. Quando se apresentam enquanto pescadoras, trazem a importância de seu trabalho, defendem a “categoria pescador” artesanal, diante disso dialogam sobre a mulher dentro da pesca artesanal e assumem a luta política de reconhecimento.

Diante da breve apresentação da construção das categorias finais da pesquisa, busco, neste momento, dialogar intensamente sobre as categorias finais que emergiram dos discursos das mulheres pescadoras artesanais. Antecipo a quem se dispor a leitura da produção de dados da pesquisa, que o que deixo por ora registrado, são movimentações que conduzem os entendimentos constituintes do momento o qual estou inserida, a construção da “Dissertação de Mestrado”. Também quero dizer que, realizar o diálogo com as participantes da pesquisa, juntamente com os autores, exige esforço não apenas de quem escreve, mas também de quem lê a compreensão das condições históricas em que foi escrita cada uma das obras aqui referenciadas.

5.1 – Metatexto 1²⁶: A escola do hoje e a escola do ontem: as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais

Resumo: Este artigo objetiva pensar sobre as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais as quais vivenciaram diferentes escolas ao longo da vida, ou seja, uma escola quando crianças e outra escola na vida adulta. Importante ressaltar que tais diálogos construídos são oriundos de uma pesquisa de mestrado que teve como problemática central compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares de mulheres pescadoras artesanais. Participaram do estudo três mulheres pescadoras artesanais, moradoras de uma comunidade de pesca tradicional, situada às margens da Lagoa dos Patos - a Ilha dos Marinheiros - na cidade do Rio Grande (RS). Essas mulheres retornaram para a escola por meio de um Projeto educacional formal destinado a jovens e adultos. A produção dos dados foi realizada em três encontros individuais e um coletivo, bem como a metodologia de análise de dados respaldou-se na Análise Textual Discursiva -ATD- cunhada por Moraes e Galliazi. Nesse sentido, o debate acerca dos entretempos escolares apresenta contribuições importantes para que possamos repensar os distintos espaços e tempos que se entrelaçam nas escolas. Para tanto, nos reportamos a Freire (1987; 1996; 2011) entre outros autores os quais fundamentam as discussões propostas. A partir do diálogo construído, concluímos que as mulheres pescadoras artesanais vivenciaram escolas distintas ao longo de suas vidas, porém, ambas as escolas compõem seus processos de escolarização.

Palavras chaves: mulheres pescadoras, experiências escolares, entretempos, pesca artesanal.

Abstract: This article aims to think about the school experiences of women artisanal fishers which experienced different schools throughout life, ie , a school where school children and another in adulthood. It said that such dialogues are built coming from a Master thesis whose central problematic to understand which are the formative processes that intertwine in school stories women artisanal fishers. Participants were three artisanal fisherwomen, living in a quaint fishing community on the banks of the Lagoa dos Patos Island Sailors, in the cities of Rio Grade (RS), which returned to school through a formal educational project aimed youth and adults. The production data was conducted in three individual sessions and a collective. The methodology for analyzing data backed up in Textual Analysis Discourse - ATD - coined by Moraes and Galliazi. In this sense , the debate about school entretempos presents important contributions we can rethink the different spaces and times that intertwine in schools. For this, we refer to Freire (1987, 1996, 2011) among other authors which underlie the proposed discussions. From the constructed dialogue, it is concluded that the artisanal fisherwomen experienced different schools throughout their lives, however, both schools make up their schooling processes.

Keywords: Fisherwomen, school experiences, entretempos, artisanal fishing.

²⁶ Artigo submetido à Revista Educação Unisinos: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao>, a espera de publicação.

Conhecer as narrativas escolares de mulheres pescadoras artesanais, moradoras de uma comunidade tradicional de pesca artesanal situada às margens da Lagoa dos Patos, na cidade do Rio Grande (RS) e educandas de um Projeto²⁷ educacional formal, destinado a jovens e adultos, foi um dos objetivos propostos ao longo da construção da pesquisa.

Este artigo compõe um conjunto de discussões realizadas ao longo da escrita de uma dissertação de mestrado, que teve o objetivo de compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. No específico espaço da escrita aqui apresentada, buscamos com os diálogos propostos conhecer as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais. As discussões anunciadas foram aprofundadas na pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEDU \ FURG. Tal investigação contou com o apoio da CAPES²⁸.

Nessas perspectivas, as experiências no decorrer da pesquisa aconteceram ao lado de três mulheres pescadoras artesanais que retornaram à escola pela segunda vez em suas vidas. Ou seja, deram continuidade aos seus processos de escolarização por meio de um Projeto educacional formal, ofertado a jovens e adultos de uma comunidade tradicional de pesca artesanal. A ação iniciou no ano de 2010 com a oferta do Ensino Fundamental e com intuito de atender a demanda dos participantes, deu-se continuidade ao Projeto com a oferta do Ensino Médio no ano de 2012 a 2013.

Ao levar em consideração as histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais, construímos a produção de dados por meio de três encontros individuais e um coletivo, sendo utilizado ao longo dos encontros entrevistas semiestruturadas, visto que compreendemos que tal instrumento não limita as formas de expressões das participantes da pesquisa. Também, nos importa dizer, que as entrevistas foram gravadas, transcritas e entregues novamente às participantes da pesquisa, com a

²⁷ O Projeto contou o objetivo de possibilitar conhecimentos básicos de língua portuguesa e matemática para quem sobrevive da pesca artesanal, pois tais saberes são necessários para a retirada e renovação da “Matrícula de Pesca”. As entidades sociais que desenvolveram a ação foram: Capitania dos Partos, Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Colônia de Pescadores Z1, Secretaria Municipal da Pesca.

²⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

finalidade de ciência das participantes dessa investigação acerca da transcrição de suas falas, tendo a liberdade de modificação, caso quisessem, em quaisquer expressões por elas ditas.

A escrita apresentada acerca das falas de Margarida, Açucena e Rosa²⁹, sobre suas vivências escolares, é oriunda dos processos de análise dos dados do estudo pautada nos pressupostos metodológicos da Análise Textual Discursiva³⁰- ATD- relevado pelos autores Moraes e Galliazi (2007).

Queremos destacar que a não neutralidade está presente em nossas escolhas, em nossas escritas, enfim, direcionam nossos olhares para aquilo que buscamos enxergar. Porém, não deixamos de lado os discursos construídos pelas mulheres pescadoras artesanais, sobre seus processos de escolarização, e sim, buscamos, em meio às palavras ditas por Açucena, Margarida e Rosa, compreender quais são as vivências que compõem as suas histórias escolares.

Entendemos que a justificativa da escrita acontece pelo fato de as mulheres pescadoras artesanais diferenciarem a escola do tempo da infância (1º ciclo) e a escola vivenciada na vida adulta (2º ciclo), ao contar sobre suas experiências escolares. Dialogaremos ao longo da escrita, primeiramente, acerca dos entretempos escolares que estão presentes nas histórias escolares narradas, assim fundamentamos teoricamente nosso pensamento ao lado de Sklier e Guareschi, entre outros autores que nos dão respaldo teórico para as discussões propostas. Posteriormente, apresentamos a escola do ontem (passado) e a escola do hoje (presente), pois percebemos junto às falas de Rosa, Margarida e Açucena que seus processos de escolarização são marcados por vivências distintas, porém, ambos compõem suas histórias escolares; diante de tal, aprofundamos nossa escrita nos pressupostos freireanos e demais autores que contemplam tais discussões.

²⁹ Os nomes Rosa, Margarida e Açucena correspondem às três participantes da pesquisa, assim são nomes fictícios escolhidos pelas mesmas. Optamos pela utilização de nomes fictícios levando em consideração os aspectos éticos presente em estudos investigativos.

³⁰ Análise Textual Discursiva (ATD) é composta primeiramente pela unitarização dos dados, seguido da categorização dos mesmos, captação do novo emergente e a reconstrução textual, compreendemos a metodologia de pesquisa como parte integrante da construção contínua de todo o processo investigativo.

Propomos, nesta escrita, um diálogo que caracterizamos como simples, porém intenso, como aqueles construídos com parceiros(as) movidos(as) por curiosidades insaciáveis. Gostaríamos de evidenciar, que não temos a pretensão de escrever nossas compreensões como sendo “verdades absolutas”, mas, sim, a partir de nosso entendimento, nosso olhar diferente sobre os sentimentos de volta à escola para as mulheres pescadoras artesanais, nossa busca por novas maneiras de ver, com o desejo de colocarmos outras lentes, ampliarmos os olhares, enfim, dialogarmos com o princípio dialógico defendido por Freire (1987).

O que deixamos aqui registrado são movimentações que conduzem os nossos entendimentos constituintes do momento, que estamos inseridas na construção da “Dissertação de Mestrado”. Também queremos dizer que realizar o diálogo com autores exige esforço não apenas das escritoras, mas também de quem lê a compreensão das condições históricas em que foi escrita cada uma das obras aqui referenciadas.

Neste momento, buscamos com a escrita, apresentar diferentes tempos que se entrelaçam nas experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais, uma vez que, iniciaram seus processos de escolarização na infância e, posteriormente, por motivos singulares, tiveram que encerrá-los, logo, voltaram a reviver a escola por meio de um Projeto educacional. Portanto, entendemos que o diálogo a respeito dos entretempos escolares se faz importante para compreendermos as mutações dos significados construídos e vividos, pelas mulheres, junto à suas experiências escolares.

Sobre os entretempos

Dialogar sobre o tempo implica pensar no meio em que estamos inseridos, como nos relacionamos com o mesmo e qual o significado e entendimento que construímos sobre ele. Percebemos o pensar sobre o tempo, como sendo um exercício filosófico, uma vez que buscamos pela sua compreensão, implicitamente nos remetemos à história, isto é, a própria produção da existência humana.

Pensar sobre o tempo também é pensar para além do *tic-tac* do relógio, é pensar em quais são os significados do tempo na constituição dos sujeitos, assim, exige complexidade, uma vez que materializamos nossos pensamentos aproximando-os das palavras. O conceito de tempo é essencial para nossa existência, dessa forma, o tempo é entendido como forças que impulsionam o movimento de transformação ao longo da história humana.

Muitos são os significados da palavra “tempo”, logo, entendemos que o termo é essencial na/para vida humana, conforme escreve Sklier (2003, p. 39) “não há vida fora do tempo, nem tempo fora da vida”. Com isso, muitas serão às vezes em que a palavra “tempo” será repetida ao longo da escrita, porém ela se torna essencial quando no reportamos aos entretempos que compõem a temporalidade humana.

Para tanto, utilizamos as nomeações escola do hoje e escola do passado, para marcar e apresentar as diferentes vivências das mulheres junto às escolas. A escola do hoje é marcada pelas relações de convívio com professores e colegas no processo contínuo de aprender e ensinar. Já a escola do passado foi vivenciada com o sentimento da obrigação de aprender. Neste sentido, percebemos que ao falarmos no presente sobre as vivências escolares é, ao mesmo tempo, entendermos os entretempos que compuseram as histórias de vida das mulheres pescadoras.

Assim, compreendemos os entretempos como à multiplicidade de tempos, em um tempo que não é linear, não é circular, aliás, é um tempo sem formas definidas. Ao pensar sobre os entretempos, direcionamos nossos pensamentos para as interrupções dos tempos que entram em erupções como um vulcão, que não avisa a hora certa e a intensidade do despejo das larvas. “O presente já não está naturalmente ancorado ao passado e ao futuro. O tempo é, a cada tempo, nômade de si mesmo e em si mesmo”. (SKLIER, 2003, p.41).

Neste sentido, os discursos das mulheres pescadoras artesanais participantes da pesquisa em relação a viver à escola em um tempo passado e retornar em um tempo presente ganham diferentes significados atribuídos aos processos de escolarização. Diante disso, entendemos os entretempos como processos históricos presentes na vida humana, ajustados e subjetivados pelas ações historicizadas no tempo, ou seja, a vida humana não possui passado, presente e futuro lineares e sim esses tempos entrelaçados compõem os entretempos construtores do sujeito histórico.

Ao pensar nas interpelações dos tempos vividos direcionamos nossos pensamentos para os paradoxos temporais referenciados por Sklier (2003) na obra “Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?” comentários de Pál Pelbart (1998) a respeito das representações da temporalidade humana de Deleuze:

Em vez de uma linha de tempo, temos um emaranhado do tempo; em vez de um fluxo de tempo, veremos surgir uma massa de tempo; em vez de um lugar de um rio de tempo, um labirinto de tempo. Ou ainda, não mais um círculo de tempo, porém um turbilhão, já não uma ordem do tempo, mas uma variação infinita, já não uma forma de tempo, senão um tempo informal, plástico.

Com isso, estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo da alucinação do que de uma consciência do tempo. (2003, p.40)

Ao escrevermos sobre a existência da multiplicidade de tempos nas vivências escolares que constituem as histórias de vida das mulheres pescadoras, entendemos os entretempos dos sujeitos junto de suas relações com o outro e com o mundo. Desta maneira, pensar em um tempo dito como “regular” é enquadrá-lo em uma forma definida de tempo, sendo que esta forma é inexistente. Neste sentido, o tempo é movimento e não possui território fixo, porém sem tempo não existe vida. Assim, queremos dizer que “não existe nada fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano”. (SKLIER, 2003, p. 39)

Com isso, percebemos que as vivências escolares são, em cada tempo, vividas de modo singular, em que a presença histórica se faz presente nas experiências da escola do ontem e também na escola do hoje, porém são vividas em tempos e espaços distintos; sendo inclusive ressignificadas pelas mulheres pescadoras artesanais em cada tempo. As significações distintas dos tempos escolares são partes das vivências humanas, assim, são constituídas ao lado do outro, nas relações com os outros, ou seja, as vivências escolares das mulheres, são vividas na intensidade das relações com os outros em cada tempo, compondo, desta forma, a temporalidade humana.

Ao falarmos na temporalidade humana, nos lembramos da “colcha de retalhos” trazida na escrita de Guareschi (2002, p. 154):

Formamos a colcha de retalhos da nossa existência recortando proporções diferentes do tecido social. Constituímos-nos enquanto colcha de retalhos ao longo da nossa existência, por meio das múltiplas relações que construímos e estabelecemos com o eu e com o Outro. Nós somos os outros em constantes relações de mutações. Sendo assim, nos constituímos de relações, de experiências que estabelecemos e vamos estabelecendo a cada dia.

Portanto, entendemos que as experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais completam-se na multiplicidade de tempos vividos, desta forma, não anulam as significações das relações que foram estabelecidas nos entretempos, mas, sim, estas são ressignificadas cotidianamente, em vista das mutações das relações que são estabelecidas ao longo da existência humana. Conforme Açucena quando se refere às relações construídas com a retomada de seus processos de escolarização:

Engraçado! Às vezes a gente conhece as pessoas como aqui na ilha, a gente conhece e às vezes a gente não tem uma certa vivência, só conhece. Mas lá na escola eu descobri pessoas incríveis, assim, que antes eu achava que não simpatizava muito com tal pessoa, e lá eu descobri as pessoas. Eu até comentei isso em casa, nossa olha aquela pessoa é maravilhosa a convivência com ela me fez enxergar isso. Foi muito bacana, assim sabe,

*algumas pessoas a partir da convivência eu descobri que elas eram pessoas bem bacanas e daí também serve assim pra ti não julgar pela aparência precisa conhecer a pessoa pra saber*³¹.

Nesta direção, percebemos a educação como parte da “colcha de retalhos” que compõem a história de vida das mulheres pescadoras artesanais: a educação, pois, ao sermos pessoas, logo, somos relações e os entretempos vividos são distintos em vista da singularidade e da subjetividade humana; as experiências escolares se tornam distintas, porém, também, são importantes para a constituição dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais.

Assim, conforme Guareschi (2002) se a cada dia estabelecemos relações e experiências as quais nos constituem, como podemos enquadrar a educação em um tempo fixo e institucionalizá-la em um “tempo regular de ensino e aprendizagem”? Compreendemos que estabelecer um “tempo regular de ensino e aprendizagem” é fixar a constituição do ser humano em um “tempo certo” e, desta maneira, são anulados os entretempos constituintes dos sujeitos. Conforme diz Rosa: *“nunca se é velho pra aprende, a gente sempre tá aprendendo alguma coisa”*.

Sendo assim, questionamos o que vem a ser o “tempo regular de ensino” que tanto ouvimos quando referimo-nos a escola e aos seus sujeitos? Qual é o tempo certo da educação?

Dizemos isso, pois ao pensar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) falamos de jovens e adultos que não ingressaram e ou não concluíram seus processos de alfabetização e escolarização em um tempo percebido e intitulado, historicamente, como regular e, assim, foram - e são - os excluídos da educação ou representados socialmente como apêndices da escola. À vista disso, percebemos que retornar à escola para as mulheres pescadoras artesanais é uma maneira de sentirem-se novamente como parte da sociedade, ou seja, pelo fato de concluírem seus processos de escolarização sentem-se mais cidadãs. Neste sentido, Rosa expressa *“parece que a gente quando chega parece que dizem assim, “ó chegou uma aluna do projeto”. Parece assim que tão dizendo que sou uma pessoa que sabe falar, assim, que não tenha vergonha de falar”*.

³¹ Ao longo do texto os trechos em itálico correspondem literalmente às falas das participantes da pesquisa Rosa, Margarida e Açucena.

Mesmo que para as mulheres pescadoras artesanais o significado de vivenciar a escola do hoje seja distinto da escola do ontem, entendemos que institucionalmente o viver a escola do ontem é pertencer ao “tempo regular de ensino” pelo fato de serem crianças. Porém, atualmente, ao retornarem seus processos de escolarização, na idade adulta, as mulheres pertencem à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo fato de não terem a idade institucionalizada enquanto “regular de ensino”. Deste modo, socializamos as palavras da autora Sonia Rummert, as quais definem a EJA no Brasil como sendo:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), regulamentada como modalidade de ensino, é, sem dúvida, uma educação de classe. Assim, se configura, no Brasil, como ofertadas de possibilidades de elevação da escolaridade para aqueles aos quais foi *negado o direito a educação na fase da vida historicamente considerada, adequada*. (RUMMERT, 2007, p.38).

As palavras da autora permitem pensarmos no “tempo dito como regular de ensino” e implicam considerar que este tempo adequado de ensino é historicamente construído. Em vista desta afirmação, o jovem e o adulto que retornam seus processos de escolarização frequentando a EJA não perdem o direito de ser e sentirem-se parte da educação. O direito a educação lhes é garantido e formalizado em lei pela Constituição Brasileira de 1988, sendo reafirmado nas Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB 9394\96 e na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Mesmo a EJA sendo regulamentada como modalidade de ensino, a visão construída socialmente e historicamente para com a Educação de Jovens e Adultos é nas palavras de Cougo e Dias:

compensação de etapas perdidas da vida educacional em um espaço-tempo caracterizado como “regular”, além de estampar o aspecto pejorativo do trato dedicado a ela, marca profundamente a trajetória desta modalidade no Brasil bem como dos estudantes que dela participam. (2013, p. 80)

Diante das palavras do autor, compreendemos que os entretempos vividos nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais são marcados historicamente e socialmente por tempos distintos. Assim, a escola do ontem é caracterizada socialmente enquanto tempo “regular de ensino”, já a escola do hoje é percebida como “compensação de etapas perdidas da vida educacional”.

Portanto, buscamos ao longo da escrita o resgate das vivências escolares das mulheres pescadoras artesanais, deste modo, não desejamos a comparação dos entretempos escolares, mas, sim, a compreensão de como as vivências, junto às escolas,

constituem a história de vida daquelas mulheres, uma vez que suas histórias são ações dialógicas de compreensões sobre os tempos para além do designado historicamente.

Direcionamos, neste momento, a escrita para o que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre suas experiências escolares do tempo da infância e sobre as vivências junto à escola na vida adulta. Compreendemos que ambas as histórias escolares lembradas são repletas de sentimentos.

As experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais: a escola do hoje e a escola do ontem

As vivências escolares das mulheres pescadoras artesanais são marcadas por duas escolas, uma escola vivida na infância (1º ciclo), na década de 70, e a outra escola experienciada por elas na vida adulta, no ano de 2010 (2º ciclo). Entendemos que ambas experiências escolares, na vida das mulheres, possuem diferentes significados, porém as duas vivências são partes formadoras dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais.

A influência histórica de um governo militar 1964-1985 se faz presente para entendermos os contextos estruturais das escolas no decorrer das vivências escolares. Dizemos isso, pelas questões políticas que interferem nos processos de escolarização presentes nas palavras das mulheres ao relatarem sobre a escola do ontem como, por exemplo, *“cantar o hino antes de entrar na escola”* (Rosa). Também, encontramos nos relatos das mulheres pescadoras artesanais questões que dizem respeito às relações entre escola, professores e alunos, sobre métodos de ensino-aprendizagem e sobre as dificuldades encontradas nos processos de escolarização. E, ainda, relatos sobre as mudanças na escola do ontem e na escola do hoje e quais os sentidos sobre a escola que perpassam na vida das mulheres, transformando-se a cada vivência.

Neste sentido é sobre estes aspectos os quais foram resgatados nas falas das mulheres pescadoras, que iremos dialogar, levando em consideração as compreensões das vivências escolares em sua história de vida. Porém, por entendermos que todo diálogo nasce em virtude das diferenças de ideias, sendo este um dos princípios dialógicos defendidos por Freire (1987), buscamos entrelaçar as histórias contadas a fim de melhor compreender as movimentações temporais de cada vivência, resultando na construção dos significados das experiências escolares tanto individualmente, como no coletivo dos sujeitos da pesquisa.

Assim, optamos, primeiramente, por compreender as relações entre professor e aluno e as metodologias de ensino-aprendizagem, para então, compreendermos quais as transformações dos significados foram reconstruídas sobre a escola.

A escola do passado: As relações de ensino e aprendizagem

Compreendemos a escola enquanto instituição educativa a qual desempenha um papel fundamental nas relações entre sujeitos. Ainda, a escola é palco das diversas situações, as quais propiciam interações de socialização principalmente, entre professor-aluno, entre aluno-aluno e entre professor-professor.

Também é na escola que acontece a construção, valorização e partilha de conhecimentos epistêmicos e científicos, os quais compõem, significativamente, os processos de ensino-aprendizagem. Neste contexto, abordaremos as experiências escolares que constituem a vida das mulheres pescadoras artesanais as quais são marcadas pelas relações entre professor e aluno e diferentes métodos de ensino-aprendizagem. É sobre tais temas que dialogaremos neste momento, bem como, trazemos a literatura freireana, a qual analisa não só o sistema escolar da época de 1960, mas também, a influência do sistema de governo militarista.

A escola do passado foi vivenciada pelas mulheres pescadoras artesanais na década de 70 e, mais precisamente, iniciaram seus processos de escolarização no ano de 1974 e frequentaram a escola até o ano de 1978, concluindo os quatros primeiros anos do Ensino Fundamental. Nos anos em que Rosa, Margarida e Açucena vivenciaram a escola, a educação brasileira estava alicerçada em métodos intitulados como tradicionais de ensino e a ideologia governamental vigente era militarista. Diante do contexto educacional, os professores ocupavam posições hierárquicas de conhecimentos, eram os detentores dos saberes e controladores de quaisquer movimentações dentro da escola. Assim, as relações construídas entre professores-alunos estavam fundamentadas no “distanciamento” entre ambos, conforme o relato de Margarida *“tempo de criança é aquela coisa, né, professor era ali. Se tu dissesse, falasse qualquer coisa, ela dava um grito que chegava recuá, a gente tinha um medo, um medo! Aquilo entrava assim, ninguém nem piava”*.

Neste sentido, entendemos por meio das palavras de Margarida que as relações construídas com os professores na escola do passado eram sustentadas em um “esquema

vertical”, ou seja, as interações entre professor-aluno não estavam fundamentadas na perspectiva dialógica de ensino-aprendizagem. Logo, compreendemos que o diálogo não estava presente, no caso, o professor ao ser autoritário dificultava a construção de um esquema horizontal, de respeito e de intercomunicação nas relações de ensino-aprendizagem, dificultando desta maneira, uma aprendizagem significativa. (FREIRE, 1987)

As falas das mulheres pescadoras artesanais sobre as vivências escolares na escola do passado estão marcadas por ideias que se referem a processos mecânicos de ensino e aprendizagem. Ou seja, a cópia, o decorar e o acertar estão presentes nas lembranças vividas junto à escola.

Eu sempre gostei de estudar também, só que naquele tempo tu não podia nem conversar. Se tu errasse uma frase, por exemplo, tu tinha muita correção. Às vezes tu tinha uma folha, aprendia a copiar direitinho, porque era fácil, né. A tabuada tinha que decorar mesmo, aí tinha cópia e decoração. (Margarida)

O professor dava um texto, vamos supor que fosse assim, “Maria foi à praia e não veio”, depois a pergunta era assim, “Quem foi que não veio da praia? A Maria”, e eram assim as pergunta, me lembro. (Rosa)

Sob a perspectiva das falas de Rosa e Margarida, entendemos que a escola do passado é marcada pela perspectiva antidualógica, em que os educandos alcançam uma aprendizagem mecânica, desta forma, são ignorados os processos de interação entre ensino, aprendizagem e conhecimento e também entre os professores e os alunos. Diante disso, o professor não proporcionava o diálogo e não resgatava e estimulava a releitura crítica sobre as vivências dos alunos; no entanto, levamos em consideração que os professores ensinavam em um contexto de ditadura militar e os métodos de ensino utilizados enquadravam-se no contexto histórico da época - onde prevalecia à repreensão de qualquer outro método julgado como “desacato a ordem militar”.

As relações entre professores e alunos eram mantidas sem a diluição de hierarquias, para o professor era destinado o papel de manter a disciplina, independente do método utilizado, o bom professor era aquele que ensinava, mantinha a escola silenciosa e não se relacionava com os alunos. Compreendemos que os professores na escola do passado, na construção das relações com os alunos, ao invés de serem afetivos e demonstrarem autoridade eram, então, autoritaristas, o que segundo Freire (1987), é o “excesso” de autoridade. O autoritarismo por parte dos professores é entendido, por nós, como uma das principais questões que influenciaram na dificuldade das relações entre professores e alunos nas vivências escolares das mulheres pescadoras artesanais.

Compreendemos, desta maneira, que na escola do passado, ao estar imersa em um contexto histórico-político militar, os métodos e as relações de ensino e aprendizagem estavam diretamente relacionados ao uso excessivo de autoritarismo por parte de quem ensinava - o professor. Fator este que impedia a participação, o questionamento e o diálogo dos alunos nas decisões impostas pelo mesmo, diante da situação, os educandos se calavam com medo de punições e ameaças. Açucena relembra “*eu não lembro de ter levado castigo porque eu sempre fui muito tranquila, muito calada, muito quieta, sabe, então acho que isso também ajudou pra que eu não conversasse na aula não me metesse em confusão*”.

Nas lembranças escolares dos sujeitos da pesquisa, os sentimentos relacionados ao uso excessivo de poder por parte do professor são frequentemente lembrados. Neste sentido, os castigos tanto físicos como psicológicos são recorrentes em suas lembranças.

Era castigo assim de escrever cem vezes uma frase. (Açucena)

Tinha castigo no grão de milho, mas eu nunca peguei. Tinham muito castigo, mas nunca fui pro castigo, só uma vez que eu fui pro castigo, foi porque tudo que eu escrevia antes de P e B tinha que bota M e eu não botava. E a professora me passou uma folha inteira, antes de P e B, M, até embaixo. Isso aí eu lembro. (Rosa)

Notamos, por meio dos relatos acima, que a disciplina era mantida pelo professor pelo uso de castigos, ou seja, quem não seguia as regras impostas estava destinado a sofrer algum tipo de punição. Também, percebemos que os castigos influenciavam na “aprendizagem” dos educandos, no caso, se o mesmo erro era frequente, a punição do aluno relacionava-se a repetição e a decoração do acerto daquilo que estava sendo entendido como errado. Ainda, observamos que tais métodos de ensino e aprendizagem, possuem influência tecnicista³², ou seja, baseados em métodos tradicionais de ensino, o que para Freire (1987) vem a ser uma educação bancária, em que o aluno é mero “depósito de saberes”, logo o papel do professor é apenas de “depositar” conhecimentos nas mentes dos alunos os considerando tabulas rasas.

³² Ensino tecnicista: surgiu nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e chega ao Brasil entre as décadas de 60 e 70, inspirada nas teorias behavioristas (estímulo = resposta) da aprendizagem, onde procurava-se moldar a sociedade à demanda industrial e tecnológica da época. O ensino encontrava-se de acordo com o modelo capitalista, fazendo parte de sua engrenagem e com o objetivo de, dentro deste sistema, formar indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho.

Portanto, o sentimento de viver a escola do passado é definido pelas mulheres como “obrigação”:

Aprendia na obrigação. Tem que tê um outro método. Tem que ensina, mas não assim, obriga, assim, aquela obrigação de tu passa aquele monte de coisa e tu te que, né. Porque daí tu só ta ali fazendo aquilo ali, mas tu não ta nem prestando atenção. É nesse hora que a gente fazia as coisa, depois só começava colocando os acentos, escrevia por exemplo, fígado, ai eu não tinha colocado acento, ai depois só colocava acento, acento, acento. Eu não sei, mas, é aquela obrigação só de fazê aquilo, eu não sei se era por isso que a gente aprendia, mas não era um jeito certo. (Margarida)

Na fala de Margarida, o sentimento de obrigação vem ao lado do papel historicamente destinado aos alunos, o de aprender. Os alunos eram obrigados a aprender, independente do método utilizado pelo professor. Percebemos que o significado da aprendizagem estava ligado à repetição e à cópia daquilo que se era obrigado a fazer. Neste sentido, o fazer por fazer, no caso, a obrigação de fazer, não é significado como uma aprendizagem com sentido ao aluno, e sim, uma maneira de produzir ensinamentos por parte do professor, em que o educando não participa e não se sente aprendiz dentro de seus processos de aprendizagem.

Hoje, ao olhar para as experiências escolares, Rosa, Margarida e Açucena, questionam sobre a possibilidade de terem aprendido por meio de outros métodos, outras maneiras de interações e relações entre professores e alunos, enfim, sobre suas vivências escolares, que, na época em que foram experienciadas, não eram problematizadas, pois a condição histórica imposta a elas era somente de aprendentes. Desta forma, a educação da escola do passado é, segundo Freire (1987), opressora gerando nos sujeitos os sentimentos de submissão, conformidade e individualidade.

Ainda, problematizamos a escola do passado como sendo espaço opressor, tanto aos alunos como também aos professores. Os alunos eram oprimidos pelo sistema escolar onde se privilegiava o quantitativo e não o qualitativo. Os professores eram oprimidos pela “ditadura militar”, ou seja, o ensino era pautado em temáticas e métodos considerados adequados na visão militarista, assim, os alunos aprendiam aquilo que o governo delimitava.

Como consequência, entendemos que a escola do passado, marca de um modo singular, o primeiro ciclo das experiências escolares das mulheres pescadoras, sendo assim, fazem parte de seus processos de escolarização. Logo, com os processos de escolarização interrompidos, por motivos como dificuldade de acesso à escola, a

desistência, por parte das mulheres, em continuar a frequentar a escola, de fato, ocorreu. Fato este que não as impediu de continuarem educando-se ao longo da vida, permanentemente; diante disso, compreendemos que a escola do presente é significada com outros sentimentos, vivenciados pelas mulheres pescadoras e é sobre essas vivências que dialogaremos a seguir.

A escola do presente: As novas vivências dentro dos processos de escolarização

Entendemos que as experiências escolares das mulheres pescadoras estão marcadas por dois ciclos escolares. O primeiro, diz respeito à escola do passado vivenciada quando crianças; e o segundo ciclo é vivenciado junto a um Projeto educacional destinado a jovens e adultos de uma comunidade tradicional de pescadores artesanais, que, por algum motivo, interromperam seus processos de escolarização e no ano de 2010 retornaram à escola. Assim, a escola do presente é o início de novas vivências escolares para as mulheres pescadoras artesanais, é sobre estas experiências nossa abordagem a seguir.

A respeito do citado Projeto cabe esclarecer que se trata de uma ação formal com o objetivo de possibilitar aos pescadores artesanais a conclusão de seus processos de escolarização, ou seja, a conclusão do Ensino Fundamental. A justificativa da ação aconteceu em virtude da exigência de conhecimentos básicos de língua portuguesa e matemática para a retirada e renovação da “Matrícula de Pesca³³” junto à Capitania dos Portos – Marinha do Brasil. Neste sentido, o Projeto iniciou no ano de 2010, ofertando o Ensino Fundamental e com a conclusão desta etapa do ensino, posteriormente, foi ofertado o Ensino Médio, no ano de 2013. Importa dizer, que os encontros aconteceram duas vezes semanais, nas terças e quintas-feiras à tarde, no período compreendido entre maio e dezembro, cujo exercício da atividade pesqueira artesanal era proibido, nomeado, então, como “Seguro Defeso³⁴”. Neste sentido, o Projeto vem a ser uma ação

³³ Documento exigido para qualquer pescador profissional que trabalhe embarcado em águas nacionais. Quaisquer que sejam os proprietários de embarcações precisam de um registro adicional emitido para embarcações.

³⁴ Seguro Defeso: Recurso disponibilizado pelo Governo Federal destinado ao pescador que exerce a atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, no período de proibição da pesca para determinadas espécies.

pontual e não permanente, porém para Rosa, Margarida e Açucena, a possibilidade de vivenciar outra escola foi experienciada ao frequentarem o Projeto educacional o qual, também, compõem seus processos de escolarização.

Ao relatarem sobre a escola do presente os entretempos, inevitavelmente, aparecem, pois relembram da escola do passado. Com isso, queremos dizer, que os entretempos perpassam continuamente a nossa existência, ao comentarmos sobre os processos formativos que compõem de alguma maneira nossa história nos remetemos aos tempos distintos que se entrelaçam na composição da existência humana.

Ao viver a escola do presente, do hoje, as mulheres, relatam as mudanças que ocorreram dentro dos processos de ensino e aprendizagem. Logo, apresentam a escola do hoje como diferente da escola vivida no passado, pelo fato de serem adultas:

Antes eu não via a escola como eu vejo hoje eu não via como algo fundamental e importante pra um futuro melhor eu não tinha essa visão. Hoje eu sei que a educação vai além né que não basta aprender a ler e escrever e fazer conta eu não quero isso pro meu filho, eu quero que ele vá muito mais além, é estudar mais, é fazer uma faculdade, é ir além mesmo, é buscar tudo que ele tem direito, tudo que ele puder aprender, todas as oportunidades que surgirem eu acho que é isso. Depois do projeto, que voltei pra sala de aula, eu passei a ver a sala de aula com um novo olhar assim, um olhar mais maduro, adulto, porque antes criança né, aí depois que tu tem a maturidade tu enxerga melhor as coisas. (Açucena)

As palavras de Açucena mostram o quanto retornar os seus processos de escolarização na vida adulta mudou a maneira de perceber a sala de aula, hoje a escola, para as mulheres, é algo fundamental e importante para um futuro melhor. Desta forma, o sentido da escola é como impulso transformador, ou seja, o sentido de aprender é modificado e entrelaçado com as experiências adquiridas ao longo da vida. Sob este viés, o tempo fora da escola, também foi movimentado, permanentemente, por outras aprendizagens inerentes por estarem ou não frequentando a escola. Porém, conviver na escola, hoje, lhes dá autonomia para sentirem-se precursoras de seus processos de ensino e aprendizagem. Assim, entendemos que para Rosa, Açucena e Margarida estar na escola, também é processo formativo, ou seja, é dar seguimento a “educação continuada”, conceito este defendido por Haddad.

Segundo o autor a “educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se a ideia de construção do ser” (HADDAD, 2001, p.27). Assim, as vivências escolares, hoje na vida adulta, tornam-se mais significativas para as pescadoras artesanais, ou seja, as

aprendizagens convidam a querer saber e conhecer mais e ampliam desta forma, suas leituras de mundo.

Açucena, ao dizer que: “*a educação vai além né, não basta aprender a ler, e escrever e fazer conta*” reconstrói a compreensão do conceito de educação para ela, e resgata o sentido da educação ao lado do inacabamento de seus processos formativos, ou seja, o que Freire (2011, p.14) define como: “raiz da educação”, continuando com as palavras do autor:

Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é o ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que este em constante busca. (FREIRE, 2011, p. 14)

Diante de tal, ao dialogarmos sobre o conceito de educação, nos importa fazer uma reflexão a respeito da existência do homem. Assim, para Açucena, a escola do presente vai ao encontro de uma educação para além dos saberes construídos junto à escola. Para ela, hoje a educação é uma constante busca por novas descobertas, uma educação entrelaçada com sua vida. Desta forma, não basta saber, e sim, o saber é impulso para novas aprendizagens. Para Rosa voltar à escola foi para saber mais:

Quando eu era criança que eu fui pra escola, não imaginava tanto o que era aprende, achava mais que era pra me enturma, né, se solta, pra brinca mais. Mas agora não, agora foi pra estuda mesmo, eu queria saber mesmo mais um pouco. Por isso, que eu me interessei mais, porque é mais pra gente ficá por dentro. Não era assim, como na escola antes, que tu olhava pra um quadro e escrevia as frase e ia escrevendo frase. Hoje a escola tem mais, muito mais sentido.

No relato de Rosa, a escola do presente, é marcada pela busca constante do “*saber mais um pouco*”, logo “o saber mais se faz através de uma superação constante” (FREIRE, 2011, p. 15). Entendemos que, por sermos seres inacabados, a busca pela superação dos nossos saberes anuncia o encontro com a desconfortabilidade, ou seja, “todo saber traz consigo a sua superação”.

O sentimento de saber mais expresso por Rosa, afirma que alguns saberes foram construídos ao longo da vida. Ao mesmo tempo, a busca por saber mais pressupõe o encontro com outros conhecimentos. Assim, o saber e o não saber são relativos, neste sentido, compreendemos o papel do professor como aquele que irá mediar a construção de saberes e deve se colocar na posição daquele que comunica um saber relativo a outros que também possuem outro saber relativo. (FREIRE, 2011)

Na escola do presente a relação professor-aluno, é fundamentada no diálogo, ou seja, é com o diálogo que o sentimento de respeito e autoridade se faz possível no contexto escolar. Portanto, cabe ao professor favorecer a partilha do saber por meio do diálogo, pois é através deste que os sujeitos se encontram intensamente no momento de aprendizagem.

A relação mesmo com professores e alunos eu acredito que a relação foi uma das coisas que mudou bastante porque antes eu acho que era a professora que tava ali pra ensinar e o aluno tava ali pra aprender. E hoje não né, eu acho que hoje, existe essa troca pelo menos eu vi isso no projeto né, existe essa troca de conhecimento o aluno não tá ali só pra aprender ele também tá ali pra ensinar. (Açucena)

As palavras de Açucena indicam que a relação entre professores e alunos é marcada pela partilha de saberes, no caso, os conhecimentos partilhados reconstróem outras e novas compreensões. As mulheres pescadoras artesanais, por exemplo, possuem entendimentos sobre técnicas de processamento de pescado, logo, possuem saberes, o que lhes falta é um sistematizá-los. Assim, ao compartilhar seus conhecimentos com os professores, as mulheres também ensinam, ocorrendo, então, a reciprocidade de saberes.

Percebemos a relevância da relação com os outros nas relações nos processos formativos das mulheres pescadoras artesanais em que as relações são construídas na temporalidade humana; ou seja, as mulheres, ao sentirem o tempo presente dentro de seus processos formativos, reconstróem sua existência. Entendemos também que a escola do presente, possui um maior sentido, pelo fato de aproximar a realidade vivenciada pelas mulheres junto dos processos de ensino e aprendizagem. Margarida, fala sobre esta aproximação, o que na visão dela, é interessante:

Agora foi mais voltado pra nós, pros pescadores mesmo, até os trabalhos, que a professora, por exemplo, de português ela colocava exemplos de pescados de camarão, de siri, no meio de tudo era mais ou menos assim na nossa rotina, assim né. Os trabalhos, tudo envolvia, peixe, camarão, siri, nossos trabalhos. Ela falava, ela sempre colocava coisas do nosso meio como a agricultura, pescaria que é o meio nosso aqui, né, no contexto do trabalho que ela dava pra nós, muito interessante isso, né, porque fazia aquilo que a gente convivia. (Margarida)

A professora, ao olhar sobre as vivências das mulheres pescadoras artesanais, em meio às atividades propostas, de certa forma aproxima as novas aprendizagens da realidade na qual, Rosa, Margarida e Açucena estão inseridas. Desta maneira, o espaço de aprendizagem se torna espaço de mudança, no momento em que é resgatado o meio

vivido, as mulheres de alguma forma transformam a maneira de olhar aquilo que antes já existia.

Entendemos que ao aproximar e mediar o ensino junto da realidade dos educandos, o educador resgata e valoriza os saberes já construídos culturalmente pelos sujeitos. Desta forma, o educador reconstrói os saberes e sistematiza as aprendizagens ao lado dos educando. Conforme expressa Rosa,

Hoje em dia eu entendo mais sobre as conta, esse negócio de juro, de crédito que antes eu já sabia, mas agora a professora de matemática falou muito sobre isso, porque a gente tem créditos do governo pros pesador, talvez se a gente soubesse isso, a gente não tinha entrado. Ela sempre usava exemplo do nosso meio pra explicar as coisas. Eu acho que até fica melhor de aprende, porque era uma coisa que a gente já fazia e não se dava conta, né.

Para as mulheres pescadoras artesanais, a escola antes, era destinada somente para as crianças, segundo Rosa “naquele tempo era só as criança na escola e agora não, o projeto, ou a escola já veio e abraço todos, né, não tem limite de idade”. O Projeto educacional, nomeado por elas como “escola”, foi espaço de acolhida e de inserção a novas aprendizagens.

As palavras de Rosa chamam atenção para os espaços destinados aos jovens e adultos iniciarem ou retornarem seus processos de escolarização. À vista disso, questionamos “a escola acolhe quem faz parte da modalidade de EJA?” Para as mulheres pescadoras artesanais, a antes escola era destinada para as crianças, neste sentido, não se sentiam pertencentes à escola. No entanto, outras relações com professores e educandos e outros métodos de ensino e aprendizagem, baseados no diálogo, foram experienciados junto ao projeto, construindo outras vivências para Rosa, Margarida e Açucena junto à escola.

Entendemos que são duas as escolas que fazem parte dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais e também são duas escolas que acolhem quem na educação está inserido, no caso, uma escola destinada às crianças e outra escola a jovens e adultos. Segundo Cougo e Dias (2010, p. 80) “a EJA acaba por se constituir em um espaço de permanente disputa, envolvendo diferentes grupos e o próprio movimento da instituição escolar”. Então, a Educação de Jovens e Adultos anseia por um protagonismo sociopolítico, pela construção de políticas públicas permanentes, por espaço reservado ao adulto retornar e ou iniciar seus processos de escolarização.

A escola hoje, para Rosa, Açucena e Margarida é significada pela importância das relações construídas ao lado dos outros. Ou seja, os processos de escolarização do presente proporcionaram às mulheres pescadoras artesanais outro olhar para a escola e para as relações entre educadores e educandos, logo, ao lembrarem das vivências escolares atuais, falam em sentimentos de amizade, união, aprender e ensinar. Neste sentido, a escola do hoje foi espaço de intensas aprendizagens encerrando o segundo ciclo dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais e ao mesmo tempo acabam abrindo outras possibilidades de escolha para outras vivências em suas vidas.

Para construir novos diálogos...

Ao longo da escrita, propomos compreender os entretempos das histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. Deste modo, os processos de escolarização das mulheres são vivenciados no decorrer de dois ciclos escolares. O primeiro ciclo refere-se à escola do passado, ou seja, as vivências escolares das mulheres quando ainda eram crianças, e o segundo ciclo diz respeito à escola do presente, quando na idade adulta voltaram à escola.

Após construir o resgate histórico das experiências escolares das mulheres pescadoras é possível compreender que mesmo que as mulheres pescadoras tenham vivenciado escolas distintas ao longo de suas vidas, ambas as escolas compõem seus processos de escolarização. Assim sendo, queremos dizer que o diálogo introdutório a respeito do tempo, ou melhor, dos entretempos, também se faz necessário para entendermos que os processos formativos das mulheres pescadoras são históricos em meio aos entretempos que os constituem.

A escola do ontem, do passado e a escola do hoje, do presente, vivenciadas pelas mulheres pescadoras marcaram seus processos de escolarização de modos singulares. Tais sentimentos vivenciados junto à escola do ontem e do hoje demarcam a escola como espaço que impulsiona aprendizagens e constrói relações.

Entendemos que são duas as escolas que fazem parte das histórias escolares contadas por Rosa, Açucena e Margarida. Neste sentido, as diferenças entre ambas as escolas são apresentadas por Rosa em sua fala,

É muito diferente a escola de hoje com a escola que eu vivi. Das diferença do material que a gente não tinha. A gente ia pra escola não tinha caneta, só tinha um lápis preto, mudou também a condução, que eu te falei que não tinha, material que não se tinha, era tudo comprado e a liberdade que hoje a gente tem de falar na sala de aula, né, naquele tempo não tinha liberdade.
(Rosa)

As mudanças ocorridas em meio às vivências escolares das mulheres pesadoras artesanais demarcam as transformações do contexto político que influenciavam e influenciam o ambiente escolar. Assim, as mudanças aconteceram, considerando o olhar das mulheres pescadoras, principalmente nas relações entre professores e alunos, a maneira de olhar a escola, a educação e a liberdade de expressão.

As participantes da pesquisa Açucena, Margarida e Rosa, sentem-se mais autônomas, após frequentarem a escola nos dias atuais, logo, reconhecem e compreendem saberes direcionado aos seus cotidianos. Neste sentido, relatam a escola do hoje, ou seja, a retomada de seus processos de escolarização e a conclusão dos mesmos como sendo um desafio superado e ao mesmo tempo, uma ruptura histórica. Ou seja, ao retornar a escola, hoje, na vida adulta ultrapassam o que já havia sido historicamente determinado a elas, nas palavras de Margarida, à volta a escola foi “*antes tarde do que nunca*”.

5.2 – Metatexto 2³⁵: A volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: construção de sentimentos de emancipação.

Resumo: O presente artigo contempla discussões acerca dos resultados de uma pesquisa em nível de mestrado a qual buscou compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares de mulheres pescadoras artesanais. Importa dizer que o estudo investigativo foi construído junto a três mulheres pescadoras artesanais que retornaram a escola por meio de um Projeto educacional destinado a jovens e adultos de uma comunidade tradicional de pesca artesanal na Ilha dos Marinheiros - RS. A metodologia de pesquisa é caracterizada enquanto qualitativa e para a produção dos dados, optou-se por três encontros individuais e um coletivo. As análises dos dados produzidos foram respaldadas pela metodologia de Análise Textual Discursiva -ATD- cunhada por Moraes e Galliazi. Os diálogos propostos possibilitam a compreensão dos sentimentos construídos pelas mulheres pescadoras artesanais após a retomada de seus processos de escolarização. As discussões respaldaram-se em teóricos como Paulo Freire, Ernest Bloch, entre outros, os quais contribuíram para o estudo. A partir do diálogo construído, concluímos que a volta à escola para as mulheres pescadoras artesanais possibilitou a ampliação de suas leituras de mundo para reassumirem seus pensamentos críticos e emancipatórios.

Palavras chaves: mulheres pescadoras artesanais, processos de escolarização, autonomia.

Abstract: This article includes discussions about the results of a research master's degree level, which sought to problematize understand what are the processes that intertwine trainers in school stories women artisanal fishers. It must be said that the investigative study was built next three artisanal fisherwomen, who returned to school through an educational project for young people and adults in a traditional community of artisanal fishing. The research methodology is characterized as a qualitative and production data, we chose three individual sessions and a collective semiestructuras in interview format . The analyzes of the data produced were backed in methodology Discourse Textual Analysis - ATD - coined by Moraes and Galliazi . The proposals allow discussions to understand the feelings built by women artisanal fishers after resuming their schooling processes. Hence, in this moment, we refer to the theoretical Paulo Freire and Ernest Bloch among others, which underlie such discussions . From the constructed dialogue, it is concluded that the back to school for women artisanal fishers allowed to broaden their views of the world making them unattended for resuming your critical and emancipatory thoughts.

Keywords: Women artisanal fishers. Schooling processes. Autonomy.

³⁵ Artigo submetido à Revista Emancipação: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/index>, a espera da publicação.

Nosso “ponto de partida”...

Em nosso meio, muitas são as interpretações do que vem a ser “o ponto de partida”, este pode ser o ponto de largada em uma competição, a organização inicial de ideias, a construção de alguma coisa, enfim, diferentes “pontos” significados pela maneira que conduzimos nossos olhares. Clarice Lispector, poeticamente, escreve, “*O ponto de partida deve ser: Não sei. O que é uma entrega total*”.

Talvez, neste momento “o ponto de partida”, ou, conforme diz Freire nossas “Primeiras Palavras”, seja o exercício mais difícil, logo, concordamos com Lispector e afirmamos: o ponto de partida para nós vem a ser, sim, uma entrega total junto a lembranças vividas com um grupo composto por três mulheres pescadoras artesanais, moradoras de uma comunidade pesqueira tradicional localizada as margens da Lagoa dos Patos, a Ilha dos Marinheiros na cidade do Rio Grande - RS, educandas de um Projeto³⁶ educacional destinado a jovens e adultos.

Este artigo compõe um conjunto de discussões realizadas ao longo da escrita de uma dissertação de mestrado que teve o objetivo de compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. No específico espaço da escrita aqui apresentada, buscamos com os diálogos propostos possibilitar a compreensão dos sentimentos construídos pelas mulheres pescadoras artesanais após a retomada de seus processos de escolarização.

As discussões anunciadas sobre os sentimentos que perpassaram o retorno a escola para mulheres pescadoras artesanais foram aprofundadas na pesquisa desenvolvida em nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEDU \ FURG. Tal investigação contou com o apoio da CAPES³⁷.

³⁶ O Projeto contou o objetivo de possibilitar conhecimentos básicos de língua portuguesa e matemática para quem sobrevive da pesca artesanal, pois tais saberes são necessários para a retirada e renovação da “Matrícula de Pesca”. A ação iniciou no ano de 2010 com a oferta da conclusão do Ensino Fundamental, desta forma, com baixos números de evasão e com intuito de atender a demanda dos participantes da ação, o Projeto estendeu-se até o ano de 2013 com a oferta e conclusão do Ensino Médio. As entidades sociais que desenvolveram a ação foram: Capitania dos Partos, Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Colônia de Pescadores Z1, Secretaria Municipal da Pesca.

³⁷ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

As vivências no decorrer da pesquisa, aconteceram por meio de três encontros individuais e um coletivo. Os encontros aconteceram para a realização das entrevistas semiestruturadas, pois compreendemos que tal instrumento de produção de dados não limita as formas de expressões das participantes da pesquisa. Também, importa dizer, que as entrevistas foram gravadas, transcritas e entregues novamente as participantes da pesquisa, com a finalidade das mulheres pescadoras artesanais estarem cientes da transcrição de suas falas, tendo a liberdade de modificar, caso quisessem, quaisquer expressões por elas dita.

Assim, o que dizem Margarida, Açucena e Rosa³⁸ sobre os sentimentos construídos quando na volta à escola é, neste momento, o nosso ponto de partida para presente escrita, a qual emerge a partir do processo de Análise Textual Discursiva, ATD³⁹ cunhado pelos autores Moraes e Galliazi (2007).

Cabe ressaltar, ainda, que a não neutralidade está presente em nossas escolhas, em nossas escritas, enfim, direcionam nossos olhares para aquilo que buscamos aprender. Não deixamos de lado, ainda, os discursos construídos pelas mulheres pescadoras artesanais, sobre seus processos de escolarização, buscando, em meio às palavras ditas por Açucena, Margarida e Rosa a compreensão de quais são os sentimentos que perpassam a volta à escola.

Entendemos que a justificativa desta escrita está em dar visibilidade à fala das mulheres pescadoras artesanais, as quais encontraram novas vivências e oportunidades com a retomada de seus processos de escolarização. Em virtude disso, em suas falas, os sentimentos de realização pessoal, sonhos e novas perspectivas são recorrentes quando as mulheres referem-se ao retorno à escola.

Dialogaremos, ao longo da escrita, respaldadas teoricamente pelos autores Paulo Freire (1996), Ernst Block (2005), entre outros que nos auxiliam para compreender a construção dos sentimentos de sonho, esperança e emancipação, resgatados pelas mulheres pescadoras artesanais.

³⁸ Os nomes Rosa, Margarida e Açucena correspondem às três participantes da pesquisa, assim são nomes fictícios escolhidos pelas mesmas. Optamos pela utilização de nomes fictícios levando em consideração os aspectos éticos presente em estudos investigativos.

³⁹ Análise Textual Discursiva (ATD) é composta primeiramente pela unitarização dos dados, seguido da categorização dos mesmos, captação do novo emergente e a reconstrução textual, compreendemos a metodologia de pesquisa como parte integrante da construção contínua de todo o processo investigativo.

Propomos nesta escrita, assim, um diálogo que caracterizamos como simples, porém intenso, como aqueles construídos com parceiros(as) movidos(as) por curiosidades insaciáveis. Gostaríamos evidenciar que não temos a pretensão de escrever nossas compreensões como sendo “verdades absolutas”, mas sim, a partir de nosso entendimento, lançar um olhar diferente sobre os sentimentos que perpassam a volta à escola para as mulheres pescadoras artesanais, buscando novas maneiras de ver, colocar outras lentes, ampliar os olhares, enfim, dialogar com o princípio dialógico defendido por Freire (1987). Realizar o diálogo com autores exige esforço não apenas das escritoras, mas também de quem lê a compreensão das condições históricas em que foram escritas cada uma das obras aqui referenciadas.

Dada a largada de nosso “ponto de partida” para a escrita, conduzimos, neste momento, a continuidade de nosso pensar e nos reportamos ao que dizem as mulheres pescadoras artesanais, ou melhor, ao que dizem Rosa, Margarida e Açucena sobre a volta à escola.

Os sentimentos perpassam a volta à escola para Rosa, Margarida e Açucena, mulheres pescadoras artesanais

Pensar nos sentimentos que perpassam o retorno à escola é resgatar os movimentos que constituem os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. Entendemos que os sentimentos expressos por Rosa, Margarida e Açucena também são encontros com outras leituras de mundo construídas por elas. Então, nada mais justo do que ouvir o que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a volta à escola, assunto este dialogado neste momento.

O discurso de Rosa, Margarida e Açucena sobre as histórias de seus processos de escolarização fazem com que o brilho no olhar aumente quando o assunto é a volta à escola. Açucena diz que retornar a escola foi à realização de um sonho: *“primeiro pra realizar um sonho né, de voltar pra escola”*; para Margarida retornar a escola, por meio do Projeto educacional foi oportunidade: *“eu sempre tive vontade de estudar, mas não tinha oportunidade antes, aí apareceu essa oportunidades dos pescadores e eu voltei”* e Rosa conta que a volta à escola é importante para aprender mais: *“depois dessa idade toda volta a estuda, desses anos todos, volta pra sala de aula foi muito importante, foi muito importante mesmo pra gente aprende mais”*.

Retornar à escola, para as mulheres pescadoras artesanais vem a ser um processo de construção de outros sonhos, ou seja, sonhos que são pensados, a partir das vivências junto ao Projeto educacional, que lhes possibilitam novas esperanças e perspectivas, sendo assim, os sonhos vêm acompanhados do sentimento de esperança. No caso, o que dizem Rosa, Margarida e Açucena sobre a voltar à escola é “*ter a oportunidade de ir à escola, a sala de aula, foi à realização de um sonho*”, desta forma, dar continuidade aos seus processos de escolarização também é movimentar seus processos de emancipação e conscientização que já existiam. Açucena relata que retornar à escola hoje, foi uma experiência que deu asas aos seus sonhos:

Eu acho que o projeto me deu asas, mostrou que não é porque eu não estudei lá atrás que hoje tu ta condenada a ser dona de casa. Nada contra ser dona de casa, mas me mostrou isso, que eu posso ir além, isso me encantou bastante, me mostrou que eu sou capaz, me mostrou que eu tenho capacidade que basta eu querer e eu achei isso bem bacana, mexeu bastante comigo e mexe com os sonhos também da gente que estão lá quietinhos e daí veio esse projeto e mexeu comigo. (Açucena)

Retornar à escola, para Açucena, lhes deu autoconfiança e legitimidade para assumir, novamente, suas capacidades de pensamentos críticos e emancipatórios. Dizemos isso, pois compreendemos, após os relatos de Açucena, Margarida e Rosa, que voltar a escola hoje, é entender a educação enquanto processo histórico-social. Neste sentido, pensamos, ao lado das mulheres que este momento é movimento por ruptura histórica, uma vez que os processos de escolarização estavam inconclusos e suas histórias já estavam “determinadas”, “*condenada a ser*”, nas palavras de Açucena. Realizam, assim, um encontro com as inconclusões de seus processos formadores.

Ao compreender que somos seres conscientes de nossas inconclusões, temos sempre muito a aprender. Baseamos este pensamento na tese freireana de que todos somos seres inacabados. Entendemos que a educação, na vida das mulheres, exerce o papel e a função social de caráter emancipador, pois enquanto “sujeitos históricos, nos reinventamos no tempo e ao termos consciência do tempo em nossa história, nos historicizamos”. (FREIRE 2011, p. 20)

Os movimentos de transformações impulsionados por nós, seres humanos, ao longo do tempo, referem-se as ruptura histórica. Ou seja, para, Açucena, Margarida e Rosa, o fato de terem frequentado até 4ª série era citado, frequentemente, em suas falas quando indagadas sobre o nível de escolarização. Porém, atualmente, com a volta à escola e com a conclusão de seus processos de escolarização, o discurso é diferente:

“muito satisfeita em responder que eu estou cursando o ensino médio é bem bacana porque antes até a quarta série. Nossa! Imagina a quarta série do ensino fundamental era muito pouco e hoje não, hoje eu sinto até um orgulho de estar cursando o ensino médio de certa forma eu me sinto um pouco importante assim”. (Açucena)

Entendemos que a volta à escola interferiu, diretamente, na vida de Margarida, Rosa e Açucena e o Projeto educacional lhes possibilitou uma leitura crítica da realidade imposta, dando ao oprimido, para utilizar um vocabulário freireano, a possibilidade de busca constante de superação contra a condição imposta pelo opressor, nesse caso as condicionantes sociais que lhes serviam de grilhões que dificultavam, mas não determinaram uma nova oportunidade de vivenciar processos de escolarização. Açucena, diz: *“o projeto me mostrou isso que eu posso ir além que não é porque eu to com trinta e sete anos que eu tenho que ficar em casa e me acomodar. Não! Eu posso ir pra faculdade, eu posso ir além...”* Compreendemos que o “ir além”, vai ao encontro do “ser mais” freireano, conceito este, presente nos processos educativos, por meio dos quais, o ser humano curiosamente busca o conhecimento de si mesmo e do mundo, em prol de sua liberdade.

A constante busca de se autoconhecer e de compreender as distintas formas de ver o mundo - à realidade vigente- despertou novas perspectivas sociais para as mulheres pescadoras artesanais. Diante de suas falas, entendemos que esse “despertar” encontra-se imerso no que Freire (1996) denomina enquanto “curiosidade epistemológica”. Margarida ao falar de sua retomada aos processos de escolarização se remete as mudanças e as expectativas: *“Ah, mudou as expectativas assim de, claro agora eu tenho outras, hoje eu quero continua estudando. Tenho muitas coisas pra aprender e fiquei com mais vontade ainda de estuda, é isso. Mais ainda”*.

Na fala de Margarida entendemos o que Freire expressa enquanto curiosidade, pois extrapola o simples conhecer. A curiosidade epistemológica, segundo Freire, move e inquieta a todos que dele se servem; entendemos que a curiosidade presente nos relatos sobre a volta à escola, para as mulheres pescadoras artesanais, é a busca do que ainda não sabem e, assim, ao mesmo tempo, a possibilidade de imersão a outros processos de ensino e aprendizagem, uma vez que, como Freire, também acreditamos que para se conhecer alguma coisa e, assim poder elaborar um conhecimento, se torna necessário o exercício da curiosidade, para traçar comparações, para poder questionar e desconfiar daquilo que antes já passava a ser naturalizado.

Por meio do que dizem Açucena, Margarida e Rosa, compreendemos que a curiosidade “resgatada” com a volta à escola vem acompanhada das mudanças que, segundo Margarida, são parte do processo de ampliar suas visões de mundo: *“mudou até a rotina, em tudo. Claro, a cabeça da gente vai, sei lá, vai se abrindo mais. Tu vai, queira ou não, sempre vai mudando, né, alguma coisa mais”*.

Percebemos que as mudanças de visões de mundo são encharcadas de curiosidades, pois segundo Freire (2011) a curiosidade envolve todos os sentidos humanos, para tal, precisamos envolver a imaginação, as nossas emoções, nossos desejos e, então, poder satisfazer, por ora, nossa “curiosidade”. Desta maneira, reiteramos que, para as mulheres pescadoras artesanais, retornar à escola é compreender a educação enquanto busca pela autonomia, ou seja, é recriar conhecimentos passados e reconstruir outros conhecimentos.

Como diz Rosa: *“O mundo vai evoluindo e a gente vai ficando parado no tempo. Estudando já se atualiza mais um pouco”*. Enquanto seres históricos, somos capazes de intervir no mundo por meio dos processos históricos. Neste sentido, os conhecimentos por nós produzidos são igualmente históricos. No entanto, os conhecimentos construídos hoje, movimentam-se e diferem-se dos conhecimentos produzidos no passado, os quais também serão modificados e superados futuramente. Por isso, *“é tão importante estar aberto a novos conhecimentos e buscar compreendê-los, quanto conhecer o que a humanidade já produziu”*. (FREIRE, 1996, p. 31)

O ser humano é um ser em constante busca por sua autonomia:

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2010, p. 107)

Para Freire, a autonomia também é processo de vir a ser. Processo, pois, é algo a ser construído ao lado das dinâmicas das relações sociais. Estas experiências de aprendizagem com a volta à escola possibilitaram as mulheres pescadoras artesanais, conhecimentos dos mais variados, as permitindo a tomada de decisões com responsabilidades e consciência de si, do/a outro/a e do mundo.

Na construção de sua autonomia o ser humano anseia por “ser mais”, estando sempre em busca de um devir. Margarida relata que sempre teve vontade de estudar, mas as dificuldades encontradas a impossibilitaram de dar continuidade aos seus processos de escolarização,

Olha, eu antes, quando eu era mais nova, eu tinha muita vontade, até com 18 anos eu fui pra cidade pra volta estuda, aí ia mora com a minha tia, mas aí a mãe não quis, porque naquele tempo os pais ao invés de querer que os filhos estudassem, não queriam, né, porque saíam de casa. Aí eu voltei pra casa, não fui mais, aí eu fiquei grávida, casei, aí desisti assim, achei que isso não ia ser pra mim, entendesse? Não ia, nunca ia te essa oportunidade, porque morando aqui na ilha, né, é tudo difícil. Então eu nunca, nunca mais pensei que essa oportunidade ia aparecer pra mim. Aí apareceu esse projeto “Educação pra pescadores”, daí e agora tudo aconteceu, mas foi meio inesperado. Não foi, assim, uma coisa que eu pensasse que isso fosse acontece pra mim, entendesse? Eu gostaria até, mas já não era uma coisa assim viável. Como não planejava, porque achava que não, que nunca ia acontece.

Por meio do relato de Margarida é possível compreender que seus processos de escolarização foram interrompidos por variados motivos. Porém, enquanto seres humanos, somos movidos pelo “querer”, pela “vontade” e impulsionados pelo “desejo”. Neste sentido, entendemos que o “querer” antecede toda ação promotora da experiência humana. “O querer estudar”, dito, muitas vezes, pelas mulheres pescadoras artesanais, aponta para o desejo de um dia voltar à escola.

Conforme expressa Rosa, *“eu sempre tive vontade de estudar, mas não tinha como antes, aí apareceu esse projeto dos pesadores e eu voltei”*. A vontade de retornar à escola representa sonhos despertados, ou seja, são sonhos diurnos, os quais são movidos pela “espera” da efetivação de coisas que ainda não foram realizadas.

Segundo Bloch (2005), o sonho diurno, de olhos abertos, contém a possibilidade de futuro, neste sentido possui a consciência antecipatória, uma vez que traz consigo o querer humano. Há, conforme Bloch, a concentração do ser humano em algo desejado, isso o movimenta para transformar a imaginação “idealizada” em imaginação real e ao se dar conta de que “diariamente sem saber do amanhã”, o ser humano busca concretamente “um querer fazer”, partindo de um ideal concreto que o leva ao “assim deveria ser”. (BLOCH, 2005, p. 50)

O desejo de querer voltar à escola era “idealizado” por Rosa, Margarida e Açucena e, logo, movimentado pela transformação, o desejo passa a ser concretizado com a retomada de seus processos de escolarização. Também, outros desejos movimentam-se, primeiramente idealizados pelo “querer fazer”, e seguidamente tornam-se concretizados pelas transformações que movimentam os processos históricos dos seres humanos.

Margarida expressa o quanto a volta à escola foi à concretização de um sonho, e ainda vem:

Ai eu não sei, pra mim acho que assim, tipo uma, uma realização pra mim, pessoal, não é que seja, assim, uma coisa que eu pense que eu vou ganhar dinheiro, não é isso. Mas é um sonho, assim. Uma coisa que eu tinha vontade, né. E agora eu to na graduação, uma coisa que pra mim, nem eu pensava que ia acontecer, porque parecia que tava muito longe. Mas ai aconteceu à oportunidade e eu ai aproveitei, né. Tô aproveitando! Não sei, tomara que eu consiga.

Compreendemos que com a retomada de seus processos de escolarização as mulheres pescadoras artesanais processam outros desejos, como continuar estudando, ingressar na faculdade, que são movimentados pelo querer humano. Deste jeito, entendemos que o querer humano primeiramente é “idealizado” e passa a ser concretizado pela articulação entre os sonhos diurnos, a utopia concreta e a esperança sábia (BLOCH, 2005). Logo, a oportunidade de voltar à escola, por meio do Projeto educacional, vem a ser a concretização de um sonho.

A partir das vivências escolares experienciadas com a retomada dos processos de escolarização, Rosa, Açucena e Margarida, reinventam novos desejos e justificam o porquê o Projeto educacional vem a ser um espaço de manifestação de seus sonhos.

Na minha infância eu brincava muito de escolinha e a minha irmã sempre queria ser a professora (risos) e eu sempre queria ser a professora, mas ela não deixava ela queria ser sempre a professora. Então de repente isso ai é um sonho, que eu tenho já que desde cedo, de ser professora, de ter esse contato com a educação, com o estudo, e veio o projeto pra despertar esse sonho, de repente que tava lá né quietinho. Então por isso, que eu digo que ele é um projeto que mexe com os sonhos da gente. No projeto, me despertou um desejo de ser professora, aquele contato assim de sala de aula, de livros, de lápis, de escrever aquilo tudo, assim sabe, mexeu muito comigo e aquela troca né, que a gente tem com o professor e que é uma troca hoje na verdade né de aprendizado mexeu muito assim comigo me despertou muito a vontade de ser professora de fazer magistério.(Açucena)

No contexto da fala de Açucena percebemos que as mulheres pescadoras artesanais movimentam a concretização dos sonhos, entrelaçando suas vivências passadas com projeções futuras. Ou seja, as vivências das brincadeiras de escolinha de Açucena na infância, hoje são por ela lembradas e o desejo de ser professora por ela exposto é impulsionado pela vontade já existente, que volta com intensidade a partir do retorno à escola.

A volta à escola é o espaço de materialização de sonhos e de construção de novas perspectivas de vida. Rosa, Açucena e Margarida, retornam a escola por diferentes motivos, porém os sentimentos por elas nomeados com a retomada de seus

processos de escolarização referem-se à autoconfiança, realização pessoal e concretização de sonhos.

Entendemos que os sentimentos ditos pelas mulheres pescadoras artesanais estão articulados, ou seja, a autoconfiança acompanha a realização pessoal, ambas são impulsionadas pela esperança de realização de seus sonhos. O retorno à escola vem a ser também um ato político para Açucena, Margarida e Rosa, pois diante da cultura machista que predomina na pesca artesanal oriunda da cultura patriarcal, a escola foi espaço de emancipação e de busca por mudanças para as mulheres pescadoras artesanais.

Neste sentido, Rosa expressa:

Sabe que eu tinha vergonha de falar com as pessoas. Eu tinha vergonha, talvez se eu não tivesse no projeto eu não tava falando no teu gravador. Hoje, não fico, não fico com vergonha. Vergonha assim, de falar, ou tá assim no público e fala alguma coisa ou pedi alguma coisa, eu tinha vergonha, hoje eu não, se eu i em qualquer lugar, numa conferência, se eu achar que tá errado e tiver que fala, eu falo.

Compreendemos a partir da fala de Rosa que o retorno à escola trouxe legitimidade na assunção de sua fala, desta forma, as mulheres pescadoras artesanais sentem-se com mais “propriedade” para dizerem o que pensam. Entendemos este movimento como a libertação de uma cultura do silêncio - cultura esta, que para Freire tem o caráter de classe historicamente determinado na literatura freireana em que o opressor silencia o oprimido - porém as mulheres pescadoras artesanais romperam com seus silêncios a partir da retomada de seus processos de escolarização.

Também pensamos que para Margarida, Rosa e Açucena à volta a escola remete à (re)significação do motivo pelo qual no passado não puderam concluir seus estudos e lhes proporciona uma nova leitura de mundo, que permite reforçar seus sentimentos de pertencimento à comunidade tradicional e da condição de pescadora artesanal e, de forma consciente, intervir no mundo que lhes rodeia. Conforme diz Rosa: “*Eu não busco saí da pesca, eu gosto da pesca, sempre pesquei, comecei a pesca com o pai, sempre gostei, mas acho que independente de ser pescador ou agricultor, o home do campo, ele tem que te estudo*”.

O relato de Rosa mostra que essa experiência vivida, o retorno à escola, reforça a consciência de classe. As mulheres pescadoras artesanais percebem que o estudo as torna mais capazes de intervir no mundo, ou seja, mais conscientes e críticas. A profissão pescadora artesanal, de acordo com o relato, não requer que essas mulheres

sejam analfabetas ou semianalfabetas, pelo contrário, solicita que elas sejam capacitadas e preparadas para além dos afazeres da atividade. Portanto, a informação e os conhecimentos agora adquiridos mostram-se valiosíssimos para a continuidade das atividades oriundas da pesca artesanal, pois a realidade da comunidade tradicional de pesca artesanal sofre as pressões socioeconômicas que são comuns ao mundo globalizado, o que não encerra a categoria em apenas conhecimentos artesanais, necessitando dos conhecimentos que a sociedade demanda.

Guerrero (2010) ao trazer em sua escrita uma leitura freireana de mundo concede ao ato de ler e escrever um caráter essencial para a reflexão da prática social. No entanto, ressalta que apenas uma minoria da população exerce tais ações por que a grande massa necessita dedicar tempo e energia ao trabalho braçal. Diante disso, o autor acima citado reforça a ideia apresentada por hora:

Que significado adquire o ato de ler o mundo em países de capitalismo periférico? Neste tipo de sociedade, pela própria natureza do sistema, a maioria da população é obrigada a exercer uma atividade somente física, sem nenhuma possibilidade de levar a cabo uma união dialética entre o trabalho manual e o trabalho mental (união entre teoria e prática), através da reflexão crítica sobre a prática desenvolvida. Neste plano, o ato de ler (como reflexão crítica) aparece como se fosse o direito exclusivo de poucos, daqueles que podem desenvolver as funções próprias da cabeça: os que leem e escrevem as palavras da dominação, os que decidem o que, como e para quem se devem “ler” o mundo. (GUERRERO, 2010, p. 98-99)

Podemos compreender, ainda discutindo sobre o ato de ler e escrever, que realizar uma leitura crítica por sujeitos que pertencem a classes sociais historicamente oprimidas é um ato de transgressão de uma condição imposta. O esforço realizado em prol do ato de ler e escrever é também o esforço pela transformação coletiva de toda classe oprimida, para que ela seja mais vista, compreendida e valorizada. Rosa comenta que após o retorno a escola busca por maiores conhecimentos por meio da leitura,

Assim, lê eu lia qualquer livro, hoje não, eu já me interesso em um livro que me diga alguma coisa, um livro assim, ou um romance ou um livro que eu possa lê e aprende. Não fica naquelas historinha que eu lia, aí eu, agora, quando eu pego um livro eu já pego um livro que eu fico sabendo alguma coisa.

Saber ler e escrever é “relativamente” fácil, porém ter a capacidade para desenvolver um constante processo de pronuncia de mundo requer esforço intenso. O relato de Rosa apresenta que a volta à escola possibilitou a construção de conhecimentos diante de sua realidade. Ou seja, hoje, o ato de ler para Rosa é movimento de aprendizagem e permite a vinculação entre o que se lê e a realidade. Caso

contrário, segundo Guerrero (2010, p. 99) “não seria possível realizar um verdadeiro processo de conhecimento transformador de quem lê e de seu mundo”. Compreendemos que o ato de ler o mundo vai ao encontro da análise crítica da realidade, assim a leitura é movimento de relação entre texto e contexto, ou seja, entre o que se lê e a realidade vivida.

Para Rosa, Margarida e Açucena o retorno à escola possibilitou compreender e intervir no mundo que as rodeia. No caso, hoje, buscam por novos objetivos, como estudar e lutar pelos direitos das mulheres pescadoras artesanais. Açucena expressa o quanto voltar à escola possibilitou a construção de novas possibilidades, novos desejos que são movimentados pelas transformações humanas:

Ah eu penso em fazer o ENEM e de repente até ir pra faculdade, penso que tudo são flores quando eu to animada tudo é fácil, mas daí quando eu começo a pensar nas dificuldade daí eu já desanimo e as dificuldades que falo assim, eu vou ter que parar de trabalhar e daí eu ajudo em casa como é que vai ser sabe como é que vai ser porque eu vou parar de trabalhar não vou poder mais ajudar em casa e eu ainda vou gastar mais porque eu vou gastar com passagem com lanche com aí eu penso nisso tudo isso atrapalha bastante. Mas não dá para desistir, porque não é impossível né não é impossível de conseguir então pode até ser difícil, mas não é impossível pra tudo tem um jeito ne.

A resignificação que fazem de seu passado, o qual é expresso muitas vezes nos relatos das mulheres pescadoras artesanais, mostram com êxito a superação da condição de não concluintes do ensino básico e observam as diferenças sociais, da realidade, e no ensino. Açucena, hoje, projeta futura continuidade de ingressar em um curso de graduação, porém, mostra-se consciente das condições que devem por ela, novamente, serem superadas. Tais condições não são impossibilidades e sim são promotoras de movimentações para buscar por tentativas de transformação. Ou seja, ao pensar nas condições presentes e projetar desejos futuros, Açucena, conscientemente não anula seus processos formadores até então vividos, mas busca nos mesmos outros elementos que se tornam importantes para decisões futuras.

Entendemos, a partir do que diz Açucena, que a volta à escola possibilitou outros desejos, sonhos; diante disso, as mulheres pescadoras, sentem-se autônomas de seus processos formadores e buscam por meio deles outras inquietações para sentirem-se sempre apreendentes. A educação na vida das mulheres pescadoras artesanais vai ao encontro da educação para autonomia, a qual segundo Freire (1996, p. 58) está “centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer,

em experiências respeitadas da liberdade”. Em uma educação para autonomia a decisão pessoal é também responsabilidade gerada pelas dinâmicas e relações sociais. É na educação para autonomia que Freire aposta na contínua formação humana, onde seres humanos participam da vida social como sujeitos da história em permanente processo de libertação.

Diante do que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre os sentimentos que perpassam a volta à escola, entendemos tal retorno alimentado pela reafirmação da autonomia que aflora juntamente da emancipação e da consciência crítica que já existia na vida de Rosa, Margarida e Açucena, porém, atualmente, a intensidade de tais sentimentos é construída com e pela retomada de seus processos de escolarização que abriram outras leituras e compreensões de mundo. Neste sentido, voltar à escola lhes deu liberdade para sentirem-se em permanente processo de formação, interferindo diretamente em suas vidas. Ou seja, os sentimentos que perpassam a volta à escola assoberbam a vida de Rosa, Açucena e Margarida de outros sentidos.

Os outros “pontos de partida”: Para continuarmos outros diálogos...

Para Rosa, Margarida e Açucena a volta à escola, por meio do Projeto educacional destinado a jovens e adultos de uma comunidade tradicional de pesca artesanal, foi “o ponto de partida” do encontro com uma educação para a autonomia. Retornar à escola na vida adulta fez com que elas construíssem outras possibilidades de leituras de mundo, ou seja, a partir da realidade na qual estão inseridas, hoje, as mulheres pescadoras artesanais reconstróem outras oportunidades de superação da condição historicamente imposta a elas.

Percebemos ao encontro do que dizem as mulheres pescadoras artesanais, que os sentimentos que perpassam o retorno à escola vão ao encontro de um novo olhar sobre a educação - uma educação de caráter social em prol da emancipação dos sujeitos. Isto é, voltar à escola foi um passo importante na vida de Açucena, Margarida e Rosa, pois marcou a concretização de um sonho que por anos passou a ser “idealizado”. O desejo de estudar que permanecia até alguns anos passados pelo “querer voltar à escola”, hoje, é concretizado com o retorno à escola e impulsiona outros sonhos, outros desejos. Entendemos que o “ainda-não” (BLOCH, 2005) fazia-se presente, quando o assunto era à volta à escola e, atualmente, o “querer mais” expressado pelas mulheres pescadoras

artesanais permanece quando falam sobre os sentimentos construídos com a retomada de seus processos de escolarização.

Compreendemos os processos educativos das mulheres pescadoras artesanais como “ato de conhecimento e como ato político que tende a transformação do ser humano enquanto classe social e de seu mundo” (GUERRERO, 2010, p. 91). No caso, voltar à escola para Rosa, Açucena e Margarida foi o encontro de outros conhecimentos, a partir dos saberes empíricos já construídos, sistematizando-os e gerando outros conhecimentos.

À volta à escola para as mulheres pescadoras artesanais, também foi assumida enquanto espaço de luta. Desta maneira, para Freire (1996, p. 78) “conhecer é lutar, na medida em que é transformação e, por isso, conhecer é abrir espaços de luta”. Na medida em que os conhecimentos são construídos, ampliam-se as decodificações de mundo, ou seja, Rosa, Margarida e Açucena ao sentirem-se agentes de seus contínuos processos de ensino-aprendizagem, afloram também sua conscientização e sua crítica sobre a realidade vigente, redescobrando nestas transformações a busca e o encontro com o “ser mais”. (FREIRE, 1987)

Ter estudo, voltar à escola e sentirem-se pertencentes em seus processos educativos, fazem das mulheres pescadoras artesanais autônomas e construtoras de suas oportunidades, ou seja, são agentes de seus processos de transformação. Como diz Rosa: “*o estudo é uma coisa que tu tem e ninguém te tira, o que tu estudo é teu, ninguém pode te tira, né, ninguém te tira uma coisa que tu tem*”.

5.3 – Metatexto 3⁴⁰: O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão

Resumo: Este artigo objetiva problematizar questões levantadas por mulheres pescadoras artesanais sobre a valorização da força de trabalho feminina dentro dos processos que envolvem a cadeia produtiva em comunidades pesqueiras artesanais tradicionais. Nesse sentido, o debate sobre a luta por reconhecimento das pescadoras artesanais apresenta contribuições importantes para que possamos repensar a participação da força de trabalho feminina dentro da pesca artesanal. As discussões apresentadas foram construídas ao longo da pesquisa de mestrado que buscou compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. Participaram do estudo, três mulheres pescadoras artesanais, moradoras de uma comunidade tradicional de pesca artesanal situada às margens da Lagoa dos Patos, a Ilha dos Marinheiros na cidade do Rio Grande (RS) e educandas de um Projeto educacional formal ofertado a jovens e adultos. A produção dos dados foi organizada em três encontros individuais e um coletivo. Para a análise dos dados utilizamos a metodologia de Análise Textual Discursiva – ATD-cunhada por Moraes e Galliazi. Para tanto, nos reportamos, neste momento, aos estudos de Maneschy e Nogueira entre outros autores os quais fundamentam as discussões propostas. Após o diálogo construído, concluímos que ao homogeneizar a categoria de pescador artesanal restringindo-a somente a imagem do homem pescador, distanciamos a compreensão cultural dos significados construídos pelas mulheres a respeito da participação feminina em meio à produção pesqueira artesanal.

Palavras-chaves: pesca artesanal, mulher pescadora artesanal, valorização,

Abstract: This paper aims to analyze the issues raised by women artisanal fishers on the appreciation of the female labor force within the processes involving the production chain in traditional artisanal fishing communities. In this sense, the debate on the struggle for recognition of artisanal fishers has important contributions we can rethink the participation of female workforce in artisanal fisheries. The discussions presented were built along the master's research aimed to understand the formative processes which are interwoven in school stories women artisanal fishers. The study included three artisanal fisherwomen, living in a traditional community of artisanal fishing on the banks of the Lagoa dos Patos Island Sailors in Rio Grande (RS) and educandas of a formal design education offered to young people and adults. Data production was organized in three individual sessions and a collective. For data analysis we used the methodology of Discourse Textual Analysis - ATD - coined by Moraes and Galliazi. For this purpose, we report, this time to studies and Maneschy Nogueira among other authors which underlie the proposed discussions. Built after the dialogue, it is concluded that the homogenizing category of artisan fishermen restricting it only the image of man fisherman, distanced cultural understanding of the meanings constructed by women about female participation through the artisanal fishery product.

Keywords: artisanal fisheries, artisanal fisher woman, appreciation.

⁴⁰ Artigo submetido a Revista Trabalho & Educação: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu>, a espera de publicação.

É “História de pescador”? Não, contamos histórias sobre o trabalho das mulheres pescadoras artesanais!

Nas andanças vida a fora, muitas vezes, ouvimos histórias das mais variadas possíveis, têm as alegres ou as tristes, as apaixonantes ou as esperançosas, enfim, para cada assunto específico temos uma história para contar e, como sabemos, uma história procura por outras histórias.

Quando o fato contado vem ao lado da intenção de gabar momentos heroicos, utilizamos, em vezes, a expressão “história de pescador” já que o pescador é nomeado como aquele que, ao contar suas aventuras junto às águas, intensifica os fatos que acha mais interessante para quem o ouvirá.

Porém, desta vez, não contamos “histórias de pescador” e, sim, procuramos abordar debates acerca da valorização do trabalho das mulheres pescadoras artesanais frente às comunidades pesqueiras tradicionais. Sendo assim, percebemos que tal temática não vem a ser uma história que procura por intensificar fatos, entretanto, buscamos por meio da escrita, apresentar os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres pescadoras artesanais e, desta forma, valorizar e reconhecer a importância de tais ofícios dentro do ciclo produtivo da pesca artesanal.

Logo, nossa intenção, neste momento é, contar “histórias sobre pescadoras” as quais, muitas vezes, não são percebidas enquanto profissionais da pesca, sendo nomeadas socialmente como “mulheres de pescadores” e que em ocasiões políticas e culturais ficam a margem de discussões.

Compreender a constituição do que é “ser pescadora artesanal” foi um dos objetivos que nos acompanhou ao longo das vivências da pesquisa em nível de mestrado, a qual teve como problema central compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais. A continuidade dos processos de escolarização das mulheres pescadoras artesanais aconteceu por meio de um Projeto⁴¹ educacional formal, ofertado a jovens e

⁴¹ O Projeto contou o objetivo de possibilitar conhecimentos básicos de língua portuguesa e matemática para quem sobrevive da pesca artesanal, pois tais saberes são necessários para a retirada e renovação da “Matrícula de Pesca”. A ação iniciou no ano de 2010 com a oferta da conclusão do Ensino Fundamental, desta forma, com baixos números de evasão e com intuito de atender a demanda dos participantes da ação, o Projeto estendeu-se até o ano de 2013 com a oferta e conclusão do Ensino Médio. As entidades sociais que desenvolveram a ação foram: Capitania dos Partos, Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Colônia de Pescadores Z1, Secretaria Municipal da Pesca.

adultos da Ilha dos Marinheiros (RS) comunidade tradicional de pesca artesanal com o objetivo de conclusão do Ensino Fundamental.

Este artigo compõe um conjunto de discussões realizadas ao longo da escrita de uma dissertação de mestrado, as discussões anunciadas, sobre a valorização e o reconhecimento da mulher pescadora, foram aprofundadas na pesquisa desenvolvida em nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEDU \ FURG, tal investigação contou com o apoio da CAPES⁴².

As vivências no decorrer da pesquisa aconteceram com a participação de três mulheres pescadoras artesanais, por meio de três encontros individuais e um coletivo, para os encontros foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, pois compreendemos que tal instrumento de produção de dados não limita as formas de expressões das participantes da pesquisa. Também, nos importa dizer, que as entrevistas foram gravadas, transcritas e entregues novamente as participantes da pesquisa, com a finalidade das mulheres pescadoras artesanais estarem cientes da transcrição de suas falas, tendo a liberdade de modificar, caso quisessem, quaisquer expressões por elas ditas.

Assim, o que dizem Margarida, Açucena e Rosa⁴³ sobre o “ser pescadora artesanal” apresentam contribuições importantes acerca do debate sobre a valorização do trabalho da mulher frente à economia pesqueira artesanal. Desta maneira, a escrita apresentada é oriunda dos processos de análise dos dados da pesquisa, pautados nos pressupostos metodológicos da Análise Textual Discursiva⁴⁴- ATD- cunhado pelos autores Moraes e Galliazi (2007).

Para tanto, no primeiro momento da escrita: “*Será somente o homem, o profissional da pesca?*”, buscamos problematizar e ampliar nossos olhares frente aos profissionais que atuam no desenvolvimento da produção do ciclo da pesca artesanal.

⁴² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁴³ Os nomes Rosa, Margarida e Açucena correspondem às três participantes da pesquisa, assim são nomes fictícios escolhidos pelas mesmas. Optamos pela utilização de nomes fictícios levando em consideração os aspectos éticos presente em estudos investigativos.

⁴⁴ Análise Textual Discursiva (ATD) é composta primeiramente pela unitarização dos dados, seguido da categorização dos mesmos, captação do novo emergente e a reconstrução textual, compreendemos a metodologia de pesquisa como parte integrante da construção contínua de todo o processo investigativo.

Desta forma, evidenciamos o trabalho das mulheres pescadoras em prol das comunidades pesqueiras artesanais. Sendo assim, ao expandir o diálogo sobre o reconhecimento das mulheres pescadoras artesanais frente às comunidades pesqueiras tradicionais, problematizamos a economia familiar como espaço de reconhecimento do trabalho das mulheres pescadoras e do trabalho colaborativo desenvolvido dentro das famílias nas atividades que envolvem a pesca artesanal.

Em seguida, procuramos apresentar o que é ser pescadora artesanal e como sua desvalorização é reproduzida socialmente e historicamente. Neste sentido, debatemos acerca das políticas públicas voltadas para as mulheres pescadoras artesanais e como é construído o reconhecimento profissional da categoria.

Ao longo da escrita trataremos do conceito de pesca artesanal como sinônimo de pesca tradicional, considerando que ambas as atividades são caracterizadas principalmente, pela presença da mão de obra da economia familiar e realizada de forma autônoma, com finalidades comerciais. Para a realização de tais ofícios são utilizadas embarcações de pequeno porte, como botes e caícos, ou ainda, sem a utilização desses recursos. As áreas de atuação das atividades da pesca artesanal/tradicional são: rios, lagoas, lagos e regiões litorâneas próximas à planície costeira.

Logo, objetivamos a escrita deste artigo, em busca da valorização e do reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras profissionais da pesca artesanal e nos reportamos aos estudos de Maneschy, Pasqotto, Nogueira entre outros autores que fundamentam as discussões propostas. Diante disso, nada mais justo que ouvirmos o que apresentam Rosa, Margarida e Açucena que são mulheres pescadoras artesanais, como argumentos que consideramos importantes quando falamos a respeito dos profissionais da pesca artesanal.

Será somente o homem, o profissional da pesca?

Ao saborearmos uma refeição preparada com frutos do mar, aquele camarão ao bafo, o siri na casca e um peixe assado, será que paramos para pensar como essas deliciosas especiarias chegaram até nossos pratos? Se a resposta for sim, projetamos ao nosso pensamento a imagem do pescador intimamente associada ao homem forte, que trabalha diretamente dentro das águas doces ou salgadas, tirando deste meio natural a sua sobrevivência. Será somente o homem, o pescador?

A cadeia produtiva pesqueira artesanal é composta por distintas etapas até o pescado chegar ao nosso consumo. A primeira etapa é a captura do pescado, após o processamento e limpeza, em seguida o beneficiamento e armazenamento e, por fim, a comercialização do pescado. Desta forma, destacamos que são considerados como profissionais da pesca os sujeitos que atuam no decorrer da produção da pesca artesanal tanto diretamente, como indiretamente, ou seja, homens e mulheres que operam tanto na captura da matéria-prima (o pescado), como também no desempenho de outras funções dentro das atividades pesqueiras artesanais, como: a preparação e a comercialização do pescado.

Assim, problematizamos e ampliamos o diálogo acerca dos profissionais envolvidos na cadeia produtiva da pesca artesanal. Logo, buscamos por meio do questionamento *“será somente o homem o pescador?”* expandir nossos olhares referentes à pesca artesanal, uma vez que, o ciclo produtivo da atividade abrange tanto a força de trabalho masculina, como a feminina. Dessa forma, não propomos na discussão a comparação dos afazeres desenvolvidos pelo homem pescador e pela mulher pescadora e, sim, buscamos, no decorrer do diálogo, construir argumentos sobre o reconhecimento e a valorização da força de trabalho feminina nas atividades por elas desenvolvidas dentro da pesca artesanal.

Segundo o estudo publicado pela FAO (2012) as mulheres são metade da força de trabalho em pescarias de pequena escala (tradicional / artesanais) nos setores primários e secundários, atingindo mais de 50% da força de trabalho ao considerarmos o trabalho em águas internas. Desta forma, utilizamos novas lentes frente à pesca artesanal e evidenciamos a força do trabalho da mulher pescadora em prol das comunidades pesqueiras tradicionais, às quais exercem ativamente as atividades de preparo e processamento de pescados. De acordo com Rosa⁴⁵ os afazeres das mulheres na pesca artesanal são: *“A mulher em casa tem muitas tarefas, aí tem o pescado pra limpa, tem o camarão, tem o siri, tem a roupa, tem toda aquela lida de casa, né. Mas sempre que eu posso ir ao mar, eu vou”*.

Neste sentido compreendemos que ser pescadora artesanal é ser trabalhadora da pesca e do lar. É “cuidar” da casa, dos filhos, e também, é fazer o processamento, armazenamento e comercialização dos pescados. É ampliar a carga horária de trabalho,

⁴⁵ Ao longo do texto os fragmentos em itálico representam igualmente as falas das participantes da pesquisa. Também chamamos atenção para os nomes referenciados estes são fictícios, respeitando os aspectos éticos de pesquisa.

para 12 horas diárias, divididas entre: os afazeres da pesca e os afazeres do lar. Ser pescadora artesanal é aprender a tirar a carne do siri, é saber limpar o camarão, é saber filetar o peixe, é aprender a ser pescadora artesanal nos afazeres cotidianos que envolvem a pesca tradicional. É realizar um trabalho colaborativo ao lado do homem pescador, com afazeres distintos, derivados dos processos que envolvem a produção da pesca artesanal. Ser pescadora artesanal é trabalhar com a família, junto da família em uma economia de regime familiar. Ser pescadora artesanal é procurar pelos seus direitos e ter como profissão: pescadora artesanal. Conforme diz Rosa “*ser pescadora é a minha sobrevivência, a nossa sobrevivência*”.

Margarida, Rosa e Açucena, em muitos momentos, falam de seus afazeres na pesca artesanal, porém, relatam que “ser pescadora artesanal” é trabalhar junto do marido, dos filhos, do irmão, enfim, para elas não tem como falar sobre “ser pescadora artesanal” sem pensar na categoria pescador artesanal. Neste sentido, entendemos que ser pescadora artesanal é sentir-se pertencente à categoria pescador artesanal, para as mulheres, é trabalhar junto da família é ter o trabalho compartilhado com aqueles que também sobrevivem da pesca artesanal.

Com isso, queremos dizer que não é somente o homem considerado pescador já que este atua mar adentro, mas também, as mulheres são pescadoras mesmo não atuando nas atividades de captura, pois estão envolvidas de alguma maneira nas atividades da pesca artesanal. Neste sentido, Pasquotto (2005) traz a definição acerca da pesca artesanal e ressalta a importância da unidade familiar para a atividade:

A pesca artesanal caracteriza-se pelo uso de pequenas embarcações, com menor esforço unitário de pesca. O regime de trabalho é familiar ou através de grupos de vizinhanças ou parentes. Ou seja, nem sempre a unidade familiar corresponde ao grupo de pescadores que efetivam o trabalho de captura do pescado, entretanto os indivíduos da família executam, em intensidade variável, outras tarefas importantes no processo de produção, como o beneficiamento do pescado e a manutenção de equipamentos de pesca. A unidade familiar frequentemente combina outras atividades como, por exemplo, a agricultura, nas comunidades rurais que também possuem terras, e na construção civil, nas comunidades pesqueiras situadas em meio urbano. (PASQUOTTO 2005, p. 23)

O discurso utilizado para afirmar que cabe ao homem estar em alto mar, pois é forte e bravo, desvaloriza o trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras, aliás pelas famílias que sobrevivem da pesca artesanal. Percebemos que existe a divisão do trabalho, as tarefas desenvolvidas por cada membro da família são distintas, porém todas são importantes para a manutenção econômica das famílias dentro das

comunidades pesqueiras tradicionais. Nessas perspectivas, para Açucena ser pescadora artesanal é trabalhar com a família:

Tu trabalhar em casa, é tu trabalhar com a tua família, é chegar na hora do almoço tu parar, todo mundo senta na mesa e todo mundo almoçar junto. Daí tu vai lavar tua louça e vai volta lá pra tua atividade aí na hora do lanche da tarde vai todo mundo se reunir de novo, todo mundo vai lancher junto. Isso é ser pescador. Essa proximidade, isso até me emociona, porque hoje não tem mais isso. Eu sinto falta disso, eu acho que por isso eu sinto tanta saudade daquele tempo. Dessa proximidade que a gente tinha, de trabalhar junto, de tá junto.

Os argumentos trazidos na fala de Açucena mostram que o convívio familiar dentro da pesca artesanal está presente, visto que o trabalho é dividido e organizado num todo e os sujeitos envolvidos são considerados pescadores. Sendo assim, trabalhar com a pesca artesanal é também estabelecer os tempo de trabalho junto da pesca e, ao mesmo tempo, construir os tempo de convívio familiar, em vista disso a pesca artesanal é considerada economia de regime familiar.

A lei número 11.959 de 29 de junho de 2009, conhecida como a lei da pesca, fazendo referência ao 4º artigo amplia o que se considera enquanto atividade pesqueira artesanal, indo além da captura dos recursos e incluindo o trabalho desenvolvido nas etapas de pré e pós-captura, como: confecção e reparos das artes, petrechos de pesca e as embarcações de pequeno porte, até do beneficiamento do pescado. Desta maneira, o conceito de pesca artesanal passa abranger não somente os trabalhadores que efetuam na captura do pescado, mas também os demais sujeitos que se enquadram em trabalhos oriundos da pesca tradicional.

Todavia, compreendemos que para Rosa, Açucena e Margarida falar na divisão dos trabalhos dentro da pesca artesanal é também contar suas histórias de vida que se entrelaçam com os afazeres oriundos das atividades da pesca tradicional em que a participação da família está presente quando se apresentam enquanto pescadoras artesanais. Açucena fala da divisão das tarefas na pesca ao lado da família, momentos relembrados de pescarias vivenciadas:

A princípio eu e a minha irmã, minha mãe e meu pai e a gente dividia tudo mesmo. Na limpeza ali do camarão, do peixe, do siri, no ajudar a carregar as coisas lá pra praia como eu te falei, depois trazia pra casa de novo, então a gente se dividia e todo mundo participava. Todo mundo participava das atividades. Bem bacana!

As palavras de Açucena apresentam como o trabalho é compartilhado dentro da família que sobrevive da pesca artesanal, assim seria fragmentado pensar na atividade

pesqueira, considerando apenas a atividade de captura, como única atividade produtiva necessária para o desenvolvimento e a reprodução da pesca. A pesca, enquanto atividade pesqueira não envolve apenas as atividades de captura do pescado, envolve também atividades de pré e pós-captura. (PASQUOTTO, 2005)

Diante disso, entendemos que o trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras além de ser reconhecido na pesca artesanal enquanto economia familiar é também percebido como trabalho compartilhado, em que não somente a mulher ajuda o homem no decorrer das atividades, mas sim, dentro do contexto ambos se ajudam, conforme o relato de Rosa:

É sempre um ajudando o outro, se vai pega uma caixa, um ajuda o outro, quando as rede lá se torce todinha, ela fica que nem uma corda, é eu e ele destorcendo as rede. Ou então colhe, assim, a Tainha, um pelo chumbo e outro pela cortiça colher e vira na embarcação. Em tudo, pra pega uma caixa de peixe entra os dois, é em tudo assim.

Dentro do ciclo da pesca artesanal, as atividades não são individualizadas e, sim, organizadas em grupo familiar, conforme expressa Açucena “*nós dividimos as tarefas da pesca*”. Neste sentido, percebemos que as atividades desenvolvidas por mulheres e homens na pesca artesanal são distintas, concomitantemente, são específicas e ambas importantes na produção da pesca artesanal. Semelhante relata Margarida:

“Eu acho que o meu trabalho é bem importante na pesca, assim, como o do meu marido, ele vai ao mar, eu não vou mais, mas já fui muitas vezes antes. Hoje, eu espero ele chegar e limpo o pescado que ele trouxer. Assim, nosso trabalho é diferente dentro da pesca, mas eu acho os dois importantes”.

Neste caso, entendemos a pesca artesanal enquanto regime de economia familiar, onde homens e mulheres trabalham juntos na manutenção de comunidades tradicionais. Como diz Margarida, o trabalho efetuado pelo homem pescador artesanal é diferente do trabalho da mulher pescadora artesanal, porém ambos são importantes. O que difere a valorização de um trabalho perante o outro é o olhar social construído historicamente a respeito da pesca artesanal. A respeito desta temática que discutiremos a seguir.

Os porquês da desvalorização da mulher pescadora artesanal: o que dizem Rosa, Margarida e Açucena

Diante das falas de Rosa, Margarida e Açucena quando se apresentam enquanto profissionais da pesca artesanal, a palavra valorização vem acompanhada da

desvalorização, ou seja, quando relatam sobre suas tarefas junto à pesca artesanal, as mulheres se reconhecem enquanto pescadoras artesanais, porém, quando falam sobre os olhares sociais construídos a respeito de sua profissão expressam que ocorre a desvalorização da profissão. Neste sentido, entendemos que as mulheres pescadoras artesanais consideram-se pescadoras artesanais e também seus trabalhos são reconhecidos dentro das comunidades tradicionais, porém, socialmente a desvalorização do trabalho das mulheres é existente.

Assim, a luta pela valorização do trabalho das mulheres pescadoras artesanais é percebida por Rosa, Margarida e Açucena como uma luta de valorização da categoria do pescador artesanal, uma vez que o trabalho da pesca artesanal venha ser um dos mais tradicionalmente efetuados, ao longo histórico sofreu e sofre com a desvalorização da categoria.

Os relatos das mulheres pescadoras artesanais, a respeito do ser pescadora artesanal, expressam sentimentos intensos, de trabalho árduo, de desvalorização econômica, mas também, relatam o quão se torna o trabalho com a pesca artesanal. Então, nada mais justo que ouvirmos o que Rosa, Margarida e Açucena Relatam sobre ser pescadora artesanal.

Reiteramos nosso questionamento “*Será mesmo, somente o homem o profissional da pesca artesanal*”? Se a resposta novamente for sim, intitulos ao homem como o único profissional da pesca artesanal e, conseqüentemente, desvalorizamos o trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras artesanais. É sobre a desvalorização da força de trabalho feminina que dialogaremos neste momento, posto que observamos que a desvalorização do trabalho das mulheres pescadoras dentro das comunidades tradicionais acontece, em vezes, pelo não deslocamento da caracterização social a respeito da atividade pesqueira artesanal compreendida somente como trabalho de captura do pescado, pela flexibilização do tempo de trabalho e também pela institucionalização da profissão.

A desvalorização do trabalho feminino frente às comunidades pesqueiras artesanais, historicamente é reafirmada quando associamos as atividades da pesca artesanal ligadas somente à ida ao mar e a captura do pescado, atividades geralmente efetuadas pelo homem pescador. Desse modo, deixa-se de lado o restante dos processos e os demais sujeitos que movem a cadeia produtiva pesqueira artesanal, dentre eles, as

atividades desenvolvidas, principalmente, pelas mulheres pescadoras. Conforme expressa Açucena:

O não reconhecimento da mulher pescadora existe sim, pelo motivo dela não ir pro mar. Parece assim, que tu não definiu tua profissão porque tu faz outras coisas, vai limpar a casa, de vez em quando limpa a casa de alguém, mas tem como atividade principal a pesca. (Açucena)

Em comunidades pesqueiras tradicionais, em especial, as mulheres, em famílias de pescadores artesanais, desempenham múltiplas tarefas para a manutenção dos modos de vida das famílias que sobrevivem da atividade pesqueira artesanal. Diante da fala de Açucena o não reconhecimento da mulher pescadora é existente, pois o trabalho por elas desenvolvido dentro da pesca artesanal não é diretamente ligado ao mar, mas, sim, é em terra firme, em atividades que envolvem a pós-captura. Para as mulheres pescadoras a não ida ao mar contribui para não serem reconhecidas socialmente como pescadoras.

Contudo, Rosa, Margarida e Açucena mulheres pescadoras artesanais se reconhecem enquanto profissionais da pesca artesanal, nomeiam seu trabalho como uma profissão e se apresentam enquanto pescadoras artesanais. Para elas, hoje, ter a documentação é comprovar a profissão: *“Hoje ser pescadora é uma profissão e não é mais como dizia antes “mulher de pescador”. Hoje ela tem matrícula, ela tem uma licença, ela não é pescadora só porque convive com um pescador” (Rosa).*

Porém, essas mulheres enfrentam processos de desvalorização sociais e institucionais dentro da pesca artesanal, o que reflete no não reconhecimento das mulheres enquanto profissionais atuantes na pesca artesanal. Ao reafirmarmos a questão da desvalorização da mulher pescadora artesanal, percebemos que está para além de sua valorização frente ao sistema produtivo da pesca tradicional, mas também, nos reportamos a espaços sociais, institucionais e culturais que reproduzem a depreciação da profissão pescadora. Conforme relata Açucena:

Um dia, quando eu fui ao banco retirar o seguro defeso, o caixa do banco, olhou para mim e desconfiado perguntou: “mas tu é mesmo pescadora?” Eu respondi que era sim. As pessoas que não conhecem o que é ser pescador artesanal acham que a gente não pode estar arrumada, tem que andar com roupas sujas, fedendo a peixe, com as mãos machucadas e com as unhas sujas. Isso é uma maneira de preconceito das pessoas diante de nós pescadores.

Açucena expressa em sua fala a desvalorização não somente da mulher pescadora artesanal, mas a representação construída historicamente da sociedade diante da categoria pescador artesanal. Neste sentido, compreendemos que a desvalorização

social diante da categoria reflete também na divisão social do trabalho que envolve a pesca artesanal.

Desta maneira, entendemos que as mulheres pescadoras tradicionais enfrentam a desvalorização social do trabalho por elas desenvolvido na pesca artesanal alicerçados nas relações da divisão social do trabalho. Segundo, Hirata e Kergoat (2007) a divisão social do trabalho decorre de relações sociais é existente entre os sexos, sendo um fator prioritário decorrente da relação social entre os sexos formulada historicamente e socialmente.

Compreendemos que a divisão social do trabalho na pesca artesanal é sustentada dentro de um sistema patriarcal, onde a sociedade e a cultura nomeiam ao homem o papel da produção, e a mulher, o de reprodução social nos papéis de dona de casa e de mães, desta maneira, considera o trabalho da mulher como reposição cotidiana, ideia esta naturalizada pelas próprias mulheres:

Mas é complicado né a mulher ir pro mar porque tem as crianças, a maioria dos casais tem filhos e daí vai deixar os filhos com quem também, então eu acho que é compreensível que a mulher fique em casa mesmo, claro, quem pode ir né, quem já criou os filhos. (Açucena)

Diante da fala de Açucena, entendemos que, no caso, por serem mulheres fica a elas a educação/criação dos filhos, a manutenção da casa, enfim papéis de reposição cotidiana destinada às mulheres. Também a repercussão da desvalorização das mulheres dentro da pesca tradicional refere-se às múltiplas identidades e possibilidades de ligação com a pesca artesanal. Tal fato, não as impede de serem reconhecidas e valorizadas profissionalmente enquanto pescadoras artesanais, conforme fala Margarida: “*Eu sou pescadora, dona de casa e estudante e ter outras tarefas não faz que eu não seja pescadora, eu trabalho na pesca*”.

Porém, as múltiplas tarefas desenvolvidas pelas mulheres pescadoras artesanais em sua maioria são em prol da manutenção das comunidades tradicionais de pesca, em vista disso, também percebemos que, socialmente, a mulher pescadora artesanal não é reconhecida enquanto profissional da pesca uma vez que divide seus trabalhos em meio a outras tarefas, ou seja, nas atividades domésticas e nas tarefas da pesca.

Geralmente as tarefas dentro da pesca artesanal são combinadas com outras atividades remuneradas, conforme fala Açucena:

Sempre vivemos da pesca e a mãe costurava também pra fora pra né ajudar na renda familiar né pra complementar ali da pesca que sempre foi muito pouco. A mãe costurou muitos anos pra fora daí a mãe então começou também a fazer faxina na cidade já pra ajudar também em casa né, mas ela

sempre trabalhava mesmo assim na pesca tudo pra aumentar ali a renda da pesca. (Açucena)

De acordo com o que Açucena diz, mesmo que a pesca seja a atividade principal de renda familiar, outros trabalhos temporários acabam servindo de complemento de renda econômica. Neste sentido, esses trabalhos são caracterizados como secundários, visto que, também entendemos que as atividades combinadas junto com as atividades oriundas da pesca artesanal não descaracterizam a profissão de ser pescadora artesanal.

Segundo Nogueira (2006, p. 28) “o trabalho feminino torna-se duplicado, tanto produtivo, como reprodutivo”, ou seja, neste caso, as mulheres pescadoras artesanais possuem o trabalho produtivo vinculado à pesca e os trabalhos reprodutivos junto ao lar, desta forma, duplicam suas jornadas de trabalho. Neste sentido, as mulheres assumem tarefas de reprodução social, que são naturalizadas e também tarefas de produção social, nas quais são desvalorizadas, porém necessárias para a complementação da renda em prol das famílias de pescadoras. (MANESCHY, 2000)

Percebemos, ainda, que a desvalorização social do trabalho das mulheres pescadoras reflete nas políticas públicas voltadas à pesca artesanal, no que tange às especificidades dos papéis das mulheres, segundo Margarida “*enquanto as pessoas não perceber que o homem pescador precisa da mulher pescadora e a mulher precisa do homem pra trabalhar sem a documentação que comprove, o nosso trabalho é desvalorizado*”.

Na fala de Margarida, observamos que tanto o trabalho do homem pescador, quanto o da mulher pescadora são desvalorizados se não houver a documentação necessária para comprová-los. Desta maneira, entendemos que sem a documentação necessária que valide os trabalhos desenvolvidos tanto pela mulher como pelo homem pescador dentro da pesca artesanal o acesso a créditos é dificultado, assim como fica inviável recorrer aos direitos previdenciários e trabalhistas (em especial ao seguro-defeso).

Assim, Açucena argumenta: “*Antes não tinha como provar ai eu era “mulher de pescador”, ai eu usava os documentos de meu marido que era pescador*”. Logo, compreendemos que, atualmente, ter acesso à documentação, que até os anos 90 era somente direito do homem pescador, é um dos primeiros passos para serem

reconhecidas e valorizadas. Para elas, ter a documentação em dia é comprovar sua profissão de pescadora, assim, relata Açucena:

Hoje a mulher é reconhecida como pescadora e não como mulher de pescador, porque hoje a gente tem como comprovar com toda a documentação de pesca, basta que a gente vai preencher qualquer cadastro, qualquer ficha, eles te perguntam a profissão, tu diz e prova que é pescadora.

Por volta dos anos 90 começam a surgir políticas públicas voltadas para a pesca artesanal. Uma delas é o estabelecimento de período de defeso pelas legislações ambientais e do seguro-desemprego ou “seguro-defeso” pelo Governo Federal. Além disso, são implementadas linhas de financiamentos através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF e do estado do Rio Grande de Sul do RS Rural, esse em nível estadual. Essas mudanças influenciaram de forma direta não só “os pescadores”, mas todo agrego familiar que depende da atividade.

A desvalorização da força de trabalho feminina, a qual gera em vezes a desvalorização do trabalho da mulher pescadora, é justificada por Maneschy (2000, p. 42) que denomina como sendo “a herança histórica da legislação social pré-Constituição de 1988”. Ou seja, a influência da cultura predominantemente patriarcal sobre a divisão sexual do trabalho no meio rural, sendo que “a trabalhadora rural, incluindo a pescadora, era definida como dependente do cônjuge, a quem cabia o pleno gozo dos direitos sociais e previdenciários”.

Compreendemos, deste modo, que as políticas públicas voltadas à atividade pesqueira geram tensões quando se referem à valorização da mulher enquanto profissional da pesca artesanal, uma vez que, seu trabalho vem a ser executado, por vezes, no contexto da informalidade, pois são poucas as mulheres que validam a profissão. Porém, Rosa, Margarida e Açucena relataram que comprovar o seu trabalho por meio da documentação exigida vem a ser a maneira de sair do contexto da informalidade, sendo assim, ressaltam a importância da documentação quando se trata da luta pela valorização de seu trabalho dentro da pesca artesanal:

Os documentos são importantes né, veio a dá uma ajuda e é importante a mulher ter saído de casa, ao menos ela não tá escondida, tá se mostrando que ela é pescadora e tem direitos e voz que nem o pescador, porque afinal de contas ela trabalha na pesca, com o pescador e tá ajudando na sustentação do país. (Rosa)

Para a comprovação da profissão de pescador artesanal, no Brasil, são exigidos documentos necessários para o exercício da profissão. Dentre eles, os principais

documentos requeridos são: a Carteira de Pescador Artesanal, a Licença Ambiental de Pesca, Matrícula de Pesca e o Talão de Produtor. No Quadro 5, buscamos esboçar os órgãos responsáveis pela organização da documentação e qual a especificidade de cada documento.

Neste contexto, a maioria das mulheres, possui apenas o Registro Geral de Pesca e o Talão de Produtor, sendo que os outros documentos exigidos para o trabalho embarcado, normalmente, as mulheres não possuem, pois, a maioria não participa da atividade em alto mar. Desta maneira, as mulheres, enfrentam maior vulnerabilidade em relação aos seus direitos de propriedade dentro da pesca artesanal.

Quadro 5: Documentação exigida para o exercício da Pesca Artesanal

Nome do Documento	Órgão responsável	Especificidade
Carteira de Pescador Artesanal (Registro Geral de Pesca – RGP).	Ministério da Pesca e Aquicultura.	Documento para o exercício da pesca artesanal.
Licença Ambiental de Pesca.	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – (IBAMA)	Documento renovado anualmente como permissão para os pescadores artesanais pescarem no estuário da Lagoa dos Patos é obtido. Este documento foi adotado pelo IBAMA como instrumento para limitar o acesso aos recursos disponibilizados aos pescadores artesanais da região e também é considerado como maneira de impedir o acesso de pescadores de outras áreas, limitando a capacidade de pesca no estuário.
Matrícula de Pesca	Capitania dos Portos - Marinha do Brasil.	Documento exigido para qualquer pescador profissional que trabalhe embarcado em águas nacionais. Quaisquer que sejam os proprietários de embarcações precisam de um registro adicional emitido para embarcações.
Talão de Produtor	Secretaria da Fazenda	Documento necessário para o pagamento de impostos que deve ser usado em qualquer transação comercial e que também serve como comprovante de renda é emitido pelo estado do Rio Grande do Sul.

Conforme consta no Art. 7º no 1º inciso da instrução normativa conjunta Nº 3 construída entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP), de 09 de fevereiro de 2004 (p.3): “A *Licença Ambiental de Pesca é individual e intransferível* e será emitida conforme modelo contido no

Anexo I desta Instrução Normativa, com validade anual”. Desta forma, a legislação ao assegurar que a Licença Ambiental de Pesca é individual e intransferível, as mulheres, nos casos de serem solteiras, viúvas e mães solteiras, por não possuírem a documentação, ficam desamparadas legalmente, pois necessitam do homem pescador para serem reconhecidas enquanto trabalhadoras da pesca artesanal. A questão da dependência do homem pescador é colocada por Açucena:

Eu vou ser totalmente independente no momento em que eu tiver a minha embarcação registrada no meu nome, a minha parelha de pesca registrada no meu nome, a minha andana de pesca registrada no meu nome, aí sim vou ser totalmente independente. Hoje, eu não dependo mais dele, quer dizer em partes né, porque eu ainda preciso porque no caso ele tem uma parelha registrada né, a embarcação, as redes eu sou embarcada na parelha dele. De certa forma, eu ainda dependo dele sim.

Desta forma, percebemos que, mesmo as mulheres possuindo alguns dos documentos exigidos para a valorização do trabalho desenvolvido dentro da pesca artesanal, elas, muitas vezes, por não possuírem a Licença de Pesca registrada em seu nome, ficam a margem da legislação, assim, acabam sendo dependentes do pescador, aquele possui a Licença de Pesca registrada.

Ao encontro das palavras de Açucena, destacamos que as políticas públicas direcionadas ao setor pesqueiro artesanal centram-se na captura da matéria-prima, ou seja, na captura do pescado, desta maneira, acabam por hegemonizar o homem enquanto pescador, uma vez que, há pouca participação da pescadora nesta etapa do sistema produtivo da pesca tradicional (MANESCHY; ÁLVARES, 2010; HELEBRANDT, 2012; AZEVEDO, 2012).

Um dos argumentos defendidos pelo IBAMA para ter o direito de retirar a Licença de Pesca é, na linguagem das pescadoras, “trabalhar sempre embarcada no mar”, porém, no cotidiano da pesca artesanal torna-se inviável sempre estar embarcado, conforme relata Rosa: “*Nem o próprio pescador vai 100% ao mar, no máximo 70% no mês, né. Um dia é vento, um dia pra cidade, um dia vai pra um lado, outro dia vai pra outro lugar, ele não vai 100%, o pescador vai ao mar, mas não 100%*”. E completa questionando: “*Se pra tê a Licença tem que sempre tá no mar, então nós, a gente de família de pescador tinha que ter uma casa dentro do mar e não em terra firme, não é?*”.

Compreendemos diante das palavras de Rosa que ser pescadora não é somente participar de atividades em alto mar e, sim, trabalhar na pesca artesanal de modo geral, seja embarcada ou em terra firme, limpando o pescado ou realizando outros afazeres.

Contudo, percebemos que, historicamente, o que caracteriza a atividade da pesca artesanal é estar em alto mar, participando da captura do pescado, em vista disso, “compreende-se” o argumento construído pelo IBAMA para a retirada da Licença de Pesca.

Assim, Rosa relata o quanto é incoerente o modo como são construídos os dispositivos legais quando o assunto é o reconhecimento de ser pescador ou pescadora, o que valida à profissão é a ida ao mar, também é este o argumento construído para a retirada do documento de Licença de Pesca junto ao IBAMA:

Quando eu fui fazer minha licença lá no IBAMA, eles me entrevistaram né, e perguntaram : “Rosa tu disse que vai ao mar todos os dias?”. Ai eu respondi “se eu te dizer que vou ao mar todos os dias, to te mentindo, mas se eu te dizer que nunca vou também vo ta te mentindo. Porque o IBAMA pode chega no mar e aborda e eu tá sem a licença e nesse dia ele também chega no mar e eu vo tá em casa, mas ai é com vocês. Porque se eu tive no mar com meu esposo, sem a licença, se vocês chega lá, como é que fica?”. Então, eu sempre digo que tudo é variável né, nunca digo que vou e que não vou ao mar, porque tem vezes que vo e outras não né.

Percebemos que, assim como para Rosa estar registrada legalmente para participar de atividades embarcadas é importante, para as demais mulheres também vem a ser. Contudo, o relato de Rosa mostra a dificuldade encontrada para argumentar que, as mulheres pescadoras, nem sempre participam das atividades em alto mar (embarcadas). No entanto, esta questão não descaracteriza as mulheres como trabalhadoras da pesca artesanal, pois as mesmas executam outros trabalhos dentro do ciclo da cadeia produtiva da pesca tradicional. Neste sentido, para Rosa, Açucena e Margarida ser pescadora artesanal é sobreviver da pesca tradicional, independente de outros afazeres por elas desenvolvidos.

Para continuar o diálogo...

Diante do diálogo construído acerca da desvalorização social do trabalho das mulheres pescadoras tecemos argumentos para reconhecer e valorizar os trabalhos por elas desenvolvidos dentro da economia pesqueira artesanal. Sendo assim, nada mais justo do que ouvir o que as próprias mulheres apresentam como argumentos que consideram importantes para serem resignificados quando falamos acerca dos profissionais da pesca.

Para as mulheres pescadoras artesanais falar em reconhecimento e valorização do trabalho em comunidades tradicionais é entrelaçar suas histórias de vidas, suas origens:

Sou filha de pescador eu costumo dizer, mulher de pescador. Parece assim que é uma coisa que foi passando, filha de pescador depois casei com pescador, parece uma coisa que vai tendo continuidade assim (Açucena)

A pesca ta na minha vida desde antes de eu nasce, porque o pai já era pescador. Meu avô era aposentado pela pesca. (Rosa)

Neste sentido, para as mulheres, ser pescadora, é viver da pesca artesanal e estar envolvida nos diversos afazeres oriundos da pesca, como também, é olhar para a sua história de vida e perceber que a pesca artesanal sempre esteve presente.

Assim, compreendemos que a desvalorização social da força de trabalho das mulheres pescadoras existe sim, porém, o autorreconhecimento das mesmas enquanto profissionais da pesca também é encontrado, “*Eu sinto orgulho de ser pescadora*” diz Rosa.

Quando se apresentam enquanto pescadoras trazem a importância de seu trabalho, defendem a categoria pescador artesanal, diante disso, dialogam sobre a mulher dentro da pesca artesanal e assumem a luta política de reconhecimento. Ao mesmo tempo, falam em reconhecimento e trazem a família em defesa da profissão pescadora artesanal:

Nossa, tu sabe que eu adorei a conversa hoje, to adorando assim porque não pensei que ia ser tão bom, falar sobre essas coisas, reviver o passado, porque eu acho que é minha origem né, eu nasci numa família de pescadores, o pai do meu pai era pescador, o pai da minha mãe era pescador, então acho que mexeu lá na minha origem.

No entanto, conforme o já exposto compreendemos que as mulheres não são consideradas socialmente pescadoras por não atuarem em atividades de captura, ou seja, não trabalharem diretamente em alto mar, sendo assim, não se enquadram no discurso construído socialmente e institucionalmente para a pesca, o qual é voltado para as atividades de captura.

Neste sentido, a pesca é entendida enquanto atividade principal de captura e que historicamente foi considerada de domínio masculino, atribuída ao homem pescador por estar ligada ao espaço do mar, do trabalho embarcado e distante de casa. Contudo, as atividades destinadas às mulheres pescadoras artesanais, são cuidar da casa e da educação dos filhos, enfim estar envolvidas com afazeres em terra firme, como o processamento e o armazenamento do pescado.

Entendemos que as mulheres são pescadoras artesanais, mesmo, muitas vezes, não atuando em atividades em alto mar. Para elas ser pescadora é para além de participar da captura, mas também participar ativamente das atividades da pesca é lutar em prol da categoria por melhores condições de trabalho, por maior valorização da matéria-prima, enfim é participar lado a lado da luta por reconhecimento da categoria como um todo, não fragmentando a luta. Com estas palavras queremos dizer que, a categoria “pescador artesanal ou pescadora artesanal” sente-se enfraquecida, uma vez que, sobreviver da pesca artesanal é difícil em meio à crise socioambiental.

Para as mulheres pescadoras artesanais, ser pescadora artesanal é ter múltiplos afazeres divididos entre a pesca e o lar. Logo, reconhecer as mulheres enquanto pescadoras artesanais é compreender a pesca artesanal como regime de economia familiar, é não hegemonizar a atividade somente enquanto captura, é ampliar as compreensões sobre os profissionais e os ciclos que envolvem a cadeia produtiva da pesca artesanal.

Do mesmo modo, para as mulheres pescadoras é importante serem reconhecidas, porém, não justificam o reconhecimento da sua força de trabalho empregada na pesca artesanal comparando-a com a força de trabalho do homem pescador. As mulheres pescadoras reconhecem que são trabalhos distintos, no entanto, ambos complementares e dependentes um do outro. Sendo assim, tanto a força de trabalho das mulheres como a dos homens é importante para a produção pesqueira artesanal.

Por fim, cabe ressaltar que as mulheres falam sobre o reconhecimento do seu trabalho no que tange um maior prestígio para a categoria, uma vez que, o contexto social emergente é o da luta de classes, as mulheres apresentam seu trabalho enquanto luta política de reconhecimento em prol da categoria. Todavia, são pescadoras, são mulheres, são seres humanos agentes de transformação.



VI CAPÍTULO – Considerações Finais

Ao chegar ao último capítulo que compõe esta dissertação, é chegada a hora de pensar sobre os caminhos percorridos, sobre as aprendizagens construídas, revisitando os espaços por onde transitei e transito, e que me constituíram e me constituem enquanto pesquisadora e educadora, o encontro com a questão de pesquisa e as interações com as pessoas que contribuíram para a realização deste estudo.

Ao pensar nos caminhos percorridos, não consigo alinhavá-los como conclusões para o estudo, pois muito antes de serem conclusões foram aprendizagens construídas. Assim, é pensando nas aprendizagens construídas que me encaminho para esta escrita final.

Com isso quero dizer que, chegar à escrita das considerações finais deste estudo não significa dizer que ele está concluído; pelo contrário, ao olhar para os dois anos de pesquisa e os caminhos percorridos que compuseram este trabalho, percebo que uma nova caminhada se anuncia, uma nova jornada enquanto pesquisadora está para começar. Também, compreendo hoje, que os processos investigativos não são solitários, acontecem de forma coletiva, na medida em que me encontro compartilhando vivências com o outro em diferentes contextos, como diz Brandão (2003) isso é viver à pesquisa.

Os encontros com o viver à pesquisa reafirmam a certeza do desejo de continuar ampliando meus saberes docentes, aprendendo a ser educadora e pesquisadora no campo da Educação, pois acredito que a educação não é o único caminho, mas é um dos caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Segundo Freire (1996, p. 91) “o processo educativo como um ato de conhecimento e ato político que tende à transformação do ser humano enquanto classe social, e de seu mundo”.

Também escrevo, sobre os caminhos andados que me possibilitaram chegar até as participantes desta pesquisa, os quais foram repletos de intensos desafios, pois fui conversando com as pessoas, que antes pareciam tão distantes e aos poucos ouvindo suas histórias fui conhecendo o código cultural próprio que cada uma carrega consigo. Hoje ao olhar para as vivências sinto as participantes da pesquisa tão próximas, pelo fato de “estarem” ao meu lado a cada reflexão escrita e pela acolhida construída. Neste sentido, interio que a pesquisa foi construída a várias mãos. (BRANDÃO, 2003)

Os encontros individuais com as três mulheres pescadoras participantes da pesquisa foram organizados em forma de entrevistas semiestruturadas, tais questões apenas nortearam nossos encontros e não limitaram as falas de Rosa, Margarida e

Açucena. Assim, os momentos ao lado delas, oportunizaram que eu conhecesse suas histórias de vida junto à pesca artesanal, suas histórias escolares, enfim, despertaram em mim a escuta sensível diante dessas mulheres, aprendendo com as elas no movimento de relembrar as vivências aproximando-as das palavras ditas.

Foi em meio aos diálogos constantes com as mulheres pescadoras artesanais que aos poucos pude compreender o que elas pensam e dizem sobre suas experiências escolares, buscando em cada olhar, em cada palavra, identificar os processos formadores que se entrelaçam em suas histórias escolares, os sentimentos que perpassam a volta à escola e a apresentação do que é ser pescadora artesanal.

Na medida em que revisitei a produção dos dados, (re)leituras se fizeram presente, acompanhadas pelo encontro com referenciais teóricos que corroboraram com as falas das mulheres pescadoras artesanais, encontrando três categorias finais que emergiram: A escola do hoje e a escola do ontem: As experiências escolares das mulheres pescadoras artesanais; À volta à escola para mulheres pescadoras artesanais: Construção de sentimentos de emancipação; O que dizem as mulheres pescadoras artesanais sobre a profissão.

Nesta última categoria, as participantes da pesquisa se apresentam enquanto profissionais da pesca intitulando-se pescadoras artesanais não somente por serem mulheres que trabalham dentro da pesca tradicional, mas principalmente, por compartilhar seus trabalhos junto das famílias que sobrevivem da pesca artesanal. Sendo assim, expressam não somente a desvalorização social do seu trabalho, mas também buscam pela valorização social do trabalhador da pesca artesanal.

Revisitando o que dizem sobre ser pescadora, mesmo, muitas vezes, não atuando em atividades em alto mar, para elas, ser pescadora é para além de participar da captura, mas também participar ativamente das atividades da pesca; ser pescadora é lutar em prol da categoria por melhores condições de trabalho, por maior valorização da matéria-prima, enfim é participar lado a lado da luta por reconhecimento da categoria como um todo, não fragmentando a luta. Ao falarem a respeito da desvalorização, referem-se à categoria “pescador artesanal ou pescadora artesanal” uma vez que, sobreviver da pesca artesanal é difícil em meio à crise socioambiental.

Diante dos diálogos com as participantes da pesquisa percebi que elas se reconhecem enquanto profissionais da pesca artesanal, não comparando seus afazeres com os dos homens pescadores, pois entendem que são trabalhos distintos, importantes

e dependentes um do outro. Conforme os relatos de Rosa, Margarida e Açucena há uma desvalorização construída socialmente a respeito da profissão pescadora artesanal, pois diante das comunidades pesqueiras tradicionais, das famílias e dos homens pescadores, a mulher é reconhecida e valorizada enquanto pescadora artesanal.

Na medida em que, as mulheres pescadoras artesanais, expressavam o quanto foi importante para elas à volta à escola, em seus discursos muitas vezes, aparecia às palavras: “oportunidade, realização de um sonho e aprender mais”. Neste sentido, a volta a escola, por meio do Projeto educacional “Educação para Pescadores”, lhes despertou outras possibilidades de leituras de mundo, ou seja, a partir da realidade a qual estão inseridas hoje, Rosa, Margarida e Açucena reconstroem outras possibilidades de superação da condição historicamente imposta a elas.

Percebi, em meio aos nossos diálogos, que voltar a escola para elas, também foi processo de construção de autonomia e emancipação. Hoje, com seus processos de escolarização “concluídos” reconhecem a escola enquanto espaço de ensino-aprendizagem voltado para a (re)construção de saberes para vida. Assim, à volta a escola na vida dessas mulheres, também foi assumida enquanto espaço de luta, pois na medida em que os conhecimentos foram construídos, ampliaram-se as decodificações de mundo, ou seja, Rosa, Margarida e Açucena ao sentirem-se agentes de seus contínuos processos de ensino-aprendizagem, afloram também sua conscientização e crítica sobre a realidade vigente, redescobrimo nestas transformações a busca e o encontro com o “ser mais”. (FREIRE, 1987)

Quando o assunto foi sobre a escola vivenciada no passado, outras compreensões foram ditas pelas participantes da pesquisa. Entendi em meio aos discursos sobre as vivências escolares que o tom da conversa dividia-se em momentos distintos, uma escola vivenciada pelas mulheres no tempo de infância, na década de 70 e outra escola experienciada na vida adulta, no ano de 2010, neste sentido, a escola do passado é marcada por Rosa, Açucena e Margarida pelo sentimento de obrigação em aprender. Mesmo sendo distintas as escolas vivenciadas ao longo de suas vidas, ambas as escolas, compuseram os processos de escolarização das mulheres, pois os processos formativos são históricos em meio aos entretempos que os constituem.

No decorrer dos caminhos percorridos, busquei por compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais e compreendi que para as mulheres voltar à escola foi um dos meios de

sentirem-se novamente precursoras e transformadoras de suas histórias. A escola também foi para elas, espaço que oportunizou a união entre pescadores e pescadoras artesanais para buscarem por seus direitos junto aos órgãos públicos e lutarem em prol da categoria. Neste sentido, ter acesso à educação escolar proporcionou a afirmação de saberes para além dos muros da escola, quer dizer, os conhecimentos construídos na escola foram “combustíveis” para a reconstrução de outros saberes que integram outros contextos nos quais as mulheres pescadoras artesanais transitam.

No decorrer da pesquisa anúncios se fizeram presentes, diante da busca por materiais que possibilitassem um maior aprofundamento do cenário atual da pesca artesanal no município de Rio Grande - RS encontrei dados gerais sobre a prática da pesca tradicional, porém não consegui, junto às instâncias sociais responsabilizadas pela atividade no município, dados específicos a respeito de cada comunidade praticante da atividade pesqueira artesanal. Seria interessante construir um mapeamento detalhado das comunidades pesqueiras tradicionais que levasse em consideração dados estatísticos sobre o número de pescadores e pescadoras que trabalham na atividade, bem como, de outras temáticas que se fazem presente no cotidiano das famílias que sobrevivem da pesca tradicional na cidade do Rio Grande - RS.

Também chamo a atenção para o baixo número de pesquisas realizadas com as mulheres pescadoras artesanais junto às comunidades tradicionais de pesca artesanal da cidade do Rio Grande - RS. Ao longo dos caminhos percorridos, percebi o grande número de pesquisas científicas que abordam a pesca artesanal no município, porém esses estudos investigam as práticas de capturas; as espécies de pescados, enfim, buscam compreender o trabalho geralmente efetuado pelo homem pescador. Desta forma, as pesquisas desenvolvidas reafirmam o imaginário social construído a respeito da profissão de pescador artesanal sendo somente aquele em contato direto com as águas do mar e acabam desvalorizando os outros processos que envolvem a cadeia produtiva da pesca artesanal dentro dos quais se encontra o trabalho desenvolvido pelas mulheres pescadoras artesanais.

Ainda os processos de pesquisa percorridos apontam que se faz necessária uma política educacional permanente voltada para a Educação de Jovens e Adultos, apostando na formação inicial e continuada dos professores, para que se oportunizem espaços de diálogos coletivos com aqueles que da Educação de Jovens e Adultos fazem parte, valorizando os diferentes saberes dos sujeitos envolvidos.

Prática esta valorizada no Projeto “Educação para Pescadores”, espaço que possibilitou a volta à escola para as mulheres pescadoras artesanais da Ilha dos Marinheiros, porém trata-se de um projeto pontual, ofertado a uma comunidade específica, sendo projeto não é garantia de continuidade e nem de permanência.

Ainda assim, penso que a Educação de Jovens e Adultos deva se constituir com a comunidade a partir dos princípios da Educação Humanizadora, buscando espaços de discussões em que tenha abertura para a escuta de quem da EJA faz parte, para que compreendam que a responsabilidade pelo acesso a Educação é social, e que um primeiro passo seria a construção de políticas públicas de educação esta modalidade de educação.

Assim, ouvir o que pensam o que dizem as mulheres pescadoras artesanais moradoras da Ilha dos Marinheiros foi movimento intenso repleto de sentidos distintos, os quais mantiveram a escrita desta dissertação viva, para além da academia científica.

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** : Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Os sentidos do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 1999.
- _____. (org.). **A dialética do trabalho:** escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ARROYO, M. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** Alfabetização e Cidadania. In: Revista de Educação de Jovens e Adultos. RAAB, São Paulo, n.11, p. 9-20, abr. 2001.
- BAKTHIN, M.: **Um esboço sobre a alteridade pelo viés da autocontemplação** - Igor José Siquieri Savenhago VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.13, n. 1, p. 7-23, jan./abr. 2011.
- BARRETO, S. N. **O processo de alfabetização no MOVA-RS: narrativas e significados na vida de mulheres.** Rio Grande, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.
- BENJAMIN, W. (1993) **Magia e Técnica, Arte e Política:** Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos:** a experiência da partilha através da pesquisa na educação\ Carlos Rodrigues Brandão - São Paulo: Cortez, 2003 (série saber com o Outro Vol. 1).
- _____. (Org.). **De Angicos a Ausentes:** quarenta anos de Educação Popular. Porto Alegre: CORAG, 2001.
- Brasil. **Lei 11.959 de 29 de junho de 2009.** Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, 2009. Disponível em: http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato_2007-2010/Lei/L_11.959.htm. Acessado em: 29/09/2013.
- BLOCH, E. **O princípio esperança.** Tradução, Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- COUGO, Alexandre & DIAS, Cleuza. **Narrativas de Jovens educandos da EJA: histórias de uma escola de múltiplos sentidos.** In.: Cadernos Pedagógicos. Especificidades da Educação de Jovens e Adultos: pensando fundamentos, história, narrativas e práticas pedagógicas. Volume 10. Rio Grande. FURG, 2013.
- CUNHA, L. H. O. **Tempo natural e tempo mercantil na pesca artesanal.** In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). A imagem das águas. São Paulo: Hucitec, USP, 2000. P. 101-110.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Documento adotado e proclamado pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Acessado em 19 de dezembro de 2013. http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm

DIEGUES, A. C. **Ecologia humana e planejamento costeiro**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em áreas úmidas Brasileiras, USP, 2001.

_____ **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NAUPAUB, Universidade de São Paulo, 1994.

_____ **Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua Sobrevivência**, Instituto Oceanográfico. Cidade Universitária. São Paulo, 1988.

_____ **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

BEHREND, D. M; BARRETO, S.N.; COUGO, A.C [et al.] **Especificidades da Educação de Jovens e Adultos: pensando fundamentos, histórias, narrativas e práticas pedagógicas**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

FAO. **The State of World Fisheries and Aquaculture**. Rome. FAO, 2010.

FERRARO, A. R. **História da Alfabetização no Brasil**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2003.

FILARDI, A. C. L. **Proposta de zoneamento ecológico-econômico da Ilha dos Marinheiros (Estuário da Lagoa dos Patos, RS) – subsídios ao gerenciamento costeiro**. Monografia de conclusão de curso. Rio Grande: FURG, 2003. 167 p. (Monografia)

FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A. (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

_____ 1921 – **Por uma pedagogia da pergunta** \ Paulo Freire, Antonio Faundez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____ **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, R. L. **Para quem investigamos – para quem escrevemos: reflexões sobre responsabilidade social do pesquisador**. In: MOREIRA, A. F.; SOARES, M. São Paulo: Cortez, 2001. P.11-36.

GARCEZ, D. S.; SÁNCHEZ-BOTERO, J. I. **Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil** (2005). In: Diagnóstico das comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul - 35 p., ilus., SAA-RS/IICA - Porto Alegre/RS. 2001.

GARCEZ, Danielle Sequeira; SANCHEZ-BOTERO, Jorge Ivan. **Comunidades de pescadores artesanais no Rio Grande do Sul, Brasil**. Atlântica, Rio Grande. v.1, n. 27, p.17- 29; 2005.

GEO BRASIL. 2002. **Perspectivas do Meio Ambiente no Brasil**. In: Santos, T. C. C. & Câmara, J. B. D. (orgs.). Brasília: Edições IBAMA, 440 p.

GOES, L. O. **Os usos da nomeação mulher pescadora no cotidiano de homens e mulheres que atuam na pesca artesanal – Recife**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho. **Alteridade e Relações: uma perspectiva crítica**. Livro: Representando a alteridade\ Angela Arruda (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 2ª edição, Petrópolis 2002.

GUERRERO, M. E. **Sonhos e utopias: ler Freire a partir da prática**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

GUIMARÃES, M. B. **Saberes consentidos conhecimentos negados: O acesso à instrução feminina no início do século XIX em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. 2002.

HADDAD, S. **Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos trabalhadores**. Em Aberto. INEP: Brasília, 1992.

_____ (org.) **O Estado da arte das Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. A produção discente da pós-graduação em educação no período de 1986-1998. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

_____ **A ação de governos locais na educação de jovens e adultos**. Ação Educativa 2007. São Paulo- Revista Brasileira de Educação v. 12 n.35 maio\ago. 2007

HIRATA, H. [et al.] (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa; apresentação de Marcos Nobre. – São Paulo: Ed. 34, 2003.

KALIKOSKI, Daniela Goswig; VASCONCELLOS, Marcelo Cunha. **Case study of the technical, sócio-economic and environmental cotidions of small-scale fisheries in the estuary of Patos Lagoon, Brazil: a methodology for assesment, FAO**. Fisheries and Aquaculture Circular. No. 1075. FAO, Rome, 2012.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394\96. Ministério da Educação.

MAFESSOLI, M. **O tribalismo**. In: _____. O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010. p. 126-164.

MANESCHY, M. C. 2000. **Da casa ao mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável**. Proposta , 84-85: 82-91

MANESCHY, M. C.; ESCALLIER, C. **Parceiras de terra: o trabalho das mulheres na pesca em Vigia, litoral do Pará**. In: FURTADO, L.; QUARESMA, H. (Org.). Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002. v. 1. p. 55-89.

MPA. **Resolução da 3ª Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca** (Consolidação de uma política de Estado para o desenvolvimento sustentável da Aquicultura e Pesca). Brasília: Ministério da Pesca e Aquicultura, 2009. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/#publicidade/publicações> Acessado em: 04/09/2013.

MARX, K. **Processo de Trabalho e Processo de Valorização**. O Capital – Crítica a Economia Política, vol. 1, livro primeiro, pp. 149-163. Editora Abril, 1983. In: ANTUNES, R. - A Dialética do Trabalho\Ricardo Antunes –São Paulo : Expressão Popular , 2004 (p.35 à 69).

_____ 1818-1883. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MELLO, M. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ísis; Diálogo – Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**. IN: Revista Ciência e Educação. V. 12, n.1, p.117-128, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MORAES, R. **Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. IN: GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. (org.). Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005. P. 85-114.

_____ **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. IN: Revista Ciências e Educação, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

MORISSON, A.L.A. **A Ilha dos três Antônio**s. Edição Jornal Soberania do Povo – Águeda, 2003.

MOTTA-MAUÉS. Maria Angélica. **Pesca de Homem / peixe de mulher (?): representando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil**. Etnografia, vol. III, n.2, 1999, p. 377 – 399.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado: a divisão social no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras de telemarketing** / Claudia Mazzei Nogueira. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 240 p.: Il. – (Coleção Trabalho e Emancipação)

OLIVEIRA, C. T. **Pescadores de sonhos e esperanças: experiências em Educação Ambiental com trabalhadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel, Rio Grande – RS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

Narrativas e imagens sobre as águas: Educação Ambiental, memória e imaginário da pesca artesanal- um encontro com contadores de histórias. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

PAIVA, MP. 1997. **Recursos pesqueiros estuarinos e marinhos do Brasil.** Fortaleza: EUFC, 278p.

PASQUOTTO, V. F. **Pesca Artesanal no Rio Grande do Sul:** os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social. 2005. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)- Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Projeto Político Pedagógico do Projeto Educação para Pecadores, 2012.

Relatório Final da Pesquisa “DIÁLOGOS EM REDE: os sentidos e significados da alfabetização e dos processos de escolarização para educadores e para jovens e adultos integrantes de ações de EJA, nos Municípios do Rio Grande, de São José do Norte, Mostardas, Santa Vitória do Palmar”. FAPERGS 2008/2010.

RIBEIRO, V. M. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico.** Educação e Sociedade, Número Especial 68, Campinas, SP, Dez. 1999.

ROSEMBERG, F. **A educação de mulheres jovens e adultas no Brasil.** Mulher brasileira é assim. (org.). Heleieth Saffioti e Mônica Muñoz – Vargas, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

RUMMERT, S. **A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI:** o “novo” que reitera antiga destituição de direitos. Revista de Ciências da Educação. n.2, jan/abr.2007.

Educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil atual: do simulacro à emancipação. Perspectiva. Florianópolis, v. 26, n.1, p. 175-208, jan./jun. 2008.

SAVENHAGO, V. C. **Bakhtin e o espelho: Um esboço sobre a alteridade pelo viés da autocontemplação.** Rio de Janeiro, v.13, n. 1, p. 7-23, jan./abr. 2011

Situação das Mulheres Pescadoras no Brasil. Documento elaborado a partir do II Encontro Nacional das Pescadoras, realizado pela Articulação Nacional de Pescadoras de 04 a 08 de maio de 2010, Fortim-Ceará-Brasil. Coordenação: RODRIGUES, M.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença:** e se o outro não estivesse aí? [tradução, Giane Lessa]. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, L. **As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos.** In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras; Ação Educativa, 2001.

SOUZA, E.C. de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2005.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALLA, V. V. **A crise de interpretação é nossa**: procurando compreender a fala das classes subalternas. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS.V.1n.1 Jul\Dez, 1996. p .177-190.

VERÁS, R. **Notas sobre educação participativa em um contexto de mudança social**. In. GARCIA, Regina Leite. (org.). Aprendendo com os movimentos sociais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 45-64.

WOORTMANN, Ellen F. **Da complementariedade a dependência: a mulher e o ambiente e comunidades pesqueiras do Nordeste**. (Série Antropologia). Brasília – Brasil, 1991.

Apêndice A



Ministério da Educação
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Superintendência de Pós Graduação
Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEDU
Mestrado em Educação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **“ENTRE O MAR A ESCOLA: OS PROCESSOS FORMADORES QUE SE ENTRELAÇAM NAS HISTÓRIAS ESCOLARES DAS MULHERES PESCADORAS ARTESANAIS DA ILHA DOS MARINHEIROS - RS”**.

No estudo pretendemos compreender quais são os processos formadores que se entrelaçam nas histórias escolares das mulheres pescadoras artesanais, participantes do Projeto “Educação para Pescadores”. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o maior número de mulheres que frequentam o Projeto “Educação para Pescadores” e a desvalorização da força de trabalho da mulher pescadora artesanal frente à economia pesqueira artesanal.

O estudo dar-se-á em: três encontros individuais, objetivados em: 1º) compreender os sentidos do retorno à escola; 2º) compreender as experiências escolares; 3º) o auto-reconhecimento de “ser - pescadora”. Para os encontros utilizaremos entrevistas semiestruturadas, estas serão gravadas, transcritas e devolvidas para cada participante da pesquisa. Será organizado um encontro coletivo, com as mulheres pescadoras, que também será gravado, transcrito e devolvido para as participantes da pesquisa, com o intuito de socialização dos dados produzidos no decorrer dos encontros individuais.

Sendo assim, informamos que a participação no estudo não terá nenhum custo, logo o estudo será esclarecido a você, em qualquer aspecto que desejar, assim, você estará livre para participar, ou não, da investigação proposta. Neste sentido, você poderá retirar seu consentimento, ou interromper a participação a qualquer momento. Tendo em

vista, que a sua participação é voluntária não acarretará qualquer penalidade ou modificação quando informada para a pesquisadora.

Reforçamos a informação que sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, não sendo identificada em nenhuma publicação que possa resultar o estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição sempre que forem desejados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 20____.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Endereço: Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande, Campus Carreiros, Prédio 4, sala F3. Rio Grande – RS- Brasil

Fone: (53) 3293 – 5063

E-mail: ppgeducacao@furg.br

Pesquisadora Responsável: Suzana Kaiser

Endereço: Rua Firmeza, Nº: 467, Apt: 103, Bairro Salgado Filho, Rio Grande\RS.

Fone: (53) 91239738 \ E-mail: suzysks@yahoo.com.br

Apêndice B

Perguntas norteadoras do 1º Encontro:

- 1) Quais foram os motivos do retorno à escola?
- 2) O que fez abandonar a escola?
- 3) Conta sobre as antigas lembranças da escola?
- 4) O que mais gosta hoje nas atividades escolares? O que menos gosta?
- 5) O que muda na vida a partir da escolarização?
- 6) O que é ser escolarizada?
- 7) O que mudou em relação à escola no passado e a do presente?

Apêndice C:**Perguntas norteadoras do 3º Encontro:**

- 1)O que as pescadoras artesanais entendem por valorização profissional da categoria?
- 2)Qual é o significado deste pressuposto para a categoria?
- 3)O que é ser pescadora artesanal?
- 4)Significa a construção de políticas públicas que deem suporte ao seu trabalho?
- 5)Quais os afazeres das pescadoras artesanais?

Apêndice 4:**Perguntas norteadoras do 4º Encontro: COLETIVO**

- 1) Em que medida a escola contribui para a valorização profissional da categoria?
- 2) A escola pode ser um dos meios de luta para a valorização profissional destas trabalhadoras?
- 3) Que perspectivas a escola anuncia neste sentido através do Projeto Educação para Pescadores?
- 4) Quais os conflitos vivenciados pelas pescadoras quando voltam a escola?
- 5) Quais as dificuldades que ainda vivenciam no processo de escolarização?